

DM

# O Papel da Educação Visual, Estética e Artística na Construção de uma Identidade Cultural

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**Lisandra Romana Araújo Ribeiro**

MESTRADO EM GESTÃO CULTURAL



UNIVERSIDADE da MADEIRA

*A Nossa Universidade*

[www.uma.pt](http://www.uma.pt)

setembro | 2023

# O Papel da Educação Visual, Estética e Artística na Construção de uma Identidade Cultural

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**Lisandra Romana Araújo Ribeiro**

MESTRADO EM GESTÃO CULTURAL

ORIENTAÇÃO

Gonçalo Nuno Ramos Ferreira de Gouveia



# O Papel da Educação Visual, Estética e Artística na Construção de Uma Identidade Cultural

*The Role of Visual, Aesthetic and Artistic Education  
in the Construction of a Cultural Identity*

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Gestão Cultural  
Orientada pelo Professor Doutor Gonçalo Gouveia  
Departamento de Artes e Humanidades da Universidade da Madeira



“Um dia não haverá nenhum outro pensamento a não ser o da educação.”

**Friedrich Nietzsche**

“A Arte é um importante contributo para a nossa própria identidade e para o nível de consciência na sociedade em que vivemos.”

**Bjarne Sode Funch**

# Índice

<i>Índice</i> .....	4
<i>Índice de imagens</i> .....	7
<i>Agradecimentos</i> .....	8
<i>Resumo</i> .....	9
<i>Abstract</i> .....	10
<i>Metodologia da pesquisa e Estrutura da dissertação</i> .....	11
<b>PARTE I</b> .....	15
<i>Enquadramento teórico</i> .....	15
<i>Capítulo 1</i> .....	16
<i>Cultura, Multiculturalidade e Interculturalidade</i> .....	16
1.1 – Conceitos de cultura.....	16
1.2 – Multiculturalidade VS Interculturalidade.....	19
1.3 – Interculturalidade: Arte e Identidade Cultural .....	21
<i>Capítulo 2</i> .....	24
<i>Educação artística e estética</i> .....	24
2.1 – Arte e Percepção Estética – Conceitos e definições .....	24
2.2 – A influência da história da Arte no crescimento individual.....	30
2.3 – O valor da Arte.....	33
2.4 – Uma experiência estética nos Museus como complemento ao ensino das Artes Visuais .....	37
<i>Capítulo 3</i> .....	43
<i>Identidade</i> .....	43
3.1 – Conceitos e entendimentos atuais de Identidade.....	43
3.2 – Identidade Cultural e Estética .....	46

<i>Capítulo 4</i> .....	52
<i>A construção de uma Identidade Cultural e Estética na Região Autónoma da Madeira</i>	52
<b>4.1 – As políticas culturais para o desenvolvimento criativo</b> .....	52
4.1.1. – As indústrias culturais e criativas na Região Autónoma da Madeira.....	55
<b>4.2 – Um olhar sobre a educação não formal no ensino das Artes e da Cultura no caso concreto da Região Autónoma da Madeira</b> .....	62
<b>PARTE II</b> .....	70
<b>Da teoria à prática: Análise de situações concretas</b> .....	70
<i>Capítulo 5</i> .....	71
<i>Observar o Atelier Gatafunhos – Roteiro de observação direta participante</i> .....	71
<b>5.1 – O Atelier Gatafunhos, inserido na PORTA33</b> .....	72
<b>5.2 – O que observámos?</b> .....	74
<b>5.2.1 – Ambiente</b> .....	74
5.2.1.1 – Emotividade .....	75
5.2.1.2 – Atitudes e valores.....	78
<b>5.2.2 – Atividades</b> .....	83
5.2.2.1 – Perfil das crianças .....	83
5.2.2.2 – Atividades propostas .....	85
<b>5.2.3 – Comportamento</b> .....	94
5.2.3.1 – Interação e criatividade .....	95
<b>5.3 – Considerações finais sobre o Atelier Gatafunhos</b> .....	101
<i>Conclusão</i> .....	106
<i>Referências bibliográficas</i> .....	111
<i>Legislação consultada</i> .....	118
<i>Anexos</i> .....	119
<i>A.1 – Fotografias das sessões de observação</i> .....	I
<b>A.1.1 – “Cabeça nas Nuvens”</b> .....	I

<b>A.1.2 – “Raíces” .....</b>	<b>VII</b>
<b>A.1.3 – “A manta de retalhos” .....</b>	<b>XI</b>

## Índice de imagens

<b>Imagem 1</b> – desenho realizado a pastel de óleo sobre papel preto, por uma criança que frequenta o Atelier Gatafunhos .....	71
<b>Imagem 2</b> – fotografia da sessão “Cabeça nas Nuvens” .....	72
<b>Imagem 3</b> – Crianças a desenharem a pastel de óleo .....	80
<b>Imagem 4</b> – as crianças do atelier, com o gato residente da PORTA33 .....	82
<b>Imagem 5</b> – desenhos efetuados na primeira sessão de observação, a aguarela e marcador .....	86
<b>Imagem 6</b> – desenho efetuado na primeira sessão de observação, a aguarela e marcador	87
<b>Imagem 7</b> – desenho coletivo criado por todas as crianças do Atelier Gatafunhos .....	88
<b>Imagem 8</b> – menina a construir um desenho a partir da sua raiz .....	89
<b>Imagem 9</b> – desenho de um menino, onde retrata um hambúrguer a nascer da sua raiz ...	90
<b>Imagem 10</b> – desenho a pastel de óleo .....	92
<b>Imagem 11</b> – exercício prático .....	93
<b>Imagem 12</b> – fotografia do quadro .....	94

## **Agradecimentos**

Sempre ouvi dizer que a persistência realiza o impossível e que sozinhos não conseguimos nada, por isso sou grata a vocês, por tudo o que significam para mim, por tudo o que fizeram por mim e por tudo o que continuam a fazer.

Gratidão...

... ao Pedro, por ser a minha maior inspiração, por me fazer ver que os sonhos nos dão força para seguir em frente, encarar os desafios da vida e a não desistir das dificuldades que nos aparecem pela frente, por mais difíceis que aparentemente pareçam ser.

... aos meus pais, por tudo o que passaram e lutaram para que eu um dia chegasse aqui, com vida e com forças para continuar a estudar.

... à Petra, por ser uma querida irmã e não desistir de mim, sempre pronta a ajudar, sem nunca pedir nada em troca. É um exemplo de mulher, que me orgulho de ter na vida.

Eu poderia dizer imensa coisa, mas as palavras nunca serão suficientes para expressar o que vocês significam para mim e por serem sempre tão incansáveis comigo!

... ao Professor Doutor Gonçalo Gouveia, por toda a orientação e ajuda prestada, cujo conhecimento e ensinamentos foram essenciais e ficarão para sempre comigo.

... ao Atelier Gatafunhos, por me deixar observar as suas sessões, sempre de uma forma calorosa e enriquecedora. Sem esta observação não era possível a concretização deste trabalho. Por isso, agradeço incansavelmente à Artista Plástica Luísa Spínola, por todo o carinho, dedicação e disponibilidade.

Sem o apoio de todos vocês, nunca teria conseguido conquistar tudo o que conquistei até agora e que até há uns dias atrás acreditava ser impossível de concretizar.

## Resumo

A presente dissertação analisa os resultados de uma pesquisa cujo propósito foi o de conhecer o papel da educação visual, estética e artística na construção de uma Identidade Cultural. Defendemos que estas áreas, nas suas múltiplas vertentes, auxiliam a aprimorar o pensamento crítico e criativo de cada sujeito, contribuindo para o desenvolvimento cultural de cada indivíduo, seja através da criação de novos valores pessoais; seja através do conhecimento de outras culturas existentes no mundo; seja através da valorização das próprias diferenças culturais; seja construindo ligações ao passado; seja conhecendo e desenvolvendo a sua própria cultura, ampliando, nesse processo, as capacidades de compreensão e criatividade. Deve-se, assim, dar uma maior ênfase às Artes Visuais no sistema educativo, através da experiência estética e artística que, através das suas variadas manifestações e modos de intervenção, favorecem a criação e a expressão, reconhecendo a sua importância como valor imprescindível ao desenvolvimento do ser humano. Só por esta via o estudante consegue reconhecer e dar valor a formas artísticas de diferentes culturas e criar a sua própria identidade, porque o desenvolvimento cognitivo de um indivíduo só é completo quando abrange todo este enriquecimento estético-artístico e cultural. Nesta dissertação procede-se à análise de uma situação concreta neste âmbito, no contexto do Atelier Gatafunhos, um projeto educativo inserido no projeto PORTA33, através de uma observação direta participante, a fim de avaliar o comportamento de crianças e o impacto nestas de uma iniciativa educativa baseada nos princípios enunciados. Esta análise tem o objetivo de permitir o ensaio de algumas conclusões fundamentais para a nossa investigação, baseada na coleta e análise de dados concretos. Desta forma, pretendemos demonstrar que o ensino das Artes Visuais é uma via fundamental para a construção de uma Identidade Cultural, mais coesa e autêntica.

**Palavras-Chave:** Cultura, Multiculturalidade, Interculturalidade, Educação Estética, Artes Visuais, Identidade Cultural

## **Abstract**

The present dissertation analyzes the results of a research whose main purpose was to understand the role of visual, aesthetic and artistic education in the construction of a Cultural Identity. We argue that these areas, in their multiple aspects, help to improve each individual's critical and creative thinking, contributing to each individual's cultural development, whether through the creation of new personal values; whether through knowledge of other cultures existing in the world; whether through valuing their own cultural differences; whether by building connections to the past; whether by knowing and developing your own culture, expanding, in the process, your understanding and creativity capabilities. Greater emphasis should therefore be placed on Visual Arts in the educational system, through aesthetic and artistic experience which, through its varied manifestations and forms of intervention, favor creation and expression, recognizing its importance as an essential value to development of the human being. Only through this the student will be able to recognize and value artistic forms from different cultures and create their own identity, because an individual's cognitive development is only complete when it encompasses all this aesthetic-artistic and cultural enrichment. This dissertation also analyzes a concrete situation in this context, the context of Atelier Gatafunhos, an educational project included in the PORTA33 project, through direct participant observation, in which we could evaluate the behavior of children and the impact on them of an initiative educational based on the principles stated. This analysis aims to allow the testing of some fundamental conclusions for our investigation, based on the collection and analysis of concrete data. In this way, we intend to demonstrate that the teaching of Visual Arts is a fundamental way to build a more cohesive and authentic Cultural Identity.

**Keywords:** Culture, Multiculturalism, Interculturalism, Aesthetic Education, Visual Arts, Cultural Identity

## **Metodologia da pesquisa e Estrutura da dissertação**

Como metodologia utilizada na presente dissertação, usámos um método de pesquisa de cariz qualitativo, sendo este um método adequado e eficaz para que pudéssemos chegar às nossas conclusões, uma vez que:

“A investigação qualitativa insere-se hoje em perspectivas teóricas, por um lado, diferenciadas e, por outro lado, coexistentes e recorre ao uso de uma grande variedade de técnicas de recolha de informação como materiais empíricos, estudos de caso, experiência pessoal, história de vida, entrevista, observação, textos históricos, interactivos e visuais que descrevem rotinas, crises e significados na vida das pessoas.” (Aires, 2015, p.13).

Assim, foi possível fazer uma observação direta participante ao Atelier Gatafunhos, com a finalidade de vivenciar as mais variadas experiências existentes, dado que, segundo Aires (2015), a observação consiste na recolha, realizada de forma contínua, de diversas informações privilegiando o contacto direto com determinadas situações muito específicas. Passando por Aristóteles e por Comte, viajando até aos dias que correm, esta técnica tem vindo a existir e a ser utilizada desde que houve a necessidade de estudar o mundo, a sociedade e o natural, apresentando-se como uma técnica de pesquisa básica.

Contudo, não deixámos de lado a pesquisa bibliográfica, uma vez que tivemos que procurar entender todos os conceitos existentes ao longo da nossa história, para que pudéssemos entender as mais variadas reações nas crianças do atelier e, só assim, tivemos uma coleta de dados mais precisa, sendo que “O projecto de pesquisa descreve um conjunto flexível de linhas orientadoras que relaciona os paradigmas teóricos com as estratégias de pesquisa e os métodos de recolha do material empírico.” (Aires, 2015, p. 20). Assim, o seu enquadramento teórico passa por uma coleta de dados que permitem o estabelecimento sobre os conceitos de Cultura, Multiculturalidade, Interculturalidade, Identidade Cultural, Artes Visuais e Educação Estética.

Com isto, na nossa ótica, foi essencial consultar toda a bibliografia usada que se resume à leitura de um conjunto vasto de publicações periódicas, artigos de revistas, dissertações de mestrado, bem como, maioritariamente, de obras publicadas referentes à Educação Artística

e Estética, com o objetivo de aprofundar conhecimentos sobre o que já foi feito nestas áreas, com o intuito de implementá-la no Atelier Gatafunhos.

Em relação ao trabalho desenvolvido de observação direta participante, foi criado um roteiro antes com todas as questões pertinentes para a conclusão desta investigação, de forma a realizar um trabalho de observação, onde pretendemos entender até que forma as crianças que frequentam o atelier estão preparadas a nível cultural e a nível dos seus sentimentos e suas emoções, através das Artes Visuais, estudando a perceção estética, artística e visual dos alunos através das atividades propostas pela artista plástica Luísa Spínola, que é o corpo e o cérebro deste grande projeto, sabendo que a “redação do relatório, que constitui a última etapa do processo de investigação, desempenha, tal como a apresentação dos dados que nela será incluída, uma função de exposição – donde a sua associação à instância morfológica da metodologia.” (Lessard-Hébert, Goyette & Boutin, 2008, p. 131).

Após a recolha bibliográfica, da coleta de dados referente ao estudo de caso e da análise do mesmo, chegámos a uma conclusão: a de saber, por um lado, se as crianças que frequentam o Atelier Gatafunhos estarão preparadas para desenvolver a sua criatividade e valores estéticos e por outro, de que forma é que o ensino artístico e estético consegue promover e ajudar a desenvolver essa criatividade nos jovens, transmitindo os valores culturais da nossa Região.

Falando mais afincadamente da estrutura da Dissertação, podemos começar por referir que a primeira parte, é referente ao enquadramento teórico, e é possuidora de quatro capítulos, completamente essenciais para todo o processo de pesquisa e entendimento:

**Capítulo 1 – Cultura, Multiculturalidade e Interculturalidade:** Neste primeiro capítulo são abordadas diversas perspetivas acerca dos vários conceitos de Cultura, Multiculturalidade e da Interculturalidade. O grande objetivo aqui é refletir sobre a cultura e sobre a diversidade da mesma em toda a sua amplitude, deixando a ideia de que a Interculturalidade evolui entre culturas, com particular foco no ensino das Artes Visuais, criando a Identidade Cultural das pessoas. Uma vez que vivemos num mundo onde a Arte

funciona como um meio de comunicação importante entre culturas, transportamos a nossa Identidade Cultural mundo fora, formando o desenvolvimento cultural de uma sociedade.

**Capítulo 2 – Educação artística e estética:** Este capítulo transporta-nos para o papel das Artes na sociedade e a relação entre a Educação Artística e Estética. Aqui vamos refletir sobre a educação visual, estética e artística, que representam formas de conhecimento, nas suas múltiplas vertentes, pois, conforme iremos discutir no capítulo anterior, a arte revela-se essencial para o desenvolvimento do indivíduo, quer a nível cultural, como também criativo. Vamos constatar, de igual forma, que uma abordagem dos processos de formação deste na pré-adolescência e adolescência mostra-se importante, de modo a determinar as vias através das quais estes podem desenvolver determinados aspetos da sua vida, sendo úteis para o seu percurso pessoal, bem como profissional. Tendo tudo isto em consideração, procuramos desenvolver argumentos de maneira a conseguir provar até que ponto é que as artes influenciam o modo de vida de um estudante, nomeadamente, ao nível das Artes Visuais, da Filosofia da Arte e da Estética.

**Capítulo 3 – Identidade:** Neste capítulo, damos a mostrar diversos conceitos e entendimentos atuais de Identidade porque achamos importante falar da história desta palavra, que não comporta apenas uma definição, mas sim várias. Falamos de Identidade Cultural e da relevância que esta comporta para a Humanidade. De uma forma muito célere, notamos que a Identidade Cultural resume-se às particularidades de uma sociedade, provenientes da interação dos seus indivíduos e da forma como interagem. Mas como será a sua relação com a estética?

**Capítulo 4 – A construção de uma Identidade Cultural e Estética na Região Autónoma da Madeira:** Aqui o foco será a Região Autónoma da Madeira. Neste capítulo é feita uma pesquisa mais focada sobre de que forma a nossa Região transmite e acolhe a Arte. Para isto, discutimos a hipótese de existirem, ou não, políticas culturais e se existem, de que forma estas são implementadas. É discutida também, de forma sucinta, a importância que as mesmas possuem para o desenvolvimento criativo de um sujeito. Com base nisto tudo, não poderíamos deixar de dar o exemplo da educação não formal existente.

Em relação à segunda parte da nossa dissertação, é constituída por um único capítulo, onde passamos da teoria à prática, com o intuito de analisar uma situação concreta:

**Capítulo 5 – Observar o Atelier Gatafunhos – Roteiro de observação direta participante:** De forma a sermos coerentes, seguimos com a argumentação supracitada que tem como ponto principal uma reflexão sobre o ensino das Artes, da Estética e da Cultura ao nível do desenvolvimento intelectual e criativo de uma criança na faixa etária dos seis aos 12 anos, tentando procurar ver até que ponto as artes influenciam o modo de vida da mesma. Para este efeito, como estudo de caso, é apresentado o Atelier Gatafunhos, que está inserido na PORTA33. Para sustentar as conclusões apresentadas, foi realizada uma análise extensa de situações concretas, no seio do Atelier Gatafunhos, através de uma observação direta participante, com o objetivo de avaliar o comportamento das crianças, com a finalidade de poder retirar, através da coleta e análise dos dados, algumas conclusões fundamentais para a nossa investigação.

A nossa dissertação termina com uma pequena conclusão, e logo de seguida com a lista de referências bibliográficas e legislação aplicada, utilizadas ao longo do trabalho de investigação.

**PARTE I**  
**Enquadramento teórico**

# Capítulo 1

## Cultura, Multiculturalidade e Interculturalidade

Neste capítulo são abordados, através de um processo de pesquisa, algumas perspectivas de vários conceitos de Cultura, Multiculturalidade e Interculturalidade. Tendo o propósito de refletir sobre a cultura e sobre a diversidade da mesma, mostrando que a Interculturalidade evoluiu entre culturas, com particular incidência no ensino das Artes Visuais, criando a Identidade Cultural dos indivíduos. Dado que vivemos num mundo onde a Arte funciona como um meio de comunicação importante entre culturas, transportamos a nossa Identidade Cultural mundo fora, formando o desenvolvimento cultural de uma sociedade.

### 1.1 – Conceitos de cultura

A cultura faz, naturalmente, parte integrante da contemporaneidade, porém, é necessário ter em mente que sempre assim aconteceu, ao longo da história, fazendo constante referência à humanidade e à sua complexidade. Etimologicamente, a palavra cultura deriva do latim *cultura* ou *culturae*, estando este vocábulo ligado ao termo *cultus* que começou por estar estreitamente relacionado com a atividade agrícola. Por essa via, verifica-se uma relação dos termos “cultivar plantas”, “cultivar”, com a expressão “cultivar a mente e os conhecimentos”, que expressa o cultivo do espírito humano e das faculdades intelectuais do homem, nomeadamente nos campos das letras e da amizade, por analogia com o cultivo dos campos, de um ponto de vista agrícola. “Ao longo dos séculos, a definição de cultura tem evoluído e têm sido vários os significados atribuídos a este conceito.” (Pires, 2006, p. 35). Assim sendo, esta palavra teve várias definições ao longo da história, ainda que tal nem sempre seja evidente.

No Renascimento, a expressão latina *cultura animi* designava uma valorização pessoal que se alcançava através do estudo das letras greco-latinas. Segundo Ferin (2002), na Antiguidade Clássica, o conceito de cultura é referente à ação que o homem realiza, quer sobre o seu meio, quer sobre si mesmo, sempre com o intuito de aprimorar as suas qualidades e a cultura do espírito, permanecendo assim, até à Idade Média. A palavra cultura evoluiu ao longo do tempo e a partir da época do Iluminismo passou a estar associada ao processo

de civilização, no sentido do cultivo das faculdades espirituais, linguísticas, artísticas, nos campos das letras e das ciências. Na Antropologia, segundo Edward Tylor, temos uma perspectiva mais clássica do conceito de cultura, clássica porque é uma cultura que perdura ao longo do tempo, que serve de modelo nos dias que correm, mas que também se vem tornando mais abrangente ao longo do tempo, com o evoluir das sociedades que começam a tentar, a espaços, valorizar a cultura em vários campos, como podemos verificar na citação infracitada, onde nos apercebemos que o conceito efetivamente, subsiste:

“surgiu apenas no século XIX, com o antropólogo inglês Edward Tylor, considerado o “pai da antropologia”, que pela primeira vez englobou o conceito de cultura não só “a educação de espírito”, mas também as crenças, a moral e os costumes, assim como os hábitos e aptidões que o homem adquire enquanto membro de uma sociedade.” (Pinto, 2016, p. 2).

Edward Tylor, que é considerado o pai do conceito moderno de cultura, foi o primeiro professor de Antropologia na Universidade de Oxford. Foi também o responsável pelo uso da palavra cultura no seu sentido antropológico moderno. Partindo desta definição, a cultura propõe várias sentenças<sup>1</sup> vigentes numa sociedade, sendo que essas sentenças estão interligadas com os seus costumes e tradições que são transmitidos de geração em geração, resultando numa vivência e tradição em comum e apresentam-se assim como a Identidade dessa sociedade. O que significa que:

“entende-se por cultura de um grupo ou sociedade o estudo do conjunto de crenças, costumes, ideias e valores, bem como dos artefactos, objectos e instrumentos materiais, que são adquiridos pelos indivíduos enquanto membros de um grupo ou sociedade.” (Ferin, 2002, p. 37).

Por estas razões, “para Tylor, a cultura era um agregado em que cada um dos seus múltiplos aspetos era, aproximadamente de igual importância” (Pires, 2006, p. 37). Podemos entender

---

<sup>1</sup> A palavra ‘sentença’, neste contexto, significa uma afirmação cultural perante os outros – perante a sociedade, que são impostas ao indivíduo, ou seja, no seu nascimento, ou seja quando quer pertencer a um grupo social. No geral, em cada sociedade, estamos sujeitos a sua identidade cultural ao longo do nosso percurso. Se formos para outro contexto cultural, iremos receber outro *input* cultural, outras sentenças, que não nos pertencem, mas que tentaremos absorver de forma a perceber e nos integrarmos num determinado contexto cultural, sempre respeitando a diversidade existente. Vemos, por isso, uma sentença como algo bom, quase que como uma herança, algo com cariz positivo e não como negativo.

então que a cultura se considera um progresso espiritual, intelectual<sup>2</sup> e estético de uma civilização, ou de uma sociedade, estando relacionada também com o seu nível de evolução. A palavra cultura está ainda intrinsecamente relacionada com o modo de viver de uma civilização durante certos períodos de tempo. Segundo Pires (2006), a palavra cultura pode ter três características fundamentais: É essencialmente simbólica, permitindo os símbolos que utiliza desenvolver pensamentos complexos, razão pela qual privilegiamos a linguagem e outras formas de comunicação simbólica, como a arte, que permitem criar, explicar e registar novas ideias e informação; A cultura é aprendida, ou seja, o processo da sua construção pode durar a vida toda tornando-se, assim, num processo de aprendizagem contínuo – as crianças, por exemplo, aprendem regras sociais, ou uma língua, através dos adultos, mas, esse processo não se interrompe nessa fase; Por último, baseia-se num processo de partilha, uma vez que a cultura é constituída através dos grupos de uma sociedade, permitindo a cada um de nós preservar o resultado dessa partilha, sob formas culturais particulares, baseadas em modos de conhecimento coletivo que tanto se manifestam nas descobertas científicas como na produção e receção de obras de arte. Notamos que:

“torna-se necessário realçar que as definições variam na medida em que se coloca a tónica sobre a dimensão subjetiva da cultura, ou sobre a presença do aspecto referente aos valores, modelos de comportamento, critérios normativos interiorizados (modos de pensar, sentir, crer; orientações estandardizadas; mecanismos de regulação do comportamento, etc.), ou ainda sobre o carácter, por assim dizer objectivo, que as formas culturais assumem enquanto memória colectiva ou tradicional codificada e acumulada no tempo (hereditariedade social, depósito do saber, das técnicas, composto de história, superfície geográfica).” (Ferin, 2002, p. 33).

Por esta razão, a cultura corresponde às formas de organização de uma civilização, ou setor de uma civilização, aos seus costumes e tradições, transmitidas de geração em geração que, a partir de uma vivência e tradição comuns, apresentam-se como a Identidade do povo que a constitui. Assim, a palavra cultura, torna-se num conceito extremamente complexo e impossível de ser fixado de modo único e cada país, por exemplo, tem a sua própria cultura,

---

<sup>2</sup> Podemos assimilar estas duas palavras como idênticas, mas com alguma diferença. Enquanto a palavra espiritual pode ser definida como a forma que o ser humano usa para classificar tudo o que acontece de uma forma imaterial, dentro de si, onde pode ser relativa ao pensamento ou à mente, ou até à religião e crenças de um indivíduo e/ou sociedade, a palavra intelectual, por seu lado, também pode vir do espiritual, do que o ser humano acredita, onde luta pelas suas convicções; porém esta palavra denomina claramente a inteligência e capacidade de viver e de se integrar no mundo e na cultura.

que é influenciada por todos estes fatores. Logo, “A cultura enquanto criação humana exige, pois, a compreensão do tempo, da História e da sociedade.” (Martins, 2020a, p. 47).

## **1.2 – Multiculturalidade VS Interculturalidade**

Embora muitos autores venham considerando os conceitos de interculturalidade e multiculturalidade como sendo semelhantes ou até sinónimos, pretendemos aqui tentar fazer uma distinção entre os dois conceitos. Para este fim, começamos por ensaiar o entendimento que a interculturalidade surge quando duas ou mais culturas interagem de uma forma homogênea, nunca se sobrepondo uma a outra, trabalhando em conjunto entre si.

A definição de interculturalidade implica, assim, um respeito pela diversidade, embora a existência de conflitos seja inevitável e imprevisível, de acordo com a experiência histórica e atue contra a funcionalidade desse processo. No entanto, os conflitos poderão, precisamente, ser resolvidos promovendo o respeito mútuo e o diálogo entre culturas, com uma assertividade que é sempre necessária. Podemos afirmar que este conceito de interculturalidade é um conceito relativamente recente, apesar de muitos pensadores terem, ao longo da história, proposto entendimentos próximos. Note-se, neste momento, que uma das diferenças entre este conceito e o conceito da multiculturalidade prende-se ao facto de a interculturalidade pressupor a clara intenção de alimentar o diálogo e a relação entre diversas culturas. Isto é, “a interculturalidade poderá ser assumida como uma estratégia para a convivência e coabitação, ainda que se reconheça à partida que essa convivialidade, para além de complexa, poderá não ser pacífica nem imediata.” (Carvalho, 2016, p. 24).

Este entendimento de interculturalidade relaciona-se, de um modo próximo, com a construção de outros entendimentos e com a definição de certos modos de atuação, como por exemplo, as várias conceções de cultura, a identificação das barreiras de comunicação existentes, a definição de políticas governamentais que consigam remover alguns obstáculos à sua aplicação prática e, por fim, as grandes estratificações sociais que resultam em problemas económicos. Isto é:

“A questão da interculturalidade ultrapassou os limites dos países hegemónicos a partir do final do séc. XX com o crescimento dos processos globalizadores

mercantis operador por instituições transnacionais e a diminuição do poder dos estados-nações. A criação de um mercado mundial, onde são efetuadas trocas de bens materiais, mensagens e imigrantes proporcionou um aumento de fluxos e interações e diminuiu as fronteiras. O desenvolvimento das tecnologias de comunicações e as facilidades de deslocamento que permitem um aumento dos contatos de pessoas, ideias, bens e significados provocaram também um maior contato entre as diversas culturas.” (Vasconcelos, 2006, p. 2).

Existem, assim, fenômenos concretos de interculturalidade cada vez que indivíduos originários de culturas diferentes interagem através de meios digitais, seja através da *internet*, televisão ou qualquer outro meio que implique comunicação à distância.

O choque cultural motivado pelo fenômeno da globalização, ao qual todos estamos atualmente expostos, permite-nos não apenas contatar, mas também conhecer o mundo do outro. Este conhecimento é muitas vezes agente de mudanças nos nossos próprios costumes e valores. Assim:

“Quando falamos de respeito mútuo entre culturas e das diversas expressões da criatividade e da tradição, estamos a considerar o valor que a sociedade atribui ao seu património cultural e histórico ou à sua memória como fator fundamental para evitar e prevenir o «choque de civilizações»” (Martins, 2020a, p. 8).

O termo “Multicultural” adquire sentido no momento em que se verifica uma convivência e um entendimento efetivo entre várias culturas presentes num mesmo sítio, seja este real ou virtual.

Já o termo “Intercultural” surge quando duas ou mais culturas interagem de uma forma horizontal e cooperativa. Desta forma, nenhum dos grupos se deve encontrar acima de qualquer outro, promovendo-se a integração e a convivência entre todos os grupos constituintes da sociedade, sejam majoritários ou minoritários. A Multiculturalidade “não se constitui da justaposição de culturas, muito menos no poder exacerbado de uma sobre as outras, mas na liberdade conquistada, no direito assegurado de mover-se cada cultura no respeito uma da outra” (Freire, 1997, p. 156, citado por, Pereira 2016a, p. 106). Com isto devemos sempre acolher e respeitar a civilização do Outro porque este Outro deverá ser visto como alguém que merece respeito e, sobretudo, como um cidadão de pleno direito. O que significa que “o diálogo intercultural poderá revelar-se um instrumento essencial para uma

estratégia orientada para a interculturalidade como uma forma de comunicação e aproximação entre indivíduos ou grupos de diferentes culturas.” (Carvalho, 2016, p. 24).

Concluindo, “(...) a diversidade cultural pode ser definida como «a multiplicidade de formas pelas quais as culturas dos grupos e sociedades encontram sua expressão.»” (UNESCO 2005 artigo 4, ponto 1, citado por, Carvalho, 2016, p. 27). A Multiculturalidade permite entender as diferenças entre as culturas, esclarecendo aspetos aparentemente inconciliáveis que constituem obstáculos a uma interação positiva; a Interculturalidade cria as condições para uma experiência da diferença, através da aceitação de práticas baseadas na cultura do Outro, que se constituem, então, em elementos construtivos de uma interação positiva – e transformadora – entre essas culturas. “O multiculturalismo, entendido a partir de uma aceção mais operativa e descritiva refere-se à constatação da coexistência de grupos de diferentes origens étnicas e culturais no mesmo território.” (Carvalho, 2016, p. 21). A Interculturalidade tem como objetivo complementar, superando, a Multiculturalidade, na medida que se constitui como um elemento transformador da sociedade, tentando criar uma relação efetiva entre as diferentes culturas, e tentando acabar com a discriminação social, para que nenhum grupo se sinta posto de parte, seja por motivos culturais, ou outros.

### **1.3 – Interculturalidade: Arte e Identidade Cultural**

A Interculturalidade implica, assim, um respeito pela diversidade cultural e pelo outro, promovendo a interação entre culturas e favorecendo a convivência e a integração do indivíduo, num mundo globalizado. Como tal, na área da Educação, um dos objetivos principais, atualmente, deveria um desenvolvimento cultural mais alargado, porque o Interculturalismo vai ao encontro da interação positiva e funcional entre as diferentes culturas, sendo, por esse motivo, também fundamental para o indivíduo se conhecer melhor a si próprio enquanto agente de um cenário global. Demonstra-se, assim, que, “a *interculturalidade* poderá configurar numa alternativa renovada que assenta numa estratégia de mediação mais centrada no diálogo e na interação entre diversas culturas.” (Carvalho, 2016, p. 23).

Seguindo esta linha de raciocínio, devemos promover a Interculturalidade na educação dos mais jovens desde cedo, sem prejuízo de se precaver, em todos os momentos, a preservação da uma identidade própria, com o objetivo de promover uma viagem consequente através das múltiplas culturas, porque esta é a base do espírito e evolução humanas, e todas as culturas devem ser respeitadas e nunca liminarmente rejeitadas. Só assim, a cultura pode promover a evolução das civilizações, sendo que: “Numa esfera de fenómenos migratórios e de intensa globalização, a educação intercultural emerge como uma abordagem diferenciada, conjecturando uma abordagem baseada no respeito mútuo e na igualdade” (Fonseca & Pinho, 2020, p. 39). Através da interculturalidade, consolida-se uma clara intenção de alimentar o diálogo e a relação entre diversas culturas e nada melhor que a Arte para conhecermos verdadeiramente uma cultura porque esta constitui-se como um meio bastante eficaz para estimular a consciência de todos. Destacamos que “poderá representar uma estratégia de negociação cultural que liga e aproxima diferentes culturas” (Carvalho, 2016, p. 23).

Assim sendo, é fundamental que o ensino trabalhe de forma a evidenciar a importância desta disciplina para que esta possa desenvolver nos alunos a capacidade de comunicar utilizando os seus meios e assim gerar a sua Identidade Cultural, visto que “(...) la comunicación intercultural es un proceso lento que debe partir de la posición y la interpretación que cada persona tiene de su propia cultura y la otra o las otras con las que se relaciona”. (Ruíz de Lobera 2004, p. 92, citado por Oliveira, 2015, p. 226)<sup>3</sup>. Logo, a Identidade Cultural é ativada e dinamicamente enriquecida através do diálogo com outras culturas. Como se já se afirmou, acima, o termo “Intercultural” revela-nos uma interação positiva, funcional e transformadora entre culturas diferentes e através das Artes podemos construir uma percepção e apreciação da nossa cultura local, mas, também, da cultura de outras sociedades e só assim os indivíduos conseguem apreender, na sua complexidade e num cenário global, a sua verdadeira Identidade Cultural. Com efeito, “a Arte permite um tipo de experiências particulares, relacionadas com a contemplação, de carácter único e individual e que alargam os nossos campos de realidade.” (Gonçalves, 2018, p. 59).

---

<sup>3</sup> Tradução nossa: “(...) a comunicação intercultural é um processo lento que deve partir da posição e da interpretação que cada pessoa tem da sua própria cultura e com as outras com as quais se relacionam”.

Através das Artes, delineamos a representação de tudo o que nos rodeia. Podemos aceder à representação tanto dos traços emocionais, materiais e intelectuais que caracterizam as mais diversas sociedades.

No campo das Artes temos as Artes Visuais que transmitem significados que não podem ser comunicados através de nenhum outro tipo de linguagem. Porque estas usam a imagem, e recorrem a códigos parcialmente universais, mesmo que condicionados por certas características particulares, é possível entabular mais facilmente a comunicação com qualquer sujeito, de qualquer sociedade ou grupo. Além disso:

“A Arte dá-me a oportunidade de viver várias vidas em vez de uma só e, conseqüentemente, de enriquecer a experiência da minha vida real, de me unir a partir do interior com outra vida só com essa finalidade e em benefício do seu significado vital.” (Bakhtin, 1979, p. 72, citado por Leontiev, 2011, p. 133).

Não podemos entender a cultura de um país sem conhecer a sua Arte e só com o contributo desta se torna possível o entendimento completo de quem somos e do modo como sentimos as realidades que construímos. Através das Artes é possível desenvolver a percepção e a imaginação, apreender as realidades do meio ambiente, desenvolver uma capacidade crítica que permite analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade analisada. Sem conhecer as Artes de uma sociedade, só podemos ter um conhecimento parcial da sua cultura. Aqueles que se engajam na tarefa vital de construir uma identidade cultural livre de preconceitos e capaz de evoluir não podem alcançar um resultado significativo sem o conhecimento das artes. Aliada à prática de uma interculturalidade conseqüente e continuada, as artes tornam-se hoje, na sequência do que ocorreu ao longo da História, uma ferramenta essencial na construção de uma sociedade livre, porque sucessivamente capaz de se transformar e progredir, e um meio essencial ao devir de uma individualidade empenhada e efetivamente integrada.

## Capítulo 2

### Educação artística e estética

Este capítulo aborda, em termos gerais, o papel das Artes na sociedade e a relação entre a Educação Artística e Estética. Aqui refletimos sobre a educação visual, estética e artística, que representam formas de conhecimento nas suas múltiplas vertentes, pois, conforme discutimos no capítulo anterior, a arte revela-se essencial para o desenvolvimento individual, ao nível cultural, mas também criativo. A abordagem dos processos de formação do indivíduo a estes níveis, nomeadamente no período da pré-adolescência e adolescência, revela-se importante, de modo a determinar as vias através das quais estes podem desenvolver determinados aspetos da sua vida, sendo úteis para o seu percurso pessoal, bem como profissional. Tendo estes pressupostos em consideração, neste capítulo procuramos argumentar até que ponto as artes influenciam o modo de vida de um estudante, percorrendo os entendimentos mais significativos, atualmente, acerca das Artes Visuais, nomeadamente, ao nível da Filosofia da Arte e da Estética.

#### 2.1 – Arte e Perceção Estética – Conceitos e definições

A Arte é um termo que vem do latim, relacionado com a palavra *ars*, que significa habilidade. Mas o que é a Arte? A definição de arte tem sido desde sempre debatida entre os filósofos, ao longo dos séculos, sendo que varia de acordo com a época e cultura no seio da qual é formulada, constituindo uma pergunta de difícil resposta. Contudo, na sequência da argumentação desenvolvida no capítulo anterior, “A Arte tem desempenhado um papel essencial em diversas culturas desde tempos imemoriais, isto é, até há pouco tempo.” (Yenawine, 2011, p. 193). Posto isto, constata-se que existem muitas definições de arte e o seu significado varia de acordo com a época e a cultura de cada um, conforme se referiu.

A Arte nunca não deixa de ser o reflexo da cultura e da história do ser humano, considerados todos os valores estéticos da beleza, equilíbrio e harmonia, sendo que “A definição do que é a arte é sempre dada previamente pelo que ela foi outrora, mas apenas é legitimada por aquilo em que se tornou, aberta ao que pretende ser e àquilo em que poderá talvez tornar-se.” (Adorno, 2018, p. 14). A arte está presente desde os primórdios do ser humano, seja como

ferramenta auxiliar à sua sobrevivência no meio natural, para conseguir ultrapassar as dificuldades mais urgentes desse período da História, entre as quais caçar e alimentar-se, mas também expressar-se através das hoje icônicas pinturas em cavernas que podemos encontrar um pouco por todo o mundo, uma vez que, “Um mundo sem arte seria um mundo incompleto. A arte está presente como forma de comunicação social desde tempos imemoriais (em boa verdade, desde que habitámos as cavernas)”. (Gouveia et. al., 2020, p. 13). Com efeito:

“Olhando para dentro de si, o Homem tenta ver-se e ver o outro, para entender, para prever, para programar, e também para poder sonhar, relacionando continuamente os impulsos com as motivações, com os pensamentos, com as acções, emoções e percepções.” (Gonçalves, 2018, pp. 17-18).

A Arte serve para transmitirmos o que sentimos e experimentamos e desde muito cedo o ser humano sentiu a necessidade de expressar a sua realidade através de múltiplos modos de representação, servindo-se de diversas formas artísticas, que se prolongaram, desenvolvendo-se ao longo da nossa história. Sendo que “Durante a sua trajectória, o Homem não escolhe conhecer apenas a realidade que o circunda, desejando também conhecer-se no interior das fronteiras da sua pele, e ao(s) outro(s), para com o outro tomar conta e consciência de si.” (Gonçalves, 2018, p. 18).

Dito isto, podemos começar por referir que a Arte é uma das formas mais fundamentais e complexas do ser humano expressar os seus sentimentos, vivências e emoções, visto que “A Arte é um importante contributo para a nossa própria identidade e para o nível de consciência na sociedade em que vivemos.” (Funch, 2011, p. 126). A Arte é aqui definida como uma atividade que manifesta uma estética visual, desenvolvida e concretizada por artistas que se baseiam em suas próprias emoções, mas não só. A Arte é um espelho da sua época e de uma cultura que foi vivida.

A Arte é indissociável de uma atitude estética, mais ou menos consciente, e o ser humano cria o que pode ser entendido como beleza ao se expressar através das mais diversas formas,

sendo assim fundamental para qualquer definição de arte os entendimentos de intuição<sup>4</sup> e de expressão<sup>5</sup>. A Arte tem a capacidade de revelar, por esta via, os valores fundamentais do ser humano, num determinado momento, e hoje entendemos que desde os seus primórdios ela é um símbolo da sua mais pura essência, refletindo de modo indelével os seus sentimentos, valores e pensamentos estruturantes ao longo dos tempos. A Arte desenvolveu-se sempre com o intuito de plasmar pensamentos, que refletem valores, e expressar sentimentos, embora por meios, linguagens formais e estéticas muito diferentes.

“Considera-se que a arte é uma das formas de contribuir para a felicidade, maturidade, plenitude das pessoas. Isto dificultou o trabalho do professor de arte, porque pressupõe algo mais que o domínio de algumas técnicas específicas. Exige um certo conhecimento das faculdades, necessidades, e evolução da mente humana.” (Arnheim, 1997, p. 333).

A Arte tem uma importante função social na medida que, ao constituir-se como um instrumento de coesão cultural, concretizando e disseminando valores, e ao ser uma ferramenta de domínio ou de sedução, que nunca se extrai à marca da mão, ou mãos, que a concebe e executa, expõe características históricas e culturais de uma determinada sociedade, mas é também um reflexo da essência humana individual: “São as artes que propagam os significados que não podem ser transmitidos através de nenhum outro tipo de linguagem, por isso é que não se pode conhecer um país sem entender a sua cultura.” (André, 2010, p. 56). Ela existe em todas as culturas e a sua definição foi e continua sendo discutida incansavelmente.

Por tudo isto, é importante que a Educação artística seja privilegiada e proporcionada desde muito cedo, sendo que:

“se o professor de artes conseguir aumentar a percepção estética e a sensibilidade, a educação artística pode ajudar a incrementar uma teoria de identidade cultural colectiva, a par da noção da existência de diferentes

---

<sup>4</sup> Podemos pensar na intuição como algo não racional, oriundo do nosso pensamento – do nosso Eu Interior, algo que usamos irracionalmente para expressar o que sentimos e/ou queremos, neste contexto, através das Artes.

<sup>5</sup> A expressão é a forma como transmitimos os nossos pensamentos, seja através das artes visuais, ou não, onde usamos formas, cores ou movimentos, formando uma forma de conhecimento inconsciente, ou seja, da nossa intuição.

identidades e contribuir para uma afirmação cultural transnacional, sem que haja um esvaziamento das diferentes nacionais.” (André, 2010, p. 57).

A palavra estética “vem da palavra grega *aisthesis* que designa simultaneamente a faculdade e o ato de sentir (a sensação e a percepção)” (Talon-Hugon, 2015, p. 7), e o seu significado, efetivamente, está dependente dos entendimentos de sensibilidade, sentimento, percepção, sensação e experiência, O que significa:

“Num primeiro sentido — que, aliás, é o seu sentido primordial — a Filosofia da Arte designa originariamente a *sensibilidade* (etimologicamente *aisthesis* quer dizer, em grego, *sensibilidade*) como tendo o duplo significado de conhecimento sensível (percepção) e de especto sensível da nossa *afectividade*.” (Huisman, 1981, p. 9).

Na Antiguidade, com os filósofos Platão e Aristóteles, a estética é pensada como a via para a definição do Belo Ideal e o Bem, ou seja, constitui-se essencialmente como uma teoria do Belo. De acordo com Sousa (2020), Aristóteles entendia que a obra de arte poderia ser um estímulo que provocava descargas emocionais no indivíduo – designando-se essas descargas por *catarse*<sup>6</sup> – proporcionando-lhe um estado de reequilíbrio e acalmia. Platão, por sua vez, considerava que a Beleza de uma obra de arte residia no estado espiritual que essa obra produzia em quem a contemplava – referindo-se a um Belo Ideal, onde o Belo era algo de espiritual e não material, e sendo este a causa do Bem.

Na época das Luzes, no Século XVIII, na Alemanha, com Immanuel Kant, a “estética” é pensada como uma teoria do gosto, propondo-se uma teoria do juízo estético, onde “O conceito fulcral do juízo estético é a beleza, mas existem diversos outros conceitos que se podem igualmente aplicar às artes.” (Höge, 2011, p. 38). Ainda segundo Höge, Kant é deveras notável por ter inventado a via subjetiva de pensamento relativa à questão do juízo estético e sublinha que o juízo estético não passa de pura contemplação. Entende que não envolve um interesse ou desejo, chegando a impedir qualquer desejo. Refere que não passa de um juízo livre na sua essência, chegando a se refletir no sentimento de prazer e desprazer,

---

<sup>6</sup> *Catarse*, segundo Aristóteles, é um conceito que significa limpeza e purificação das almas, que ocorria através de uma grande descarga de sentimentos e emoções, emoções essas que poderão ser de terror, felicidade, ou até mesmo de medo e assim, quem passa por este processo de *catarse*, consegue libertar-se das suas emoções e começar a sentir as emoções provocadas esteticamente.

em que o sujeito sente ele próprio. Como se pretendeu demonstrar: “Obviamente, e não há qualquer dúvida, o juízo estético é, com efeito, um juízo emocional.” (Höge, 2011, p. 57). Ainda no contexto alemão, temos a teoria da sensibilidade e do conhecimento do sensível com Baumgarten, visto que:

“Baumgarten esperava ter descoberto uma nova via de aquisição de conhecimento, fragmentando o conceito lógico-matemático de raciocínio e ciência. A estética, como tipo de ciência não-redutora, devia superar as ciências naturais dominantes através do seu estatuto de uma correspondência com a cognição superior (analogon rationis).” (Höge, 2011, p. 33).

A respeito disto, Martindale (2011), ressalva que Baumgarten defendia que o conhecimento deriva não só da sensação, como também da lógica ou cognição. (Martindale, 2011, p. 69).

No Século XIX, no âmbito e na esteira do Romantismo Alemão, com Friedrich Schiller, Friedrich Hegel e Friedrich Nietzsche a estética é pensada como a filosofia da arte. Sendo que “Para Hegel, a Beleza é a aparição sensível da ideia: o conteúdo da arte é a ideia; a sua forma, a configuração sensível e imaginativa.” (Huisman, 1981, p. 44).

Ou seja, ao longo da história verificamos que a palavra “estética” teve vários significados, dependendo das diferentes épocas da história da humanidade. Com efeito, “A estética é uma reflexão sobre um campo de objetos dominado pelos termos de «belo», «sensível» e «arte.»” (Talon-Hugon, 2015, p. 8). Podemos, assim, referir que é uma área do conhecimento que lida com a questão da beleza, embora não se esgote nessa questão e esta tenha perdido o seu protagonismo em épocas mais recentes; que pondera, inevitavelmente, as questões relacionadas com os mecanismos da perceção humana; com os processos epistemológicos; com os processos de construção das emoções e os modos da sua expressão; e que, forçosamente, deve articular-se com o entendimento de arte.

Um termo importante a referir é, pois, perceção. Este termo designa o modo como processamos mentalmente os sinais da realidade sensível, ou seja, que é possível captar através dos cinco sentidos, atribuindo-lhes um significado. A perceção estética refere-se a um processo perceptual específico no qual se verifica a intervenção dos entendimentos estéticos do indivíduo, podendo estes serem mais ou menos conscientes, particularizados

sistemáticos ou intuitivos, sendo assim um processo mental com características particulares. Temos a mais autêntica percepção que podemos presenciar, porque a qualidade estética é fundamental para compreender a beleza de um objeto, quando a percepção serve para o captarmos e entendermos.

As palavras Artes, Estética e Percepção estão intimamente interligadas porque juntas são uma forma do ser humano se mostrar e comunicar, ao mesmo tempo que provocam diferentes sensações e sentimentos ao indivíduo. Além disso, a arte contribui para o desenvolvimento cultural de uma civilização e, conseqüentemente, para a formação estética de um indivíduo. E partindo deste pressuposto: “a educação artística deverá ser um polo de dinamização da sensibilidade estética e da promoção das várias expressões, no âmbito da comunicação humana, cultivando os vários talentos e respeitando a multiplicidade.” (André, 2010, p. 57), e segundo Arnheim (1997), o conceito expressão, entra na área da estética por intermédio da configuração expressiva da forma, cor e movimento. Ou seja, quando falamos de percepção estética, falamos também de todo o meio envolvente e de todas as formas que nos podemos expressar. E com este pensamento, devemos pensar que “O ensino da arte transformou-se na educação da arte, isto é, a arte está a ser aceite como um instrumento essencial na formação e na expressão da personalidade humana.” (Arnheim, 1997, p. 29).

Posto isto, a arte é uma das melhores formas que o ser humano tem de expressar os seus sentimentos e emoções. É possível associar a estética à formação do indivíduo, onde o ajuda a criar significados, ideias, conceitos e interpretações dos objetos e do mundo que o rodeia. Portanto, “A estética com o seu radical na filosofia e com fortes cruzamentos com a História é um território fértil e propício em ato, para o que se torna necessário caracterizar o seu papel na educação e em particular na educação artística.” (Tavares, 2018, p. 116). Ao ampliar a conceção de estética e, naturalmente, da arte presente em toda a humanidade, entendemos que a estética não existe sem a arte, “Logo educar, “esteticamente” ou através da estética pressupõe aceitar que domínio do “estético” se integra naturalmente na educação artística, balizada esta última por um contexto criativo e experiencial.” (Valente, 2018, p. 30).

## 2.2 – A influência da história da Arte no crescimento individual

Fazendo uma reflexão sobre os pontos anteriores, sabemos que a arte está presente em toda a humanidade desde o início da Humanidade, estando relacionada às primeiras formas de expressão humana e, dependendo da época e lugar, manifestou-se sempre de diferentes formas e feitios. A arte é implementada na nossa vida desde muito cedo, ainda quando somos crianças pois ela é importante para o nosso crescimento, nunca esquecendo que “As crianças adoram as artes. As crianças adoram interagir, experimentar e participar na diversidade de modos de expressão, criação e fruição que a vivência artística permite.” (Oliveira & Milhano, 2010, p. 11).

Este convívio com as artes contribui visivelmente para o desenvolvimento criativo das crianças, tornando-as mais sensíveis e mais atentas ao que as rodeia, visto que “a necessidade de criar é uma parte saudável do ser humano, sendo a atividade criativa acompanhada de sentimentos de satisfação e prazer, elementos fundamentais para o bem-estar emocional e saúde mental.” (Alencar, 2007, p. 45). Porém, a criatividade das crianças precisa de ser trabalhada e desenvolvida, e é nas escolas que isso é possível, através da história da Arte e de toda a experiência criativa que isso acarreta. Alencar (2007), defende que a criatividade é uma particularidade que difere de pessoa para pessoa apenas em grau e que todas as pessoas são genuinamente criativas. Com isto, as crianças ao conhecerem e ao terem contacto com a história da Arte, conseguem entender a evolução da arte ao longo da mesma, mas também sobre a sociedade como uma só, entendendo que “É a aprendizagem sobre as várias culturas que transmite a sensibilidade para perceber as diferenças, tornando mais fácil encarar o outro sob o prisma da compreensão.” (Pinto, 2016, p. 5). Assim, percebemos que a arte reflete e sempre refletiu os aspetos ambientais, religiosos, políticos, sociais e económicos, que surgem ao longo dos tempos, com a evolução de uma determinada época e sociedade.

A história da Arte “é uma disciplina em plena expansão no plano nacional e internacional.” (ALTET, 2021, p. 93), e é uma área do saber que aborda as diversas manifestações artísticas, criadas com o propósito estético para o ser humano expressar ideias, emoções e formas de ver o mundo. Como podemos perceber, ela acompanha o desenvolvimento da história da humanidade e está relacionada com a cultura dos povos, a fim de os compreender. A história da Arte é uma área do conhecimento que analisa os estilos artísticos, as suas modificações,

obras de arte e o valor estético das obras produzidas. Ou seja, é a “história de arte, fundamental para podermos dizer que há arte, que algo é arte. Fala-se aqui, por isso, de uma definição histórico-intencional de arte.” (Miguens, 2022, p. 77). Se as crianças estudarem o passado e a arte de um povo, poderá surgir alguma curiosidade sobre a arte ou sobre algum tipo de arte, que poderá ajudar no seu desenvolvimento e crescimento individual, sendo que:

“A educação está hoje muito virada para a educação multicultural e transcultural, o conhecimento, a compreensão e a valorização de várias culturas é visto como um factor de riqueza do currículo e como um meio para a valorização e preservação de culturas locais.” (Eça, 2010, p. 96).

Normalmente, o primeiro contacto que as crianças têm com a arte é na escola e, neste sentido, é preciso verificar que este processo de aprendizagem só acontece se as crianças aprenderem a história da Arte, praticarem e experimentarem as suas técnicas através da educação artística. Os pilares da educação artística são evidentemente: o de incentivar a criatividade; a sensibilidade; o valor estético. Defendemos que “no primeiro ciclo do ensino básico, a educação artística é considerada um dos núcleos de aprendizagem essencial, entre outros.” (Valente, 2019, p. 201), sendo que a devemos implementar desde muito cedo, na vida estudantil das nossas crianças.

As artes sempre desempenharam um papel fundamental no desenvolvimento e formação das crianças e jovens e notamos que quando as pessoas estão envolvidas com as artes desenvolvem melhor as suas competências sociais, artísticas e culturais, uma vez que “É importante, pois, que a educação compreenda que as artes são áreas do saber e disciplinas com origem, história, questões e metodologia.” (André, 2010, p. 58). Uma das formas que a arte se faz representar é através das Artes Visuais. Podemos considerar que as Artes Visuais retratam a realidade ou a imaginação, podendo envolver áreas como o desenho, e notamos que “Através do desenho, a criança representa muito mais o que sabe do que o que vê.” (Rodrigues, 2022, p. 28). Esta forma artística está relacionada com as cores que, segundo Gonçalves (2018), podemos associar as cores às emoções. Porém, esta associação não é simples e linear. Na realidade, a nossa percepção da cor pode condicionar a nossa relação com as próprias cores, isto é: se determinada cor nos provocou algum desconforto numa dada situação vivida, é natural que a nossa relação com essa cor se transforme. (Gonçalves, 2018, p. 92). Ou seja, se as crianças associam uma cor a um episódio menos bom das suas vidas,

poderão associar sempre essa cor a este sentimento, partindo do seu lado emocional. Podemos referir que “O desenvolvimento da expressão individual das crianças por meio da arte está estreitamente ligado ao seu bem-estar emocional. Esse tipo de objectivo está associado a todas as formas de arte, mas, em particular, às artes visuais.” (AEEAC e EURYDICE EIECP, 2010, p. 20).

O ensino das Artes Visuais é fundamental para o desenvolvimento das capacidades das crianças, também para ajudá-las a criar a sua própria identidade, desafiando os seus limites e reconhecendo os seus talentos, visto que “O contacto com as artes, quando vivido e compreendido, respeitará sempre a um processo íntimo do desenvolvimento da personalidade dos indivíduos.” (Fróis, 2012, p. 64). Com isto percebemos que é deveras importante que ela esteja presente nas escolas e na vida das crianças, já que:

“O sistema educativo pode ser encarado como um meio para preparar as crianças para o seu lugar num mundo cada vez mais incerto. As escolas têm um papel a desempenhar, ajudando os jovens a desenvolver um sentimento de auto-confiança, tanto como indivíduos como enquanto membros de vários grupos na sociedade.” (AEEAC e EURYDICE EIECP, 2010, p.7).

Notamos, desta forma que a cultura possui um papel de atriz principal uma vez que mostra-se fundamental na forma como as crianças interpretam e veem o mundo. O desenvolvimento do significado e a adoção de ferramentas culturais adequadas da atividade humana são os desafios básicos da aprendizagem inicial, porque “La educación es un proceso intelectual que tiene que ver fundamentalmente com la gestión de conocimiento.”<sup>7</sup> (Acaso, 2014, p. 40). É imperioso, na nossa opinião, retermos que:

“As concepções de arte, sustentadas pelas correntes modernas de pensamento sobre a cultura e a sociedade, vieram alterar profundamente o papel das artes, factor que obriga os educadores a desenvolverem novas práticas pedagógicas, no sentido de proporcionar às crianças e aos jovens uma educação que não só forneça meios para a compreensão e preservação das culturas minoritárias – que estão em risco perante a globalização – mas que contribua, igualmente, para o conhecimento e para a criação das suas identidades pessoais.” (André, 2010, p. 54).

---

<sup>7</sup> Tradução nossa: “A educação é um processo intelectual que tem a ver fundamentalmente com a gestão do conhecimento”.

Bahia (2020) questiona que se as artes e a educação artística e criativa trazem tantos benefícios para o desenvolvimento e a aprendizagem, porque é que ainda não as incorporamos totalmente no sistema educativo? Diz-nos ainda que talvez possamos agregar o que precisamos de mudar em cinco ideias primordiais: mais emoções, mais sintonia com o que os alunos pensam e sentem, mais cooperação, uma reflexão crítica e profunda sobre os valores que subjazem as ações e, mais que tudo, modificar a perspética que domina a Educação. (Bahia, 2020, p. 19). Assim teríamos crianças mais desenvolvidas e felizes que futuramente seriam adultos mais responsáveis, mais confiantes de si e mais conhecedores do mundo que os rodeia.

### **2.3 – O valor da Arte**

Aqui não queremos falar de valor da Arte como o preço de alguma obra de arte no mercado. Ao invés, queremos falar de valor como a importância que damos a essa mesma obra. Iniciamos esta reflexão, referindo que “A ideia de algo que é valioso em si mesmo, ou fundamentalmente valioso, ou valioso em função de nada mais, é intrigante, embora não haja unanimidade acerca de como se deveria ao certo elucidar esta ideia, nem acerca do que ela apropriadamente inclui.” (Levinson, 2020, p. 135). Assim, vamos tentar dilucidar o quão importante ela é para nós – humanidade. Sabemos que “Os valores veiculados pelas artes ligam os mundos em que vivemos, e vivem na percepção humana que junta a inteligência, a imaginação e o sentir mais profundo.” (Fróis, 2012, p. 65). Podemos classificar estes valores estéticos, como por exemplo, no belo, no equilíbrio ou na harmonia. Estes valores resumem as emoções, sentimentos, história e cultura da humanidade. E assim, vemos que “Para além da sua importância numa perspectiva individual ou colectiva, a arte pode ser vista como resultado de um conhecimento” (Pereira, 2016b, p. 15).

Como refere Adorno (2018), o interesse estético centrou-se nas obras de arte. Seguindo estes pensamentos, sabemos que podemos contemplar a Arte através das obras de arte e, assim, se falarmos do valor da Arte, podemos referir que o valor é visto como a importância do que nós sentimos ao ver a arte, de como a admiramos e estimamos e, “Por causa do apelo estético e das suas dimensões cognitiva e emocional, a arte gera interação dialógica e consegue a proeza de fazer aprender, fazer sentir, fazer pensar, fazer relacionar/dialogar.” (Gouveia et.

al., 2020, p. 14). Só conseguimos perceber as obras de arte se tivermos conhecimento sobre as mesmas, dependendo da época e movimento de que a mesma pertence, pois:

“O momento histórico é constitutivo nas obras de arte; as obras autênticas são as que se entregam sem reservas ao conteúdo material histórico da sua época e sem a pretensão sobre ela. São a historiografia inconsciente de si mesma da sua época; o que não é o último factor da sua mediação relativamente ao conhecimento.” (Adorno, 2018, p. 277).

Como refere Pereira (2016b), se o poder que uma obra de arte tem em nos tornar mais humanos, poderá constituir a sua validade estética e antropológica e o seu enquadramento contextual de carácter histórico, biográfico ou simbólico poderá beneficiar a sua compreensão. Assim sendo, só têm um certo valor para pessoas de uma determinada época ou de um determinado círculo cultural porque as obras de arte apresentam características da época ou do movimento artístico do qual o artista faz parte:

“A arte tem natureza comunicativa, forma estética e riqueza expressiva, emocional e simbólica. Por isso, um objeto artístico pode produzir um relato psicológico, sociológico e histórico complexo acerca da época, do lugar, da comunidade e dos individuais que a produziram.” (Gouveia et. al., 2020, p. 13).

Com isto, percebemos que o valor de uma obra de arte depende primeiramente da sua função na sociedade, ou seja, do homem que a aprende. “Segue-se daqui que a expressão da emoção, simplesmente como expressão, não se dirige a nenhum público em particular. Dirige-se, em primeiro lugar, ao próprio locutor e, em segundo lugar, a todo aquele que o puder compreender.” (Collingwood, 2009, p. 45). Contudo, a compreensão de uma obra de arte, no entanto, só é possível quando esta puder ser entendida por um apreciador com sensibilidade artística e estética, visto que “O conhecimento funde-se quase sempre com a expressão directamente percebida, dando lugar a uma expressão mais complexa.” (Arnheim, 1997, p. 73).

A sensibilidade no campo da arte depende, por sua vez, da inteligência, do ambiente sociocultural, da língua, da tradição, da cultura, da educação e de outros fatores. “Se melhor compreendermos a arte como reflexo da sociedade em que vivemos, melhor se entenderá o contexto que justificará a natureza da arte” (Ferreira, 2007, p. 85). Ou seja, se entendermos

as obras de arte, elas poderão nos transmitir emoções, como por exemplo, o prazer, por nos preencherem determinadas necessidades, porque “Uma obra de arte não é apenas um jogo de formas e de cores, tornando-se meramente decorativa. É também uma obra expressiva, porque exterioriza as inquietações mais profundas da natureza humana.” (Rodrigues, 2022, pp. 14-15).

Estas emoções de que falamos, também podemos chamar de emoções estéticas, que são um tipo de sentimento que só as obras de arte conseguem despertar em nós e que se distinguem dos sentimentos provocados por quaisquer outros objetos:

“A garantia de qualidade de uma obra de arte, ou da sua eficácia, não deve estimar-se na sua directa capacidade de emitir emoções discerníveis ou indiferenciadas. Com efeito, é *a emoção estética* a maior experiência que uma obra de arte pode proporcionar.” (Gonçalves, 2018, p. 255).

De acordo com Gonçalves (2018), para identificarmos uma verdadeira obra de arte, e todo o seu valor, é se ela nos provocar uma emoção estética – a maior experiência que podemos presenciar. Porém, “Arnheim recusa-se a falar das emoções, mas, de um ponto de vista fenomenológico, as suas observações abrem caminho para uma apreciação emocional artística em que as emoções variam de uma situação para a outra.” (Funch, 2011, p. 114).

“Os psicólogos falam tanto de sentimentos como de emoções, mas reconhece-se que a distinção entre os dois termos não é clara. Emoção costuma usar-se para descrever a agitação ou para designar um estado de espírito pela agitação que comporta. O sentimento costuma aplicar-se às reações cognitivas que parecem desafiar toda a possível decomposição ulterior.” (Arnheim, 1997, p. 305).

Vemos assim, que a arte é um elemento pedagógico muito importante como fator de transformação no comportamento humano, onde desperta a sensibilidade do Ser. E, “Se a arte for a expressão da emoção, o artista enquanto tal deve ser completamente cândido e o seu discurso deve ser absolutamente livre.” (Collingwood, 2009, p. 49). Podemos dar o exemplo de, aquando a visita a um museu e os seus quadros expostos nos chamam a atenção, onde a pessoa mergulha nesta experiência de plenitude. Somos seres relacionáveis, e por essa razão, a arte se tornou numa grande ferramenta de comunicação para expor sentimentos e emoções, através das nossas expressões, visto que “se nos propõe que a arte é expressão,

perguntaremos «expressão de quê?». A resposta pode ser que a arte é expressão de sentimentos e emoções comuns a todos os humanos.” (Miguens, 2022, p. 70), e a “A expressão é própria da Vida, impondo-se, até, de um modo involuntário. Todos nós exprimimos, instintivamente, os estados psíquicos de medo, de coragem, de tristeza, de alegria, etc.” (Carvalho, 2004, p. 50).

Com a arte a cultura se constrói, sendo que ambas estão completamente interligadas e a arte visa proporcionar o processo de criação no indivíduo, levando-o a desenvolver a sua criatividade e raciocínio, sendo que “A arte reflecte afiliações étnicas e culturais e mostra percepções culturais distintas.” (Eça, 2010, p. 95). Entre o objeto de arte e o espectador existe uma experiência, um saber utilizado pelo olhar, dado que “os olhos sozinhos de nada valem porque não são eles que vêem.” (Gonçalves, 2018, p. 43).

Há um poder do olhar em inventar sentidos sobre o que se vê e, na medida que a percepção se abra para o mundo particular do objeto, instala-se no seu circuito. O olhar responde às suas provocações, desenhando imagens imaginárias, cujos contornos não são reflexos de verdades prévias, mas a realização do espetáculo de reaprender a ver. O conhecimento não possui total domínio na leitura do objeto de arte; porém, ele pode ser o que se vive num determinado momento. Se as novas evidências são verdades, na arte essas verdades nunca se extinguem.

Porém este pensamento de valor de Arte nem sempre foi o mais correto porque, “Aliás é facilmente verificável na sociedade em que vivemos, ainda alguma desconfiança relativamente à prática artística, assim como o que a envolve.” (Tavares, 2018. p. 118). Notamos que a nossa sociedade não aceita a arte como aceita as outras áreas existentes, onde a arte é vista como um passatempo, sem futuro. Uns olham a arte como algo meramente comercial, outros olham como algo em desuso e para decoração, alguns que simplesmente se serve dela para passar o tempo em casa, como *hobby*, mas sem sentimento estético nem fruição. Mas será que a morte da arte está para chegar? Pensamos que apesar das dificuldades existentes, “A anunciada, e reanunciada morte da arte afinal não passará disso mesmo: de um anúncio sem qualquer (hipótese de) concretização real ou aparente.” (Ferreira, 2007, p. 85). E esperemos que não passe disso mesmo, de uma especulação.

## **2.4 – Uma experiência estética nos Museus como complemento ao ensino das Artes Visuais**

Não podíamos acabar este capítulo sem falarmos da importância que os Museus têm, na nossa vida e na vida das crianças, enquanto complemento ao ensino das Artes Visuais, visto que “Os museus produzem conhecimento e os visitantes são convidados a participar na construção do conhecimento.” (Ferreira, 2016, p.20). Segundo Höge (2011), os Museus não surgiram como locais onde os amantes de arte podiam apreciar quadros, esculturas e outros objetos de cultura. Foram criados com a função de servirem como um mero armazém, ou seja, onde as obras de arte eram guardadas, como se estivéssemos a falar de um lugar seguro. Sendo que estes armazéns não eram abertos ao público e estavam disponíveis apenas a um círculo restrito de pessoas, não tinham a função estética que agora têm aquando da nossa entrada num museu:

“Os museus de arte podem facilmente habilitar a contemplação estética, proporcionando condições de visualização ótimas. É uma questão de arranjo, iluminação e de atmosfera tranquila. A obra de arte individual deverá ser pendurada ao nível dos olhos sem a perturbação de outras obras de arte ou rótulos de informação, etc. A contemplação estética é o oposto da percepção conceptual, e conseqüentemente, de qualquer coisa que leve a pensar e compreender, porque a análise impede e interrompe a contemplação estética.” (Funch, 2011, p. 113).

Assim, vemos que o conceito e funcionalidade do Museu tem vindo a sofrer alterações ao longo da história e do tempo, sendo que “Os museus de arte, neste entendimento, poderão ser um lugar privilegiado para a experiência estética.” (Fróis et. al., 2013, p. 17). Nos nossos dias de hoje, o Museu tenta estar mais perto da sociedade, fazendo com que se torne num lugar de conexão, entre o passado e o presente, onde procuram desempenhar um papel muito importante no que toca a representar a diversidade cultural da Humanidade.

Os Museus servem para guardarmos obras de arte e preservá-las para as nossas gerações futuras, valorizando e preservando a nossa diversidade cultural, porque através deles podemos presenciar o património cultural de vários povos. Como podemos verificar:

“As instituições culturais, e os museus em particular, poderão desempenhar um papel activo como plataformas de encontro, de diálogo e de celebração da

diversidade cultural, ainda que no contexto de uma estratégia integrada e transversal a vários domínios de intervenção.” (Carvalho, 2016, p. 25).

Para Mendes (2012), na sociedade, as funções no sujeito são desempenhadas pelo património cultural, visto que este é, para a sociedade, o que a memória pessoal é para o indivíduo, e “o património é hereditário, é histórico, é identitário – mas é, antes do mais, cultural” (Mendes, 2012, p.19). Segundo a Lei n.º 107/2001, de 8 de setembro, “íntegram o património cultural todos os bens que, sendo testemunhos com valor de civilização ou de cultura portadores de interesse cultural relevante, devam ser objecto de especial protecção e valorização.” (Lei n.º 107/2001, 2001).

Olhar para o nosso passado e nos interessarmos pela história da nossa Humanidade, é conhecermos o que foi feito anteriormente, e nos Museus podemos presenciar este conhecimento de uma forma quase real, como se estivéssemos a viver em tempos passados. É lá que conseguimos preservar um pouco da nossa história, através das obras de arte, sejam elas pinturas, esculturas ou outras, sendo que um dos objetivos de hoje em dia dos museus, é o de educar – poderão ser um espaço de educação não formal, fora da sala de aula, porque, como defende Brüningshays-Knubel (2004), os Museus acrescentam valores especiais à escola formal, “onde aumentam a educação formal e oferecem diferentes modos de aprendizagem, entretenimento e discussão.” (Brüningshays-Knubel, 2004, p.129). Assim:

“São entidades culturais porque se organizam como espaços de sentido, onde se reúnem e preservam os exemplos das realizações artísticas, científicas e sociais da humanidade; e entidades sociais porque o colecionador, o conservador, o educador e o *designer* empreendem diálogos, ora explícitos, com os visitantes.” (Fróis et. al., 2013, p. 16).

Assim, podemos referir que o Museu apresenta-se como um complemento à educação e formação oferecida pela escola e muitos professores utilizam-no como complemento ao ensino das Artes Visuais, onde poderá proporcionar aos seus alunos o desenvolvimento de outras aprendizagens e estimular a sua criatividade, já que uma ida ao Museu ajuda no processo de preservação de memória, reforçando a construção de identidade de um povo.

Desta forma, os Museus proporcionam oportunidades de aprendizagem que dificilmente encontramos na típica sala de aula, onde não temos um professor a nos dar uma aula, mas, temos os guias, os outros visitantes e as próprias exposições.

Um Museu não fica sempre em suspenso no passado, tenta evoluir sempre e tem o papel de informar e educar os outros por meio das suas visitas guiadas, exposições permanentes ou então, temporárias, ou até por algumas atividades recreativas, visto que “Todos os profissionais de museu, qualquer que seja o seu trabalho ou especialização em particular, precisam de ter uma convicção forte na necessidade de partilha” (Brüninghays-Knubel, 2004, p.129). Transformando-se no espaço ideal para despertar a curiosidade dos outros, estimulando a reflexão e a socialização cultural. Tem o intuito de ensinar todos, desde o mais jovem até ao mais velho, estimulando o seu pensamento e criatividade temos o entendimento de que:

“No séc. XXI a criatividade de todos os dias – que todos têm e se treina – é importante a nível pessoal e profissional, para o indivíduo se relacionar com o mundo. Num museu essa capacidade ajuda o visitante a relacionar-se com uma exposição e, a partir dela, consigo mesmo e com o mundo.” (Ferreira, 2016, pp. 15-16).

Porém, o Museu não faz o seu papel sozinho e, “Numa visita a um museu, o pensamento imaginativo e criativo e o pensamento crítico actuam articulada e intercaladamente no espaço de interceção entre o conhecimento do visitante/participante.” (Ferreira, 2016, p. 112). É preciso ensinar e preparar as crianças e jovens, para que conheçam e se interessem com a nossa história. É preciso implementarmos visitas regulares a Museus porque só assim o conhecimento se amplia e a cada exposição e o espectador tem a oportunidade de conhecer diferentes realidades sobre si e sobre o seu povo, onde devemos preservar a troca de experiências entre os visitantes, uma vez que:

“O conhecimento da Arte, numa correcta perspectiva histórica e pedagógica, contribui para o entendimento da expressão livre da criança. Ao exprimir-se livremente, a criança adquire autoconfiança e torna-se mais responsável e cooperante no relacionamento com os outros. Respeitando a expressão pessoal de cada um, é possível realizar surpreendentes trabalhos individuais e colectivos através de técnicas que estimulam a criatividade” (Rodrigues, 2022, pp. 210-211).

Segundo a Lei n.º 47/2004, de 19 de agosto, o Museu “estabelece formas regulares de colaboração e de articulação institucional com o sistema de ensino no quadro das ações de cooperação geral estabelecidas pelos Ministérios de Educação, da Ciência e do Ensino Superior e da Cultura, podendo promover também autonomamente a participação e frequência dos jovens nas suas atividades.” (Lei n.º 47/2004, 2004). Assim, podemos referir, que os Museus tornam-se num meio muito estimulante para a promoção da educação dos jovens, onde “No contacto com a obra de arte, a criança aprende, descobrindo aspectos específicos como a cor, a forma, a estrutura, a textura e a composição, numa relação constante com a expressão e a imaginação criativa.” (Rodrigues, 2022, p. 43). Vemos que o contacto desde cedo com a obra de arte, possibilita as crianças desenvolverem as suas capacidades e imaginação, além do seu senso crítico. Quando as crianças têm contacto com uma obra de arte, como refere Funch (2011), chamamos de apreciação artística.

Quando falamos de apreciação de arte, não podemos deixar de referir que “A felicidade produzida pelas obras de arte é uma fuga precipitada e não um fragmento daquilo a que a arte se subtraiu; é sempre accidental, mais inessencial para a arte do que a felicidade do seu conhecimento.” (Adorno, 2018, p. 33). Assim sendo, a partir das obras de arte, as crianças podem entrar em contacto com vários tipos de conhecimento.

Embora se mostre deveras importante investir na educação e no espaço aberto, é preciso prepararmos o espaço antecipadamente para que os visitantes aproveitem plenamente as experiências, além de fazer sentido para crianças e jovens. O museu ajuda o visitante a relacionar as matérias a experiências pessoais e até a situações interessantes que aconteceram na visita, como “O contacto com a obra de arte desenvolve a sensibilidade estética e contribui para desbloquear o processo criativo, proporcionando a descoberta das mais variadas técnicas e formas de expressão.” (Rodrigues, 2022, p. 210). Todos acabarão por aprender alguma coisa, porque “Quando o *mundo interior* do visitante/participante se cruza com o *mundo da* exposição, o encontro é uma experiência de interioridade, pois implica a natureza interior, mental e espiritual, do indivíduo.” (Ferreira, 2016, p. 115). Sendo assim, é de fundamental importância que a escola promova visitas a museus, de modo a incentivar os

alunos a associarem o conteúdo lecionado em sala de aula com as realidades históricas e culturais presentes nesses locais muitas vezes esquecidos pela maioria da população. É claro que, “O êxito do museu de arte depende, assim, da qualidade das experiências que proporciona aos seus visitantes, isto é, do modo como lida com o seu próprio currículo, no sentido etimológico do conceito.” (Fróis et. al., 2013, p. 17).

A educação, assim, tem como referência todo o património cultural pertencente ao Museu, dando à população uma melhor qualidade de estudos ou até um melhor conhecimento sobre o passado e sobre a nossa história, onde tudo isto origina uma autoconsciência cultural sobre a cultura existente no espaço museológico. Para isto, o museu tem um serviço educativo que visa a cativação do público-alvo, onde tenta criar novos pontos de interesse e motivações para ter um maior número de visitas, mas também através de novas maneiras de transmitir a importância da educação nos dias de hoje através das mesmas, contando histórias passadas e verdadeiras para aumentar a curiosidade e depois o conhecimento, visto que:

“Podem existir muitas abordagens diferentes: para o visitante individual, quer seja adulto ou criança, grupos especiais ou escolas. Todos estes já não devem ser considerados apenas “consumidores” de cultura ou conhecimento, mas membros do processo de aprendizagem. Consequentemente, a meta do pedagogo do museu deve ser a comunicação dos vários valores e aspectos da história cultural ou natural, da arte ou ciência, aos visitantes de tal forma, que estes os compreendam e os possam comparar com a sua própria experiência no campo.” (Brüninghays-Knubel, 2004, p. 124).

Em suma, “está relacionado com a criação de identidade cultural: a aprendizagem de formas culturais procura desenvolver no aluno auto-compreensão enquanto cidadão de um país ou membro de um grupo.” (AEEAC e EURYDICE EIECP, 2010, p. 20). Assim, os Museus são decididamente relevantes para a preservação da nossa memória cultural – Identidade Cultural, onde poderão servir como complemento ao ensino das Artes Visuais, já que “Os alunos devem compreender que as suas identidades são construídas pelas histórias que eles contam e que são contadas sobre eles.” (Eça, 2010, p. 96). Como refere Martins (2020a), a identidade exige a compreensão da memória, mas também da vivência e experiência, onde uma identidade viva tem de ser disponível para receber e dar. Por estas questões acima

levantadas, é importante transmitirmos aos jovens o quão importante é a construção de uma identidade.

Mais do que construir a identidade, torna-se imperativo que os jovens conheçam a sua identidade e a sua cultura, aceitem as culturas e identidades diferentes e que o Museu tenha um papel importante, que é seu por direito, de fazer valer a sua qualidade de educador não formal, para responder a estas necessidades dos jovens.

## Capítulo 3

### Identidade

Neste capítulo, mostramos alguns dos conceitos e entendimentos atuais de Identidade visto ser importante falarmos da história desta palavra, que não comporta apenas uma definição. Falamos de Identidade Cultural e da relevância que acarreta para a Humanidade. De uma forma muito célere, a Identidade Cultural resume-se às particularidades de uma sociedade, provenientes da interação entre todos os que dela fazem parte e da forma como interagem com os outros e com o Mundo. E a sua relação com a estética? Não passa da forma como nos aceitamos a nós próprios e de como aceitamos o Outro, que justamente por ser distinto, não deixa de ser belo.

#### 3.1 – Conceitos e entendimentos atuais de Identidade

O capítulo anterior deixou-nos uma questão amplamente difícil de caracterizar – o que é a Identidade? É mais um conceito particularmente complexo, mas iremos deixar alguns conceitos e entendimentos atuais do aludido, pois, “O conceito de identidade apresenta uma elevada complexidade pela sua multidimensionalidade, apelando ao contributo de diversas disciplinas para a sua compreensão plena.” (Brandão, 2014, p. 133).

Como base, podemos notar que esta é o conjunto das características individuais e distintas de cada indivíduo, que o caracterizam como pessoa e que o fazem distinguir do Outro, uma vez que “Desde muito cedo temos consciência de nós próprios através do nosso corpo, das nossas emoções, dos nossos pensamentos.” (Lima, 2018, p.11). Podemos dar o exemplo, do seu nome ou da sua data de nascimento, aspetos que estão presentes no dia-a-dia, desde o início da sua vida e que continuam a se desenvolver ao longo dela, sendo que, “Assim, a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento.” (Hall, 2006, p.38).

Quando o sujeito ainda é bebé, começa gradualmente a ter consciência da sua existência e, com isso, da existência do Outro sendo que, a partir daí, vai agregando saberes do seu meio envolvente, porque “a relação que existe entre cada um e o coletivo começa logo após o

nascimento.” (Sobral, 2012, p. 13). Durante a infância, o indivíduo começa a se relacionar mais com os outros e, assim, começa a construir valores e crenças, em torno do que ele é, de quem são os outros e de como funciona o mundo ao seu redor, sendo que “O eu é o resultado de uma aprendizagem social: descobrimos quem somos ao descobrirmos quem são os outros e na medida em que estes nos reconhecem como sendo alguém, como sendo nós próprios.” (Brandão, 2014, p. 74). Assim, a adolescência é o ponto mais alto na construção da nossa identidade, onde o indivíduo começa a criar uma imagem definidora de si mesmo:

“A formação do eu no “olhar” do Outro, de acordo com Lacan, inicia a relação da criança com os sistemas simbólicos fora dela mesmo e é, assim, o momento da sua entrada nos vários sistemas de representação simbólica – incluindo a língua, a cultura e a diferença sexual.” (Hall, 2006, p.38).

Quando começa na fase adulta, começa a definir melhor o que quer, realmente, e seleciona melhor os seus amigos, começa a trabalhar e a manter contacto com pessoas com quem não está habituada, o que pode fazer com que o indivíduo conviva com pessoas diferentes do que aquelas com quem estava habituado e que aprenda coisas novas ao longo da sua vida, sendo que “A “personalidade” resulta de uma série de papéis passados e atuais; é uma espécie de resultado, a cada momento, da nossa história de vida, sem que, todavia, se reduza a ela.” (Brandão, 2014, p. 78). Ou seja, a construção da identidade é um processo longo e complexo. Segundo Brandão (2014), a noção de identidade refere-se à experiência de nos sentirmos únicos e por outro lado, diferentes dos outros e assim, “Esta dimensão remete aquilo que, em cada um de nós, é único e distinto e que nos permite não só distinguirmo-nos dos outros, como também sermos distinguidos por eles.” (Brandão, 2014, p.15). Ou seja, identidade tem dois significados: “*similaridade*, por um lado e *diferença*, por outro” (Brandão, 2014, p. 15).

Só podemos ser nós próprios enquanto conhecermos e aceitarmos as nossas diferenças. Porém, apesar disso, o que pensamos sobre nós nem sempre coincide com o que o Outro pensa sobre nós, sendo que muitas vezes, aquilo que os outros pensam de nós, não coincide com o que gostaríamos que pensassem:

“O eu resulta de um jogo de expectativas mútuas em que somos *também* o que os outros pensam que somos. Esse jogo desenrola-se entre identidade reclamada e identidade atribuída, dimensões que não se reduzem uma à outra, pois não

aceitamos indiscriminadamente todas as atribuições de que somos alvo.” (Brandão, 2014, p. 74).

Refletindo sobre a citação supramencionada, será que existe só um tipo de identidade? Vemos claramente que não. Primariamente, temos dois tipos de identidade: “identidade pessoal e social – a primeira, supostamente situada mais no âmbito da Psicologia; a segunda, no da Sociologia.” (Brandão, 2014, p. 134). A identidade social, é uma “identidade atribuída (aquilo que os outros pensam que somos).” (Brandão, 2014, p. 74), visto que refere-se às características atribuídas a um indivíduo por outros, como se falássemos de uma espécie de categorização, para fins de identificação, ou seja, “A nossa identidade tem de ser continuamente confirmada pelos que nos rodeiam nos diversos contextos da interação, não implicando isto que ela se reduza à identidade atribuída.” (Brandão, 2014, p. 74). Como podemos ver, não nos podemos basear apenas no que os outros pensam de nós. Temos que dar importância também ao que nós pensamos de nós mesmos, porque as duas identidades não vivem uma sem a outra, aliás, “Elas são inseparáveis. Não existe identidade pessoal sem identidade social, e as identidades sociais só adquirem existência pela sua integração e atualização nas identidades pessoais de indivíduos particulares.” (Brandão, 2014, p. 134).

A identidade pessoal está ligada a uma construção individual do conceito de si próprio, e é “entendida como “o conjunto organizado dos sentimentos, das representações, das experiências e dos projetos de futuro reportando-se a si” (Malewska-Peyre, 199, p. 112 citado por, Brandão, 2014, p.133), enquanto a identidade social trata do conceito de si a partir da vinculação da pessoa a grupos sociais, “é a representação que os outros têm de nós e que está ligada às nossas pertencas sociais, efetivas ou não.” (Brandão, 2014, p. 133). É, desta forma, que os indivíduos socializam e ganham novas formas de agir e pensar construindo e sedimentando a sua identidade pessoal e coletiva perante a sociedade. Vemos que “As pessoas tendem a acreditar que têm uma verdadeira ou autêntica identidade escondida dentro de si que, de certa maneira, está em desacordo com o papel que lhes é atribuído pela sociedade que as circunda.” (Fukuyama, 2021, p. 45).

A diferença entre estes dois conceitos, é que a identidade social mostra o que o indivíduo é em grupo, socialmente, o que nos mostra o ser com o Outro, enquanto a identidade pessoal

mostra-nos um ser único – um Eu autêntico, porque “Somos as experiências que vivemos e é o que levamos delas que nos faz pessoas únicas.” (Lima, 2018, p. 16).

Para melhor entendermos este capítulo, devemos compreender que todos nós temos pelo menos duas identidades: uma identidade pessoal e uma, ou várias, sociais, visto que “O indivíduo é, então, concedido como “ator”, alguém que representa determinadas personagens.” (Brandão, 2014, p. 36). Assim, podemos referir que a nossa identidade pessoal é formada por diferentes características que nos definem e nos caracterizam, enquanto as nossas identidades sociais correspondem aos grupos dos quais fazemos parte.

### **3.2 – Identidade Cultural e Estética**

A identidade cultural “é a forma como um indivíduo vê o mundo e como se posiciona em relação a ele, tendo que ver com a formação da identidade do sujeito em relação ao seu contexto cultural.” (Sousa, 2021, p. 98). Como falamos na página 17, a cultura é todo um conjunto de costumes e tradições de uma sociedade, que se transmitem ao longo das gerações e que representam a Identidade dessa sociedade. Deste modo, a palavra cultura perfaz um conceito deveras complexo e impossível de ser aprendido de forma única, onde cada país tem uma cultura e Identidade próprias, que é influenciada por todo um conjunto de fatores e elementos.

Assim, a cultura é realmente influente para uma sociedade e para os seus indivíduos, ou seja, nenhuma sociedade poderá existir sem cultura. E como falamos no ponto anterior, “A identidade é um conceito difícil de operacionalizar.” (Brandão, 2014, p. 134). Cultura e Identidade, são dois conceitos difíceis, mas que juntos dizem muito sobre nós, sobre o que somos e sobre a nossa relação com o Outro, pois “O que somos é construído, mantém-se e modifica-se através das relações que mantemos com as outras pessoas.” (Lima, 2018, p. 35).

Com estas relações, podemos verificar que as normas e valores culturais de uma sociedade mudam frequentemente, ao longo do tempo, devido à mistura de ideias entre sociedades e identidades diferentes. Por sua vez, a identidade cultural é a soma de diversos elementos que perfazem a cultura identitária de um povo, ou seja, que tornam com que um determinado

povo se distinga dos outros e que se reconheça enquanto um conjunto cultural. Além disso, determinados fatores de identidade são decisivos para que um grupo faça parte de tal cultura, como por exemplo, o país, a história e o idioma. Com isto, podemos falar de nós – Portugueses. Nascemos em Portugal, temos a nossa história e falamos português como língua nativa. Somos um povo unido, esperançoso, que dá muita importância ao seio familiar e que vive intensamente as suas conquistas. Ou seja, ligamos às nossas relações interpessoais e somos um povo com elevado sentimento de esperança, à medida que não desistimos de lutar por um mundo melhor. Este tipo de identidade tem a ver com a nossa identidade cultural, porém nacional, porque “No mundo moderno, as culturas nacionais em que nascemos se constituem em uma das principais fontes de identidade cultural.” (Hall, 2006, p.47). O conceito de diversidade cultural está profundamente relacionado ao de Identidade, pois, segundo Pinto (2016), a diversidade cultural é, de certa forma, uma realidade que acompanha a humanidade desde os seus fundamentos, mudando a maneira como os diversos grupos sociais se foram formando e estabelecendo com o passar do tempo e, “Assim sendo, a diversidade cultural pode ser definida como «a multiplicidade de formas pelas quais as culturas dos grupos e sociedades encontram sua expressão.»” (UNESCO 2005 artigo 4, ponto 1, citado por, Carvalho, 2016, p. 27):

“verificamos que, ao longo do processo histórico, a diversidade cultural tem marcado presença em todas as épocas e as relações culturais e civilizacionais entre os povos têm sido a principal via de difusão de ideias e conhecimentos, de partilha de usos, tradições e costumes, bem como de permuta de bens e serviços.” (Pinto, 2016, p. 2).

A identidade cultural poderá fazer parte da identidade social de um indivíduo porque é uma das formas que ele tem de compreender e comunicar com o Outro, visto que, “Se só podemos ser nós próprios na medida em que nos distinguimos dos outros, a identidade só pode ser entendida enquanto fenómeno relacional – ela só pode surgir na relação com o Outro.” (Brandão, 2014, p. 15). Na identidade cultural, não damos só importância ao que vem de dentro, mas também damos importância ao que está ao nosso redor, porque “Os alicerces da identidade foram lançados com a percepção de uma disjunção entre o nosso interior e o nosso exterior.” (Fukuyama, 2021, p. 45). Aqui, o que sentimos e desejamos é importante, mas também as suas normas e valores, têm igual peso na nossa identidade.

Assim, a identidade cultural é a construção de identidade de um indivíduo, tendo em causa o seu contexto cultural, visto que, “O espaço onde adquirimos as primeiras experiências emotivas e estéticas, bem como aquele que conhecemos melhor, é, para a esmagadora maioria, o do seu país.” (Sobral, 2012, p. 14). Assim, a identidade cultural, está intrinsecamente associada à identidade social, pois quando falamos de identidade cultural, podemos adotar o mesmo critério para definir a cultura de um povo e de tudo o que ele concebe. Ou seja, a sua raça, género, língua, religião, entre outras particularidades culturais que influenciam o comportamento de uma determinada sociedade. Como defende Hall (2006), não importa quão diferentes são os seres de uma sociedade, em termos de classe, género ou raça, porque uma cultura nacional procura unificá-los numa única identidade cultural, como podemos verificar na citação de Fukuyama (2021):

“Mas a identidade nacional também se estende ao domínio da cultura e dos valores. Consiste nas histórias que os povos contam acerca de si próprios: donde vêm, que celebra, as memórias históricas que partilham, o que é preciso, para nos tornarmos membros autênticos da comunidade.” (Fukuyama, 2021, p. 151).

Ou seja, a identidade cultural, reflete a nossa relação com a realidade do dia-a-dia, tudo o que aprendemos, vivemos e acreditamos, enquanto construímos a nossa própria identidade, enquanto pessoa. Esta realidade que falamos, poderá ser uma realidade social, em que partilhamos memórias e vivências com os outros, porque “A identidade exige a compreensão da memória, da vivência, da receção e da entrega, do receber e do dar. Uma identidade viva tem de ser disponível, aberta, rigorosa e apta a receber e a dar.” (Martins, 2020a, p. 13). A identidade social não passa do sentimento que um indivíduo tem, para integrar-se num determinado grupo social, onde acaba por ganhar particularidades idênticas a outros indivíduos desse grupo:

“A bem da verdade as culturas nunca se acham isoladas; elas vivem em permanente contacto, cruzando-se, trocando saberes e intercambiando experiências, num movimento que muito enriquece seus processos de construção de conhecimentos e aquisição de novas informações.” (Pereira, 2016, p. 101).

Portanto, é através desta interação que reconhecemos o quão enriquecedora pode ser a nossa convivência com as outras pessoas e culturas, e verificamos que a “investigação tem mostrado que as pessoas mais bem integradas em grupos se sentem mais felizes e têm

maiores níveis de autoestima.” (Lima, 2018, p. 51). Segundo a mesma autora, Lima (2018), partilhar, não apenas as vivências, mas também a maneira de ver a realidade com os outros, é uma experiência deveras fulcral, que nos faz sentir com mais confiança, mais vivos e com uma sensação de maior poder. Assim entendemos que a cultura representa os mais variados modos de como cada indivíduo poderá viver a sua própria vida, visto que é “a cultura que explica e dá sentido à cosmologia social, visto ser a identidade própria de um grupo humano num determinado espaço e tempo.” (André, 2010, p. 55).

A formação da nossa identidade, como já vimos, evolui connosco, conforme vamos amadurecendo e o que aprendemos em criança é fundamental para o nosso futuro e para o nosso Eu mais autêntico. Para que as crianças cresçam felizes e com autoconfiança, é necessário que elas se sintam valorizadas, protegidas e que o contexto social em que elas estão inseridas, seja responsável por isso. Lima (2018), defende que, conforme a cultura em que nascemos, aprendemos a dar mais importância ao grupo, à família e às nossas ligações aos outros, ou a ser pessoas autónomas e independentes. Quando crescemos, começamos instantaneamente a falar, pois a fala é uma das primeiras coisas que aprendemos e está completamente ligada à nossa interação com as pessoas e primeiramente com quem cuida de nós, sendo que “Os outros são ainda uma fonte importante de construção da nossa identidade porque nascemos numa sociedade que nos diz o que tem valor e o que não presta.” (Lima, 2018, p. 25). Assim à medida em que as crianças crescem e têm a possibilidade de conviver com outras pessoas, de diferentes culturas e com diferentes bagagens de vida, além do que estão habituadas, as suas identidades serão enriquecidas. Temos como exemplo, a escola, que é dos sítios que une mais pessoas tão diferentes e tão iguais, sendo que, “Assim, a escola assume uma função integradora que promove a convivência com a diversidade, o conhecimento do Outro e a igualdade de oportunidades” (Fonseca & Pinho, 2020, p. 37):

“Todos os níveis de identidade social baseiam-se na apropriação e assimilação da experiência, de valores e significados, de outras formas de mitologia social acumulada dentro do correspondente sistema social, que são transmitidas através do sistema de ensino.” (Leontiev, 2011, p. 129).

A sua relação com a estética é nada mais nada menos do que a forma como nos aceitamos a nós próprios e ao Outro, que mesmo diferente em diversos aspetos já mencionados, não deixa de ser belo, pois “A identidade, que antes tinha sido uma questão individual, tornou-

se agora propriedade de grupos que eram vistos como possuidores de suas próprias culturas moldadas pelas suas próprias experiências vividas.” (Fukuyama, 2021, p. 135).

Temos, como nossa essência a propensão para vivermos em grupo, o que é determinante para a nossa existência, baseada nos nossos relacionamentos sociais, porque “Partimos da premissa de que ser-se humano significa conhecer, a todo o momento e nos termos de um qualquer tipo de descrição, o que se faz e porque se faz.” (Giddens, 1997, p. 33). Com isto, o ser humano consegue desempenhar diversos papéis durante a sua vida social, ou seja, consegue ter diversas identidades, agindo sempre de maneiras diferentes consoante as pessoas que convive. Assim, “quer dizer que um indivíduo pode ter identidades múltiplas, que fazem com que essa pluralidade seja fonte de tensão e de contradição” (Sousa, 2021, p. 97). Temos que saber conviver sem este choque de ideias, e para conseguirmos conviver com o Outro, em plena harmonia, temos que optar por termos uma postura de respeito pelo próximo, onde essa atitude é de plena aceitação, totalmente desprovida do desejo de modificar o Outro. Assim, ao aceitarmos o Outro, de uma forma respeitosa, conseguimos entender os seus pontos de vista e ao aceitá-los verdadeiramente, estamos, também, a aprender a noção verdadeira de respeito, tanto para com eles, como para conosco, sendo que “Mesmo aquilo que em nós é único forma-se a partir da experiência num contexto social mais vasto onde interagimos com os outros.” (Brandão, 2014, p. 133).

Vemos, então, que o respeito mútuo entre os seres humanos, é fulcral para vivermos em sociedade e “Por isso, a nossa identidade surge sempre na relação com o Outro que nos reenvia a sua própria imagem de nós.” (Brandão, 2014, p. 75). Partindo deste pressuposto, apontamos para a necessidade de uma educação estética, na qual o uso da arte passa a ser o caminho metodológico para a realização educacional de uma pessoa e para a formação da sua Identidade Cultural e Estética, porque cada um de nós tem diversas referências estéticas e éticas; somos de diferentes religiões e culturas; temos diversas classes sociais; advimos todos de gerações diferentes; expressamo-nos de diferentes formas, em inúmeras formas artísticas, onde acabamos por mostrar várias visões sobre o mundo:

“É que, ao mesmo tempo em que são sublinhadas as dimensões interiores do indivíduo, como os seus desejos e vontades, também é interiorizada a sua dimensão exterior, que abrange, por exemplo, valores como as normas e a língua.

Já o adjetivo cultural está ligado à ideia de saber, pelo que as duas palavras juntas significam “saber reconhecer-se.” (Sousa, 2021, p. 98).

A nossa Identidade Cultural e Estética é, fundamentalmente, a forma como compartilharmos as nossas ideias, cultura, entre outras coisas importantes para nós, produzindo novas formas de ser, pensar e agir no Mundo. Nós, residentes na Região Autónoma da Madeira, vivemos num meio pequeno, com uma Identidade Cultural de raízes e costumes muito vincados. Assim, acreditamos ser crucial preservar algo de tão importante e com imenso potencial para oferecer à Região, como é o caso das Artes Visuais, através das gerações que nos seguirão e que certamente irão adotar alguns ou a maioria dos nossos costumes e identidade.

Cabe-nos a nós transmitir esta Identidade Cultural e Estética na sua plenitude e, por estes motivos entendemos que as Artes Visuais podem desempenhar um papel muito importante, tanto na disseminação da nossa Identidade Cultural às gerações mais jovens, como em todo o processo de desenvolvimento criativo, mostrando que a Região vai além das nossas tradições, por tudo o que pode oferecer, aproveitando o potencial criativo destes jovens, que diga-se de passagem, é imenso e que por vezes, por diversas razões, fica como que escondido por vivermos numa Região de pequena dimensão, sem a mesma visibilidade e oportunidades que outros locais com maior densidade populacional e oportunidades para mostrarem todo esse potencial criativo.

Vivemos num mundo onde a Identidade funciona como um meio de comunicação importante entre culturas, transportando a nossa Identidade Cultural mundo fora. Desta forma, as Artes Visuais podem ajudar a construir uma Identidade Cultural cada vez mais autêntica num Mundo cada vez mais competitivo e global e injusto para muitos dos que querem singrar na vida, no campo das Artes Visuais e não só.

## **Capítulo 4**

### **A construção de uma Identidade Cultural e Estética na Região Autónoma da Madeira**

Neste capítulo falamos mais particularmente da nossa região, a Região Autónoma da Madeira, onde fizemos uma pesquisa mais detalhada sobre como a nossa Ilha transmite e acolhe a Arte. Para isto, falamos da existência ou não das industriais culturais e criativas implementadas e das políticas culturais, que resumidamente são como um conjunto de medidas ou políticas, que terão de ter o intuito de apoiar as instituições governativas e autárquicas e ou até de empresas privadas, falando resumidamente da importância que as mesmas acarretam para o desenvolvimento criativo de todos. Com base em tudo isto, não poderíamos deixar de dar o exemplo da educação não formal existente.

#### **4.1 – As políticas culturais para o desenvolvimento criativo**

No seguimento dos temas abordados na nossa dissertação, vale a pena desenvolver um pouco o tema das políticas culturais e de que forma a falta de um conjunto sólido de políticas culturais em Portugal, e também na Região Autónoma da Madeira, afetam os jovens desde a vertente educacional, neste caso em particular nas Artes e, mais tarde, na busca de uma carreira nessa área, fazendo-os procurar outros países para se estabelecerem, países esses que possuem sólidas políticas culturais que os faz conseguir desenvolver uma carreira profissional com longevidade no campo das Artes. Segundo o artigo 9.º da Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural da UNESCO, “as políticas culturais deverão criar condições favoráveis à produção e difusão de bens e serviços culturais diversificados através das indústrias culturais com meios para se afirmar a nível local e global.” (UNESCO, 2001, p. 5).

Como podemos verificar ao longo da dissertação, a Arte está intrinsecamente relacionada com a diversidade cultural e segundo a Resolução da Assembleia da República n.º 10-A/2007 que aprova a Convenção sobre a Proteção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais, adotados pela 33.ª sessão da Conferência Geral da UNESCO, em Paris, em 20 de Outubro de 2005, a diversidade cultural apresenta-se como um fator crucial

para a Humanidade, sendo que constitui património comum desta e deverá ser valorizada e preservada em prol de todos. Segundo o que nos diz o artigo 4.º, “refere-se à multiplicidade de formas em que se expressam as culturas dos grupos e das sociedades. Essas formas de expressão transmitem-se no interior e entre os grupos e as sociedades.” (Resolução n.º 10-A/2007, 2007). Sabemos que “a diversidade cultural pode ser definida como «a multiplicidade de formas pelas quais as culturas dos grupos e sociedades encontram sua expressão.»” (UNESCO 2005 artigo 4, ponto 1, citado por, Carvalho, 2016, p. 27), e nada melhor que as Artes, para os indivíduos fazerem-se ver perante toda a sua sociedade, visto que “é fundamental garantir uma interação harmoniosa entre pessoas e grupos com identidades culturais plurais, variadas e dinâmicas, bem como a sua vontade de viver em conjunto.” (UNESCO, 2001, p. 2).

Colocando o nosso foco na Região Autónoma da Madeira, notamos que é uma ilha com muitas tradições culturais, resultado das demais vivências, usos e também dos costumes do povo madeirense que se foram construindo e mantendo vivos ao longo de gerações. Existem muitas tradições artísticas ligadas ao artesanato, à música, ao bordado madeira, artigos em vimes, ou até ao nosso bailinho que estão entranhadas nos costumes dos madeirenses, sendo que a cultura “compreende, para além da arte e da literatura, os estilos de vida, as formas de viver em conjunto, os sistemas de valores, as tradições e as convicções” (UNESCO, 2001, p. 1). Nós, madeirenses, somos um povo que trabalhou e lutou muito para termos as nossas próprias tradições que atraem imensos visitantes, durante todo o ano:

“A criação tem as suas raízes na tradição cultural, mas floresce em contacto com outras culturas. Por esta razão, o património, sob todas as suas formas, deverá ser preservado, valorizado e transmitido às gerações futuras enquanto testemunho da experiência e das aspirações humanas, de forma a fomentar a criatividade em toda a sua diversidade e a inspirar um diálogo genuíno entre culturas.” (UNESCO, 2001, p. 4).

Afinal, a arte é reconhecida por muitos como um fator importante que serve para ajudar a melhorar a qualidade de vida da população, pois o seu consumo faz ampliar os horizontes e traz benefícios diretos e indiretos para a sociedade. Seja através da pintura artística de paredes, ruas e passeios, tendo como exemplo as portas situadas ao longo da Zona Velha da cidade do Funchal ou murais, como podemos encontrar um pouco por toda a ilha, seja em

galerias de arte, seja nas suas mais diversas formas, notamos que a “arte tornou-se incompreensível. Talvez seja este facto o que mais distingue a arte de hoje da de outro tempo ou lugar.” (Arnheim, 1997, p. 19).

Assim, inicialmente, começamos por definir Política cultural como um conjunto de medidas ou políticas, passando a redundância, que visam servir de apoio das instituições governativas e autárquicas ou até de empresas privadas que têm como finalidade estimular e ajudar a desenvolver certos grupos na nossa sociedade, segundo o artigo 11.º da UNESCO (2001), as forças de mercado, única e exclusivamente, não conseguem garantir a preservação e promoção da diversidade cultural, algo que bem sabemos que é primordial para um desenvolvimento humano sustentável e equilibrado. Deste ponto de vista, deverá ser reafirmado o grande papel do conjunto de políticas públicas, juntamente com o setor privado e a sociedade em geral:

“As políticas culturais autárquicas são relevantes; são específicas – entre outros pontos, porque o consensualismo político é nelas bastante mais forte do que ao nível nacional; e estão em transformação, pelo menos parcial e no sentido de maior complexificação do paradigma vigente” (Silva et. al., 2015, p. 108).

Estas políticas culturais chegam à sociedade através de orçamentos ou meios para fomentar, neste caso em concreto, a cultura e as artes, que podem servir tanto para consumo das mesmas como para estimular quem quer prosseguir carreira artística e necessita de bases para se conseguir estabelecer no nosso país e regiões pertencentes, tais como o Arquipélago da Madeira. Vemos que o “sistema de recursos e atividades culturais é ainda um sistema aberto. Ele mantém um conjunto alargado de interligações e fluxos com os sistemas político, social e territorial.” (Silva et. al., 2015, p. 112). Como podemos deduzir, o seu principal objetivo será contribuir para o desenvolvimento do setor cultural, exponenciar a produção e consumo da cultura e das artes e ajudar a estancar falhas que existam nesse mesmo setor, ajudando a enriquecer, por outro lado, a própria cultura do nosso país e elevar o nome de Portugal a nível cultural, o que deveria, à partida, trazer retorno económico e formar cada vez mais e melhores profissionais com uma carreira na cultura e nas artes.

Sendo Portugal um país com imensas desigualdades a nível social e com uma cultura de consumo diversa, mas que tarda em se estabelecer, importa revermos as nossas políticas

culturais e ver que impacto estarão a ter na nossa sociedade. Temos de facto políticas culturais sólidas no nosso país? O Estado esforça-se realmente para fomentar a cultura? Os próprios portugueses consomem muita cultura/pretendem estabelecer-se na carreira artística? E, por fim, estas políticas culturais, ou a falta delas, está a afetar o ensino das Artes Visuais nos estabelecimentos de ensino?

“Se fosse um país mais forte nas políticas culturais e económicas, haveria lugar para mais artistas. Mas não é. Políticas culturais não há nenhuma, incentivos à educação cultural não há nenhuns, bolsas e estratégias para permitir a sobrevivência artística, não há nada. É muito mais difícil ser artista num país com estas características.” (Costa, 2015, p. 66).

Findamos este ponto a referir que em Portugal, não temos políticas culturais fortes, e se “Não há política cultural, logo não há qualidade. Mas essa dimensão não é da responsabilidade do artista, o artista não deve ter que fazer a comunicação do seu trabalho, o artista comunica através da sua obra.” (Costa, 2015, p. 65). Em Portugal não dispomos dos devidos apoios financeiros ao nível cultural, o que interfere muito com a escolha dos nossos jovens, aquando a escolha dos seus cursos, do seu futuro.

Segundo a Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural da UNESCO (2001), esta identifica a criatividade como sendo um recurso deveras importante que traz retorno financeiro e que propicia uma melhoria da qualidade de vida das diversas sociedades. Desta forma, tanto as artes como os artistas possuem um papel de ator principal enquanto promotores desta criatividade, da partilha e geração de conhecimento e, claro, da diversidade cultural. Esta partilha de conhecimento é importante porque permite aumentar os recursos à disposição para que outros possam usufruir e beber desse conhecimento para eles próprios evoluírem enquanto pessoas e profissionais, numa ótica de que conhecimento gera conhecimento, fazendo a sociedade evoluir culturalmente, fomentando assim novos profissionais nas áreas criativas.

#### **4.1.1. – As indústrias culturais e criativas na Região Autónoma da Madeira**

Não podemos encerrar o tema ‘políticas culturais’ sem antes aprofundarmos o tema das indústrias culturais e criativas, que são tudo o que envolve o nosso conhecimento, as nossas

ideias e a nossa criatividade, aliando a isto as tecnologias existentes que temos ao nosso dispor, sendo que o “desafio da aposta nas indústrias criativas passa por conceber o desenvolvimento das regiões através da ligação entre a economia e a cultura, combinando aspetos económicos, culturais, sociais e tecnológicos.” (ENEI, 2014, p.2). Notamos que as indústrias culturais e criativas “contribuem para o bem-estar e coesão da sociedade, adicionando valor aos setores industrial e empresarial através de novos e criativos métodos e processos.” (Direção-Geral das Atividades Económicas, 2018, p. 2). Com isto, ganhamos alguma noção de que a criatividade pode desempenhar um papel fulcral sobre a forma como uma indústria deste género pode ser gerida, já que “em qualquer sistema criativo, a motivação é o motor que faz com que a criatividade realmente aconteça.” (Ferreira, 2016, p. 112). Assim sendo, ‘indústrias culturais e criativas’ são um conceito que abarca um conjunto de atividades muito diversas, provenientes da nossa criatividade e do nosso conhecimento cultural, atividades essas que fomentam a nossa economia – conseguimos assim, produzir bens e serviços com muito significado social e cultural.

Não é por demais realçar que a “criatividade, que significa a capacidade de agir ou pensar inovadoramente em relação a modos de actividade preestabelecidos, está intimamente ligada à confiança.” (Giddens, 1997, p. 38). Ao estabelecermos a conexão entre a cultura e a economia da nossa região, vemos que as “indústrias culturais devem ser uma aposta dos países e regiões, uma vez que os laços entre economia e cultura são bem visíveis e visam promover ativamente o desenvolvimento na sociedade.” (Gomes, 2021, p. 94). Compreendem, entre outras, as atividades relacionadas com as Artes Visuais, como aprofundaremos mais para a frente. Reforçamos que:

“o conceito de Indústrias Culturais e Criativas (ICC) é vasto e diverso e abarca um conjunto de atividades que têm em comum a utilização da criatividade, do conhecimento cultural e da propriedade intelectual como recursos para produzir bens e serviços com significado social e cultural” (Direção-Geral das Atividades Económicas, 2018, p. 4).

O conceito ganha forma em torno das atividades culturais e aqui, a criatividade tem um valor fundamental nas instituições, quer sejam públicas, quer sejam privadas. Segundo Pinto et al. (2021), as indústrias culturais e criativas definem-se como um processo social que está circundada por todos os recursos materiais, pelos procedimentos para a produção e pelas

relações mantidas entre os criadores, produtores e demais instituições, sejam elas de cariz público ou privado. É uma questão de fazer ver que as indústrias culturais e criativas prendem-se com várias etapas, momentos e determinadas práticas com funcionalidades específicas e integradas:

“As principais variáveis da criatividade incorporam uma dimensão cognitiva – inteligência, conhecimento, competências técnicas – uma dimensão de envolvente – factores político-religiosos, económico-sociais, culturais e educativos – e uma dimensão de personalidade – motivação, confiança, não conformismo – e interação de forma multiplicativa para gerarem outputs criativos.” (Mateus, 2010, p. 26).

Temos que colocar a criatividade ao dispor dos nossos bens e serviços de forma a que possamos criar inovação nos mesmos. Assim, potenciamos a criatividade mais do que nunca e estamos a promover o crescimento económico. Desta forma, ao potenciar esta criatividade e a promover este crescimento da economia, estamos também a fazer com que a diversidade cultural seja promovida, fomentando o desenvolvimento humano e social. Vemos então, que é um conceito que deve estar presente em todos os nossos bens e serviços, como por exemplo, os nossos eventos culturais, sejam eles eventos artísticos, a título de exemplo, que também são fruto do conhecimento e criatividade dos vários grupos de pessoas:

“O conceito de cultura e os conceitos associados como “actividades culturais” e “actividades criativas” são conceitos dinâmicos que, não só evoluíram até aos dias de hoje, como continuam a evoluir, pelo que se assumem como conceitos em construção.” (Mateus, 2010, p. 31).

Através da citação de Mateus (2010), vemos que os setores culturais e criativos são importantes para garantir o desenvolvimento contínuo das sociedades, estando no epicentro da economia criativa. Estas indústrias culturais e criativas são baseadas em conhecimento, criatividade e no talento individual. Por sua vez, geram uma riqueza económica considerável nos países e geram postos de trabalho, sobretudo no mercado jovem, mostrando-se “assim importantes, quer para o desenvolvimento do setor da cultura, quer nos setores económico e social.” (Gomes, 2021, p. 98). Mais importante ainda, são fundamentais para um sentido partilhado de identidade, cultura e valores da nossa Região.

Assim, no âmbito da Região Autónoma da Madeira, notamos “que a cultura tem tido um desenvolvimento a um ritmo mais acentuado na última década, em relação a anos anteriores.” (Gomes, 2021, p.94). Podemos dar como exemplo a ‘Semana Regional das Artes’, que consiste num evento criado e promovido pelo Governo Regional da Madeira, mais precisamente, a cargo da Direção Regional de Educação. Anteriormente, este evento designava-se por “MUSICAEbs”. Este evento, tem um cariz fantástico e único, que chega a toda a Região, gerando e movimentando todos os alunos, em prol de um bem maior, inovador, com um nível de criatividade e trabalho que tem vindo a evoluir ao longo dos anos, criando mais qualidade na forma como dinamizamos as artes na Região Autónoma da Madeira, no campo educacional e artístico, pois “pretende, numa única semana, e no centro da cidade do Funchal, movimentar milhares de crianças e jovens das nossas escolas, reunindo os vários eventos” (Gonçalves, 2015, p. 16).

Este evento molda e define o nosso património cultural, onde possuímos muita diversidade cultural e criativa, ajudando a refletir o nosso passado e a moldar o nosso presente e também o futuro. A Semana Regional das Artes ocorre em vários palcos da cidade do Funchal, mostrando um pouco da beleza de que os alunos, no seio das escolas da Região Autónoma da Madeira, praticam nas várias áreas expressivas, seja a música, o teatro, a dança, as artes plásticas e ainda o cinema ou a multimédia. É um evento que se realiza em diferentes espaços e em distintos momentos, onde todo o trabalho de equipa é importante para a sua concretização. É um excelente exemplo de como as indústrias culturais e criativas chamam a atenção dos nossos visitantes e habitantes locais inclusive, pois levar “as Artes para a rua é a tónica, mobilizando escolas e envolvendo cada vez mais a comunidade local, sem esquecer os turistas que nos visitam.” (Gonçalves, 2015, p. 16). Estes ficam a conhecer melhor os nossos jovens e passeiam encantados pela cidade, consumindo tudo o que é feito neste evento, em várias partes da cidade do Funchal. É uma forma de fazer ver a quem está a presenciar este evento de que as artes abundam nas escolas da Região e sobretudo nas nossas crianças e nos jovens, fazendo as delícias do público que percorre a baixa funchalense absorvendo a arte nos mesmos espaços da sua curta, mas significativa passagem pela baixa funchalense e restantes espaços, como o Centro de Congressos da Madeira e o Teatro do Jardim Municipal, a título de exemplo, tanto por madeirenses, como por quem nos visita.

Nesta época onde a globalização é célere, muitos países reconhecem que a combinação de cultura e comércio que as indústrias culturais representam é uma forma poderosa de fornecer uma imagem distinta de um país e de uma cidade, ajudando-o a se destacar dos seus concorrentes.

“Se nos remetermos ao contexto da RAM, vemos que no global a região integra atualmente todas estas vertentes da cultura e da criatividade, mas, devido ao facto de estarmos numa região geograficamente de pequena dimensão, onde a deslocação a qualquer ponto não implica grandes investimentos, a questão que se coloca é se realmente existirá uma indústria cultural ampla e bem fixada na Região Autónoma da Madeira ou se nos podemos referir antes a várias micro indústrias culturais.” (Gomes, 2021, p.94).

Segundo Mateus (2010), a cultura transformou-se, ao longo dos tempos, em vários segmentos de mercado crescendo ao ritmo do que os consumidores exigiam, de forma a adquirirem e consumirem “produtos culturais” e também de empresas que geram e criam riqueza, criando novos postos de trabalho, produzindo e vendendo “cultura” para todos os que a querem consumir. Neste pensamento, podemos dar como outro exemplo, a PORTA33 – Associação Quebra Costas, Centro de Arte Contemporânea. Esta associação, fundada em 1989, na cidade do Funchal, na Ilha da Madeira, convida os artistas a realizarem exposições inéditas e, sempre que possível, a partir das vivências por eles experimentadas na Ilha da Madeira. Também organiza colóquios sobre o trabalho desses e de outros artistas, promove visitas guiadas a exposições, em colaboração com a comunidade escolar e mantém um centro de documentação de cultura contemporânea. Sendo esta, uma instituição sem fins lucrativos, a PORTA33 funciona como galeria de arte, algo que potencia o colecionismo de arte contemporânea, mantendo um estatuto de qualidade em prol das Artes. Esta atividade comercial contribuí para financiar alguns dos custos fixos da instituição, ou seja, manter a sua sobrevivência ao longo dos anos.

Dado o grande potencial da PORTA33, enquanto um local de encontro, de aprendizagem e de descoberta, mas sobretudo de dinamização das artes, na qual se juntam diversos tipos de públicos motivados e estimulados pela qualidade da fruição artística que lhes é proporcionada e por vezes lecionada, no caso dos ‘artistas’ mais jovens, como é o caso das crianças que a frequentam em contexto de atelier, a PORTA33 pretende aumentar a difusão e qualidade de informação das Artes. A PORTA33 mantém o seu lugar como referência

artística na cidade e é cada vez mais reconhecida como um local onde faz uso dos seus recursos de uma forma muito criativa, com o objetivo de captar a atenção de todos, através de tudo o que dinamiza: os seus eventos culturais, quer sejam exposições artísticas, *workshops*, ou sessões de ateliers. Podemos referir que a “abordagem da UNESCO contribuiu para a tomada de consciência de que é necessário definir não apenas sectores culturais, mas, também actividades/profissões culturais que podem ser transversais a vários sectores ou não.” (Mateus, 2010, p. 33).

Além da PORTA33, temos os nossos Museus, que também organizam eventos culturais, como por exemplo, as Conferências do Museu, no Museu de Arte Sacra do Funchal, estas têm como objetivo fomentar um espaço onde o conhecimento e as experiências em diversas áreas são debatidos e estudados. Os temas debatidos são escolhidos de acordo com o que o museu sente falta, enquanto um acervo de património religioso. Estas conferências relevam o tema da museografia e as suas várias dimensões. Este evento traz pessoas de fora da Região, o que ajuda a dinamizar a história e a cultura, entre sociedades.

No caso do Museu da Casa Museu de Frederico de Freitas, temos os ateliers de verão que este ano de 2023, têm como tema principal relacionar o jardim com o acervo da Casa Museu, que é uma forma de aliar a cultura à natureza e mostrar que esta vai além das quatro paredes de uma sala de exposição. Este tipo de eventos, elevam a condição de museu a algo que pode ser visto, fora do próprio museu, mostrando que o museu é mais que uma simples exposição: possui arte, cultura e pode estar envolvido na natureza, mostrando que a arte em si pode vir de diversas artes e embebida na natureza.

Não podíamos deixar de dar o exemplo do Museu de Arte Contemporânea da Madeira – MUDAS, que dispõe de imensas atividades, em contexto de oficinas criativas para toda a família, onde todos poderão aprofundar o seu conhecimento sobre o património artístico e também arquitetónico do próprio museu. Com isto, tanto os mais novos, como os mais velhos passam a conhecer melhor a coleção de todo o museu e de toda a sua história envolvente.

Voltando agora atenções para o Museu Henrique e Francisco Franco temos os diversos eventos relacionados com o ‘Acesso Cultura’, este museu inclusive tem ganho diversos prémios relacionados com as políticas de inclusão e dinamizado ao longo dos últimos anos, diversas conferências sobre a cultura e a inclusão e mostrado que o museu e a cultura são para todos, sem exceção. Este exemplo mostra, também, que o Funchal e no sentido mais geral, a Região Autónoma da Madeira, começa a ser uma referência ao nível da acessibilidade e da cultura num panorama nacional, confirmando todo o potencial da Região, porque fazendo uma “análise mais particular, no caso da RAM, o objetivo passa por, além dos turistas, envolver também os cidadãos na área das indústrias culturais e criativas.” (Gomes, 2021, p. 100):

“Pela dimensão geográfica da RAM, talvez seja mais vantajoso termos as micro indústrias culturais a funcionar como pólos da cultura madeirense e, de certa forma, nacional, podendo apostar na diversidade da oferta com o objetivo de abranger um público mais diferenciado, dado que os gostos e opiniões em relação à cultura dividem-se um pouco por toda a região.” (Gomes, 2021, p. 96).

No caso concreto das micro indústrias culturais, no contexto de funcionarem como polos de cultura na Região, podemos nos focar um pouco nos eventos culturais um pouco por toda a Ilha que já vão acontecendo com mais frequência e cada vez sedimentando a sua posição no contexto da cultura da Ilha da Madeira e Ilha do Porto Santo. Podemos dar como exemplo, o Mercado Quinhentista de Machico e do Festival Colombo, no Porto Santo. Estes dois eventos de cariz cultural têm vindo a crescer bastante ao longo dos anos, ao ponto de movimentarem muitas pessoas para essas zonas ao longo dos últimos anos.

Temos também, no contexto das entidades privadas, os ‘Concertos L’, no concelho da Ponta do Sol, que promovem a cultura numa ótica mais diversificada e eclética, trazendo diversos artistas da região do globo enquadrando com o panorama regional e deslocando muitas pessoas entre os meses de julho e outubro, promovendo não só o concelho, através das belíssimas paisagens, mas também dinamizando a cultura local e regional.

Numa ótica mais de autarquia, que também ajuda a dinamizar a cultura da Região, temos como referência o ‘Funchal Jazz’ que é um evento promovido pela Câmara Municipal do Funchal, que ganha cada vez mais protagonismo no panorama das artes e na música, a nível

nacional e talvez europeu, porque falando de um “contexto normal, os grandes eventos culturais, normalmente têm por trás o Governo Regional ou as Autarquias como principais responsáveis por trazer eventos dessa magnitude à Região, como é o caso do Funchal Jazz” (Gomes, 2021, p. 95). Com um investimento cada vez maior ao longo dos anos e com um cartaz sempre rico em artistas de renome, este evento é um dos expoentes máximos de promoção da cultura da Região Autónoma da Madeira, de momento.

Um grande exemplo que podemos e devemos dar, é o XIII Congresso de Educação Artística que ocorreu no ano passado, de 2022, na Ilha da Madeira. É um congresso com uma organização conjunta entre o CEPAM – Conservatório – Escola Profissional das Artes da Madeira e a DSEAM – Direção de Serviços de Educação Artística. É um evento deveras relevante para quem se interessa por estas áreas e cresce dia após dia, no nosso meio, onde as pessoas se interessam por tudo o que este tipo de congresso abrange, porque a “ educação artística é, sem dúvida, um forte instrumento para a formação holística das nossas crianças e jovens.” (Gonçalves, 2015, p. 12). Consoante esta citação, podemos afirmar que este evento ajuda a começar o ano letivo com novas ideias e novas experiências, que foram vivenciadas, entre indivíduos apreciadores da temática da Educação Artística.

Com estes exemplos supramencionados, levantamos uma questão pertinente: será que ao promover eventos relacionados com as artes visuais, na mesma proporção com a qual promovemos eventos musicais, será que não teríamos o mesmo sucesso em eventos deste cariz, apostando na qualidade que existe na Região Autónoma da Madeira?

#### **4.2 – Um olhar sobre a educação não formal no ensino das Artes e da Cultura no caso concreto da Região Autónoma da Madeira**

Começamos este ponto por referir que a Educação artística, seja no âmbito formal, isto é, de base escolar – dentro da escola, seja não formal, ou seja, extracurricular – fora da escola, é um decurso pelo qual as crianças absorvem, descobrem, transmitem e aprendem conhecimentos, os quais ajudam na criação da sua própria identidade, onde acabam por adquirir conhecimentos e vivências ao longo da sua vida:

“Assim, as artes devem ser consideradas como caminho a (re)olhar, numa perspectiva de conhecimento do mundo, compreendendo e refletindo sobre os fenómenos sociais e culturais que emergem dentro e fora da escola, estimulando a construção de identidades e consequentes transformações sociais.” (Gonçalves, 2015, p. 13).

Portanto, todos os que estejam rodeados por um qualquer contexto educacional na área da educação artística, terão sempre, em princípio, uma experiência estética, uma maior consciência crítica e também uma preparação mais trabalhada de forma a entenderem e apreciarem a arte, uma vez que “Existem pressões crescentes sobre a educação artística para que cumpra vários objectivos, para além de ensinar as matérias relativas às artes.” (AEEAC e EURYDICE EIECP, 2010, p. 9). Isto significa que as crianças se desenvolvem mais ao longo do seu crescimento, ao terem este contacto com a arte, não só nessa área, como em todos os assuntos envolventes no estudo da Cultura e das Artes de vários grupos sociais e/ou povos.

Logo, quando falamos em educação artística e estética, temos que referir a importância das expressões usadas ao longo da nossa dissertação: **cultura, diversidade cultural, multiculturalidade, interculturalidade, identidade cultural, artes visuais e educação artística e estética**, visto que tanto na educação artística formal como na não formal, o indivíduo aprende um pouco sobre todas as culturas existentes, onde estuda os seus contextos culturais e variadas artes, pois no estudo da produção artística dos distintos povos, em várias épocas da história, podemos facilmente auscultar que não existe nem melhor nem pior, ou correto e incorreto, mais ou menos desenvolvido, todos com o seu único sentido e valor consoante o seu meio histórico e cultural. Podemos constatar que no presente, no campo artístico, a diversidade cultural torna os indivíduos mais ricos e completos, com uma visão renovada do mundo onde habitam, onde sabemos de antemão que é importante saber de onde vimos, mas também de onde vêm os outros que habitam em diferentes contextos culturais. Tudo isto faz com que as crianças acelerem o seu crescimento de uma forma mais célere, porque já começam a aceitar os diferentes meios culturais desde cedo e se enriquecerem culturalmente, um fator deveras importante nos dias que correm, pois “Nós herdamos o passado. Naquilo que nos rodeia, na vida material, nas artes, na filosofia, estamos perante a presença do passado no presente.” (Miguens, 2022, p. 188).

A partir deste entendimento, podemos falar da Região Autónoma da Madeira, que acolhe cada vez mais famílias de outras culturas, originando muita diversidade cultural no nosso meio escolar. Não podemos é dizer que a Educação artística está no caminho certo porque infelizmente, em Portugal, esta a Educação artística deu um passo atrás e conseguimos verificar nas matrículas dos alunos em Artes Visuais, nas nossas escolas secundárias. É de referir que a Escola Secundária de Francisco Franco é pioneira nesta matéria, sendo a escola preferida maioritariamente pelos estudantes.

É um pouco desapontante observar que nas restantes escolas do Funchal e arredores, a diminuição das matrículas em Artes Visuais, quase parecendo uma área de maior desinteresse entre os jovens madeirenses. Mas quem fala em escolas secundárias, também pode falar na Universidade da Madeira, onde a antiga licenciatura em Arte e Multimédia é agora intitulada por Artes Visuais, onde foi ajustada para o melhor da formação académica dos estudantes. E, novamente reafirmamos que é um pouco desapontante observarmos que a Educação artística tem se vindo a perder um pouco do seu rumo porque, “A criatividade e a expressão artísticas seriam um factor importante para o desenvolvimento da personalidade dos indivíduos.” (Fróis, 2012, p. 64). Segundo Ferreira (2007), toda a forma de arte é consequência de um modo de pensar o mundo em evolução, gerando a sua própria dinâmica. Pela sua natureza a arte é, por excelência, o veículo das ideias e o registo de um povo, pois as artes em geral, sempre tiveram um papel fundamental no desenvolvimento e na formação integral das pessoas. O ensino da arte ensina a valorizar as ideias, a criatividade e a imaginação. Nos tempos que correm, em pleno século XXI, a aposta nas artes tem que ser, imperativamente, uma aposta certa.

“Os principais objectivos da educação artística são bastante semelhantes em todos os países estudados. Quase todos os países mencionam “competências, conhecimento e compreensão a nível artístico”, “apreciação crítica”, “património cultural”, “expressão/identidade individual”, “diversidade cultural” e “criatividade” como objectivos.” (AEEAC e EURYDICE EIECP, 2010, p. 15).

A educação artística representa também uma abordagem fundamental na promoção das artes e os “professores que leccionam disciplinas artísticas desempenham um papel fundamental no desenvolvimento das competências criativas dos alunos e dos jovens.” (AEEAC e EURYDICE EIECP, 2010, p. 63). Este ramo da educação não pode nem deve ser olhado de

forma limitadora, mas algo que funcione como um motor que potencie o talento, e nunca como um plano “B” da Educação, algo que seja uma peça central numa abordagem educativa interdisciplinar. Ao promover um equilíbrio intelectual, emocional e psicossocial dos indivíduos e das sociedades, estimula competências como o pensamento crítico e inovador, a reflexão crítica e a comunicação, sendo que a “Educação Artística nas escolas deve permitir que a criança se exprima livremente, de forma a exteriorizar os seus sentimentos, ideias e emoções.” (Rodrigues, 2022, p. 14):

“La educación artística, la didáctica de las artes y de la cultura visual, o como la queramos llamar, es una área educativa que se diferencia del resto de las áreas que configuran el mundo de la educación en que el núcleo del conocimiento que genera está basado en un lenguaje específico: el lenguaje visual.” (Acaso, 2014, p. 25).<sup>8</sup>

O ensino da arte é uma necessidade vital e um direito de todos dentro da nossa sociedade, sem exceção, e como pudemos observar no início deste ponto, não podemos restringir esse direito na educação formal, ou seja, numa sala de aula, uma aula de artes visuais, uma ou duas vezes por semana. Pior que isso, restringir às crianças, meros desenhos estereotipados, prontos para colorir, na vã ideia de que assim trabalharão sua motricidade, sendo que “A criança, em todos os povos e raças, só quando está apta a dissociar o amálgama do *sincretismo*, entrando nos *convencionalismos* sociais pela nomeação das coisas, é que começa a equilibrar e a formar verdadeiramente a sua vida intelectual.” (Carvalho, 2004, p. 90). E temos, neste sentido, claramente o exemplo da educação não formal, que é do foro extracurricular, como já referido acima. Mas, neste caso, o que poderemos considerar como educação não formal? Temos aqui os *workshops*, as visitas a museus e galerias de arte, que já tínhamos mencionado na página 38. Os museus poderão ser um espaço de educação não formal, fora da sala de aula, porque, acrescentam valores especiais à escola formal, como também, exposições artísticas, mas principalmente, temos as tradicionais e pouco reflexivas atividades artísticas, como é o exemplo dos ateliers de desenho:

“Questionar um (o museu ou a galeria, por exemplo) sem tocar no outro (o ateliê) é – infalivelmente – não questionar coisa nenhuma. Qualquer

---

<sup>8</sup> Tradução nossa: A educação artística, a didática das artes e da cultura visual, ou como quisermos chamá-la, é uma área educacional que se diferencia das demais áreas que compõem o mundo da educação em que pelo núcleo do conhecimento que a gerou, está baseada numa linguagem específica: a linguagem visual.

questionamento do sistema da arte passará, pois, inevitavelmente, por um questionamento do ateliê enquanto lugar único onde o trabalho de faz, assim como do *museu* enquanto lugar único onde o trabalho se vê.” (Buren, 1979, p. 48).

Segundo Buren (1976), o atelier é, maioritariamente, mais indispensável ao artista do que a galeria e o museu alguma vez o poderiam ser. É, evidentemente, anterior a estes dois, onde a sua função é ser o lugar de origem do trabalho artístico, ou seja, da nossa Arte. É um lugar onde na maioria dos casos poderá ser privado e é um lugar fixo de criação de objetos obrigatoriamente transportáveis onde, futuramente, esses objetos irão para um Museu. Desta feita, o autor passa a questionar o atelier como o único lugar onde a obra se faz e, por outro lado o museu como o único onde ela é vista. Este limite do atelier torna-se num lugar estratégico, de filtragem e seleção, sendo que “a partir da sua produção em ateliê, a obra encontra-se isolada do mundo real. Todavia, é nesse momento, e só nesse momento, que ela está mais próxima da sua própria realidade.” (Buren, 1979, p. 49).

Podemos afirmar, todavia, que na educação dos mais jovens, sejam crianças ou mais crescidos, o atelier se constrói, porque apresenta-se como um lugar central, que permite uma conexão e um diálogo aberto com todos os demais espaços. É ainda um local nobre de aprendizagem diversificada, nem que no âmbito de uma escola ele possa ser apenas recanto artístico, ou até mesmo uma mesa de trabalho pequena de possibilidades instigantes, visto que “Uma das finalidades da arte é contribuir para o apuramento da sensibilidade e desenvolver a criatividade dos indivíduos.” (Fróis et. al., 2011, p. 203).

“Praticamente toda a gente, incluindo até as crianças muito pequenas, tem pelo menos um entendimento parcial da expressão “obra de arte”. Praticamente toda a gente sabe reconhecer que algumas coisas são obras de arte, sabe como são feitas algumas obras de arte, entre outras coisas semelhantes. Portanto, praticamente ninguém está necessitado de uma definição de “obra de arte”. (Dickie, 2009, p. 155).

De facto, o atelier é visto como um espaço versátil e intermutável, pela única e exclusiva razão de que pode-se transformar sempre que quisermos. Assim, o atelier consegue transpor-se para outros espaços físicos, criando diversos e variados contextos de aprendizagem significativos. Partindo do pensamento formado que temos do atelier como troca de experiências num fluxo contínuo, o tema do atelier do artista torna-se de grande relevância

para a compreensão dos processos de produção e também de recepção da arte, bem como ainda de construção da imagem do artista para si mesmo e para a sociedade, onde os rascunhos, já vão começar a servir de auxílio como as sementes para colonizar o cérebro infantil para uma futura e relevante alfabetização e noção de espaço.

“A arte, embora esteja ancorada no caos criativo, na desconstrução, nos pontos de vista, nas realidades individuais e na experiência pessoal de quem a produz, cruza de um modo mais fluido as fronteiras de significação cultural do que outras linguagens.” (Gouveia et. al., 2020, p. 14).

A expressão artística começa a privilegiar a aprendizagem logo a partir dessa ocasião. Começa por ser a primeira forma de expressão artística que as crianças têm contacto, aquele momento em que os pais destas crianças as incitam a desenhar e pintar com os lápis de cor. Os estudantes são espicaçados a desenvolver e praticar a sua observação, o espírito crítico, a sua criatividade e sobretudo estimulados a observar e tentar compreender o mundo onde vivem. Entendendo que, do “ponto de vista pedagógico e em idades mais precoces, é possível explorar e ensinar o conhecimento acerca dos outros, fomentando uma atitude de respeito pelas suas crenças e valores.” (Fonseca & Pinho, 2020, p. 40). Essas capacidades aumentadas também contribuem para o desenvolvimento cognitivo como um todo. Outro aspecto é que as artes plásticas também possuem o papel fundamental de contribuir para a melhoria da psicomotricidade e ainda na manifestação dos sentimentos.

“A aprendizagem do aluno ocorre quando o discípulo faz activamente novas construções, elaborando novos tipos de significado em novos moldes. Por exemplo, ao tentar interpretar uma imagem, o aluno pode começar a perceber que todos os sinais na página se combinam entre si, formando em conjunto um significado com sentido.” (Housen, 2011, p. 152).

A arte visa proporcionar o processo de criação no indivíduo, levando-o a desenvolver a sua criatividade e raciocínio, melhorar o seu potencial de pensamento e a realização de atividades, de exposição e solução de problemas em situações sociais e quotidianas, e “Para descobrir como olhar para as coisas de uma nova maneira, o aluno tem de partir da sua própria experiência em vez de tentar apropriar-se da maneira de ver dos especialistas.” (Housen, 2011, p. 152).

“a educação artística apresenta-se como um factor de estímulo da consciência cultural do indivíduo, e pode ser um poderoso instrumento de afirmação da singularidade na diversidade, dado que, recorrendo a práticas que podem ser entendidas como transgressoras e críticas, permite a dialéctica, é emancipadora e inclusiva.” (André, 2010, p. 56).

Mas não devemos perder o foco deste ponto, que é o de falarmos da educação não formal da Região Autónoma da Madeira, onde podemos começar por referir que infelizmente, em Portugal, a Educação artística tem andando constantemente num impasse e na nossa Região não é diferente. De facto, possuímos instituições e associações que desde há muito são responsáveis e até pioneiras pelo ensino e educação das artes, como é o excelente exemplo da PORTA33, que já mencionamos no ponto anterior e ainda os mais variados museus e galerias de arte que organizam *workshops*, visitas de estudo e atividades culturais. Temos ainda o CEPAM – Conservatório – Escola Profissional das Artes da Madeira e a DSEAM – Direção de Serviços de Educação Artística da Madeira. Estas também têm desempenhado um papel crucial na educação artística na nossa Região. Porém, e infelizmente temos que referir que é quase inexistente um atelier de desenho, onde possamos colocar as nossas crianças, não só nos meses de verão, mas durante o ano todo, para aprenderem sobre desenho e artes no geral. Contudo, temos cá na Região um atelier que é uma referência para muitos de nós, público em geral e também entre os artistas – o Atelier Gatafunhos, que será o nosso estudo de caso, no próximo capítulo, uma vez que se aporta como um atelier que merece todo o nosso destaque, uma vez que acompanha as nossas crianças, sendo também um exemplo por tudo o que transmite a elas e a nós, desde valores e competências, visto que:

“Não aprendemos a saber o que é a arte a partir das teorias ou definições dos filósofos. Os seus comentários seriam ininteligíveis se não soubéssemos já algo sobre arte. Aprendemos coisas sobre a arte de formas diversas, o que, invariavelmente, acontece quando ainda somos crianças.” (Dickie, 2009, p. 160).

Segundo Jardim (2014), um dos pontos fortes na educação na Região Autónoma da Madeira dizem respeito a todas estas atividades extracurriculares já referidas, ou seja, faz parte da educação não formal do estudante, sendo que é através da multiplicidade e diversidade destas atividades, que se acaba por estimular o desenvolvimento social e tornar mais fortes o sentido de pertença à própria escola, bem como a capacidade de dialogar e refletir em níveis de profundidade complementares ao que se alcança no contexto dos programas curriculares.

Assim, têm como “objetivo uma ocupação criativa dos tempos livres, proporcionam aprendizagens segundo uma abordagem mais lúdica e mais informal do que a verificada nas salas de Aula” (Jardim, 2014, p. 447). A educação artística é um investimento que acaba sempre por trazer retorno financeiro e cultural para toda a comunidade. Desta forma, urge que seja apoiada como uma área essencial na educação. É também importante realçar que tanto no contexto escolar ou mesmo fora desse mesmo contexto, criam-se percursos artísticos, que vão criando marcas positivas na vida das crianças e jovens. É suficiente observar quando estes reavivam memórias com bastante alegria, aquando das suas participações e ações passadas. Vemos que tanto as crianças como os jovens que estão ligados às artes acabam por ter uma visão mais abrangente do mundo, com uma atitude mais aberta e positiva em relação a tudo, no geral.

## **PARTE II**

### **Da teoria à prática: Análise de situações concretas**



*Imagem 1 – desenho realizado a pastel de óleo sobre papel preto, por uma criança que frequenta o Atelier Gatafunhos*

## **Capítulo 5**

### **Observar o Atelier Gatafunhos – Roteiro de observação direta participante**

Dando seguimento à argumentação desenvolvida anteriormente, este capítulo tem como objetivo central refletir sobre o ensino das Artes Visuais, da Estética e da Cultura ao nível do desenvolvimento intelectual e criativo de crianças na faixa etária dos seis aos 12 anos, procurando observar até que ponto as artes influenciam o modo de vida da mesma. Para isto, como estudo de caso, apresentamos o Atelier Gatafunhos, inserido na PORTA33, que é um projeto prestigiado na Região Autónoma da Madeira, para quem frui a Arte. O atelier contou com uma investigação acerca de como as Artes Visuais são transmitidas, conduzida pela Artista Plástica Luísa Spínola, assim como é implementado tendo em conta estratégias pedagógico-didáticas com provas dadas e as influências que estes métodos têm nos jovens durante o seu percurso escolar, podendo até ter influência e impacto no decurso da sua vida profissional, quando se desenvolve, ou não, trabalho nas áreas das Artes Visuais,

sublinhando o papel das mesmas na construção de uma Identidade Cultural e Estética. Para sustentar as conclusões apresentadas, foi realizada uma análise extensa de situações concretas, no seio do Atelier Gatafunhos, através de uma observação direta participante, com o objetivo de avaliar o comportamento das crianças, com a finalidade de poder retirar, através da coleta e análise dos dados, algumas conclusões fundamentais para a nossa investigação. Desta forma, mostramos, com base em dados concretos, que o ensino das Artes Visuais pode ajudar a construir uma Identidade Cultural mais autêntica e com bases sólidas para o futuro.

### 5.1 – O Atelier Gatafunhos, inserido na PORTA33



*Imagem 2 – fotografia da sessão “Cabeça nas Nuvens”*

Tivemos, como finalidade desta recolha de dados, analisar todas as informações obtidas através de uma observação direta participante, visto que “Na observação participante, é o próprio investigador o instrumento principal de observação.” (Lessard-Hébert, Goyette & Boutin, 2008, p. 155). Seguindo por esta via, foi nossa intenção auscultar diretamente e pessoalmente o comportamento das crianças que frequentam o Atelier Gatafunhos. Como realizámos uma observação de cariz participante, acreditamos que ficámos mais próximos das crianças que estudámos, tendo a oportunidade de estarmos inseridos no próprio ambiente, para percebermos melhor o seu comportamento e reações, porque “Trata-se de um procedimento de observação e registo direto das condutas, atitudes e práticas desenvolvidas pelo(s) sujeitos de estudo.” (Haro, et al., 2016, p. 100). A nossa observação foi planeada, com os pontos que falaremos, em seguida, uma vez que “É impossível elaborar a concepção geral do estudo sem se determinarem com precisão os fins visados, o campo de problemas abrangido, os resultados que se pretendem obter, em aproximações sucessivas.” (Lima, 2000, p. 23). Fizemo-la durante três sessões que ocorreram quinzenalmente, para analisarmos diferentes atividades e comportamentos. Intitulámos as sessões conforme os exercícios propostos pela Artista Plástica Luísa Spínola. A primeira designámos “Cabeça nas Nuvens” e ocorreu a 07 de janeiro de 2023 (1.<sup>a</sup> Sessão do ano – 1.<sup>o</sup> Sábado do mês, das 11h30 às 13h00); à segunda optámos por dar o nome de “Raízes”, sendo que esta ocorreu a 04 de fevereiro de 2023 (1.<sup>o</sup> Sábado do mês, das 11h30 às 13h00); por último, temos a terceira sessão que apelidámos por “Manta de retalhos”, a sessão de 04 de Março de 2023 (1.<sup>o</sup> Sábado do mês, das 11h30 às 13h00).

Anotámos tudo o que foi planeado numa espécie de caderno de campo porque, tal como sugere Haro, et al. (2000), o observador registará a sua observação no meio principal de registo dos dados, que se designa por “caderno de campo” e que a questão de o sujeito nos aceitar é deveras importante, porque a observação participante é usada para estudar grupos e práticas sociais de difícil acesso. Segundo isto que acabámos de citar, não intervimos nas aulas do atelier e, como tal, fomos apresentados às crianças como observadores externos, apesar de “Se o investigador revelar o seu papel como pesquisador, pensa-se que os sujeitos não agirão com naturalidade pelo facto de se saberem observados” (Haro, et al., 2016, p. 102). Eticamente, foi mais apropriado não ocultar tal informação e assim, as crianças não mudaram a sua maneira de agir.

Falando de forma mais pormenorizada acerca do Atelier Gatafunhos, temos a referir que foi fundado no ano de 2006 pela artista plástica Maria Luísa de Freitas Spínola, licenciada em Artes Plásticas / Pintura pelo Instituto Superior de Arte e Design, pós-graduada em Gestão e mestre em Arte e Património no Contemporâneo e Atual. Tem um percurso académico que achamos essencial para a nossa dissertação, nesta área cultural e artística e pertinente para a nossa coleta de dados, dado que , na forma que faz a sua abordagem e que abraça o ensinamento das artes com as crianças e jovens, é única na região. Sendo que é uma pessoa que demonstra conhecimento mais que suficiente para a gestão do atelier e onde aproveita a sua bagagem, tanto académica, como pessoal e profissional, para promover a criatividade, sensibilidade e expressividade das crianças, consegue motivar e ajudar estas crianças e jovens no seu crescimento pessoal e artístico, e conseqüentemente como pessoas, sendo que muitas acabam por seguir este caminho profissional, graças ao *input* dado pela artista. Estas práticas são reconhecidas a nível nacional como práticas de excelência para o desenvolvimento artístico e criativo das crianças e jovens.

## **5.2 – O que observámos?**

### **5.2.1 – Ambiente**

Como refere Herbert Read (2016), as crianças começam a exprimir-se desde o nascimento, e com este pensamento observamos se o ambiente é adequado para o desenvolvimento das crianças, tendo em vista que todos nós, em algum momento da nossa vida de crianças, começamos a conhecer o mundo que nos rodeia, por meio das nossas expressões – quer sejam de felicidade, ou de momentos mais negativos, sendo que “cujo único objectivo é exteriorizar um sentimento mais generalizado, como o prazer, a ansiedade e a raiva.” (Read, 2016, p. 135). O ambiente não está relacionado apenas com o lugar físico onde estamos inseridos, mas também com o comportamento de um sujeito, ou de vários sujeitos que interagem entre si. Com isto, tivemos o intuito de observar e, posteriormente, analisar se o Atelier Gatafunhos acolhe crianças de diferentes meios culturais, uma vez que sabemos que “Os sujeitos também são influenciados pela conjuntura, ou pelas condições históricas, políticas, económicas, sociais e culturais, que os transformam, alterando-lhes a consciência, as reacções e, claro, o comportamento.” (Gonçalves, 2018, p. 23). Sabemos que o contacto com diferentes meios culturais, faz com que as crianças, desde cedo, comecem a criar uma

base que definirá a sua Identidade Cultural. As crianças, desta forma, aprendem a respeitar a diversidade cultural, o meio que as rodeiam e o mundo no geral. Continuando a falar de expressão, pretendemos examinar de que forma as crianças gostavam de desenho, onde observámos se desenhavam de forma livre, sendo uma forma de se mostrarem a si e ao Outro, realmente – ou seja, comunicarem com o mundo, uma vez que:

“Os desenhos livres só são possíveis quando temos uma criança livre a quem foi permitido crescer e aperfeiçoar-se na assimilação do seu ambiente e na reprodução mecânica; e que, quando deixada livre para criar e expressar-se, na verdade cria e se expressa.” (Read, 2016: 141).

### **5.2.1.1 – Emotividade**

Neste ponto, optámos por verificar sobretudo se as crianças mostraram felicidade ou tristeza, através das suas expressões faciais, da maneira como falam, como reagem, dos seus comportamentos e atitudes, e podemos afirmar que:

“As reações às expressões faciais são universais, pois há seis ou sete estados emocionais reconhecidos por todos os seres humanos, bem como altamente individualizados considerando a cultura. Também as próprias experiências de vida passadas condicionam as respostas aos rostos.” (Rato, 2023, p.38).

Sabemos que, “Quanto mais rica for a experiência humana, tanto mais abundante será o material de que a imaginação dispõe. É por isso – pelo facto de a sua experiência ser menor – que a imaginação da criança é mais pobre do que a do adulto” (Vygotsky 2009, p. 17), e por outro lado, sabemos que as crianças por norma exprimem o que sentem de uma forma mais criativa que os adultos:

“O mecanismo da percepção e do pensamento, da afectividade e da actividade, é, essencialmente, o mesmo em todos os homens, e constitui já, numa constante adaptação ao meio, a elaboração das propriedades primordiais da vida elementar. Para todos os homens existe a mesma raiz cerebral do pensamento e o mesmo sistema inato de actividade instintiva; para todos existe um comportamento reaccional submetido ao mesmo esquema; e a emoção, em todos, tem o mesmo carácter instintivo.” (Carvalho, 2004, p. 87).

Com base na nossa observação podemos referir que as crianças que frequentam o atelier, ao longo das sessões, mostraram felicidade, tanto com a sua expressão facial, como com a

corporal. Sendo que estiveram envoltos em sorrisos frequentemente a saltar e a dialogar, o que vem provar que estão genuinamente felizes e que se sentem verdadeiramente integrados com o ambiente à sua volta, visto que “É bem sabido que quando estamos alegres vemos as coisas com olhos que são muito diferentes daqueles com que vemos quando estamos tristes.” (Vygotsky 2009, pp. 20-21).

Como suprarreferido, observámos a primeira sessão do ano, como exibida na imagem 2, que ocorreu após o Natal, momento em que as crianças estavam mais carinhosas e felizes por um lado, e com um semblante mais triste e com saudades ou mesmo a sentir alguma falta de companhia, por outro. Isto porque, desde o momento em que chegaram, começaram a falar com a Luísa e a Carolina Vieira, ajudante do atelier, com saudades de lá estarem, devido à pausa natalícia e aproveitaram também para falar das suas famílias e do que fizeram no Natal com entusiasmo, o que mostra bastante cumplicidade entre todos, com isto “(...) *a sensação é um elemento do conhecimento*. A capacidade de sentir imiscui-se na aptidão para obter impressões e para determinar qualidades, ou seja, funde-se com o próprio entendimento.” (Gonçalves, 2018, p. 31). Isto faz referência ao que mencionámos nas páginas 20 e 21: que devemos sempre acolher e respeitar a cultura e o meio de onde o Outro chega, porque este Outro deverá ser visto como um ser que merece todo respeito e ademais, sendo um cidadão de pleno direito onde a sua interculturalidade poderá e deverá mostrar-se como um instrumento essencial para um plano mais orientado para esta tal interculturalidade que mencionámos como uma forma de comunicação e aproximação entre pessoas ou grupos de diferentes culturas. E, tal como referido na página 18, a cultura tem as suas bases sedimentadas num processo todo ele de partilha, dado que a cultura forma-se através dos vários e diversos grupos de uma sociedade, permitindo a cada indivíduo preservar o resultado dessa partilha, sob formas culturais particulares, baseadas em modos de conhecimento coletivo que tanto se manifestam nas descobertas científicas como na produção e receção de obras de arte.

Ao longo de todas as sessões, nas atividades propostas, mostraram entusiasmo, ao ponto de se levantarem e abrirem a boca com espanto e euforia ao fazerem os exercícios propostos pela Luísa Spínola, sendo que com isto podemos reforçar o que afirmámos na página 34, que através da educação artística e criativa vamos sempre ter crianças mais desenvolvidas e

potencialmente mais felizes que futuramente irão ser, certamente, adultos mais responsáveis, mais autônomos, mais confiantes em si próprios e mais conhecedores do mundo que os rodeia, ferramentas importantes para os dias que correm, num mundo cada vez mais competitivo e desigual.

Isto tudo acontece porque a Luísa realmente coloca as crianças à vontade, sem haver qualquer tipo de discriminação de qualquer índole, onde arranja um tempo, antes dos trabalhos efetuados no atelier começarem, para falar com cada uma criança, sobre o que ela se sente mais familiarizada, porque como referimos na página 21 devemos criar uma relação efetiva entre as várias e diversas culturas, tentando por fim à discriminação social, de forma a que nenhum grupo se sinta colocado num canto, seja por motivos culturais, ou outros tantos que têm o mesmo efeito negativo na sociedade. É de referir que com estas conversas, a Luísa tenta sempre transmitir algum tipo de ensinamento: damos, como exemplo, uma das conversas com uma das crianças onde o artista mostrou uma pedra do atelier e aproveitou para comparar com algodão, para fins de conseguirem os tamanhos, texturas, formas e às vezes até aromas e pesos do que existe no atelier, de forma a poderem absorver todas estas sensações que potenciam a criatividade.

Outro ponto deveras interessante a referir é que a Luísa dá constantemente elogios às crianças, mesmo quando ‘falham’, o que ajuda na criação e solidificação da sua autoconfiança porque acabam por sentir ajuda e afinal de contas, quem é que não gosta de ser elogiado? E quando falhamos, não merecemos que nos apontem o dedo constantemente, mas sim, queremos ouvir uma palavra de força, para tentarmos ser melhores e nunca desistirmos de o tentar, até acertarmos. Com isto, temos a certeza, que as crianças crescem mais confiantes e felizes porque como falámos na páginas 45 e 46, é através desta interação que realmente podemos confirmar o quão enriquecedora pode ser a nossa convivência com as outras pessoas e culturas, além fronteiras e como vimos, através de Lima (2018), as pessoas mais bem integradas em grupos se sentem bem e possuem níveis mais altos e consistentes de autoestima. Assim, as crianças crescem mais confiantes e acreditam mais nas suas capacidades, acreditando mais em si, sendo que conseguem desempenhar um papel fundamental na sociedade e possuírem níveis de autoestima e autoconfiança aceitáveis para serem bons profissionais e seres humanos.

Afinal de contas, esta pausa quinzenal é fundamental para o crescimento das crianças. Aliás, o desenho aqui proposto e incutido pela artista, só faz com que elas se conheçam e que tenham uma atividade extracurricular, que se mostra deveras importante para o seu desenvolvimento cognitivo e criativo, onde estão num sítio que podem desenhar como sabem, o que sabem e ao mesmo aprender sobre tudo o que está ao seu redor:

“O diálogo organizado com as artes visuais, quando vivido e compreendido, acompanha um processo íntimo do desenvolvimento cognitivo e emocional dos indivíduos, distinto de outras áreas do saber, no qual o raciocínio lógico se constitui como via principal para a aquisição do conhecimento”. (Fróis et. al., 2013, p. 9).

#### **5.2.1.2 – Atitudes e valores**

Aqui, tentámos perceber de que forma as crianças exprimem a sua identidade cultural, verificando se é tradição a criança se exprimir – devido à sua origem poderá haver crianças mais reprimidas dentro do grupo. Também quisemos analisar se respeitam a diversidade cultural dos colegas, através da maneira como interagem uns com os outros, se conseguem se exprimir livremente, se existe algum bloqueio na sua expressão e, também, se há entendimento e respeito mútuos, percebendo se estão mais isoladas ou em grupo porque; se demonstram empatia com os restantes colegas e; se aceitam as diferenças culturais porque “Numa esfera de fenómenos migratórios e de intensa globalização, a educação intercultural emerge como uma abordagem diferenciada, conjeturando uma abordagem baseada no respeito mútuo e na igualdade” (Fonseca & Pinho, 2020, p. 39), e como afirmámos na página 47, a identidade cultural está intrinsecamente associada à identidade social, pois da mesma forma que falamos sobre identidade cultural, também o podemos fazer em relação à definição de cultura de um povo e de toda a herança que advém dessa cultura. Por outras palavras, quer seja a sua raça, o seu género, língua, religião, entre outras, todos estes traços têm influência no comportamento de uma determinada sociedade.

No meio da nossa observação, notámos que no atelier temos tantas crianças com traços físicos distintos, mas tão iguais na sua maneira de ser e de estar. Sendo o desenho algo de compreensão universal, tendo aqui neste espaço crianças tão distintas, mas que se interessam

em ambas as atividades, constatamos, como pudemos observar na página 29, a arte tem uma grande contribuição para o desenvolvimento cultural de uma civilização e, conseqüentemente, tem um contributo bastante ativo na formação estética de um indivíduo:

“Para além da reconhecida importância do papel social e económico da educação ela também tem uma relevante função na socialização, através da formação de identidades pessoais e coletivas, a formação de uma cidadania responsável e a promoção de uma participação social crítica, baseada em princípios de respeito de vida, da dignidade humana e da diversidade cultural.” (Ferreira et al., 2016, p. 10).

Falando mais ao pormenor, temos crianças com diferentes *backgrounds* culturais, onde nos salta logo à vista as características faciais diferentes, que diferem um pouco das nossas [portugueses], mas que pese embora serem de outra nacionalidade, têm em comum a comunicação, porque falam Português – o que acaba por facilitar e muito a adaptação e compreensão mútuas. Chegámos a presenciar duas crianças do sexo masculino originárias da Polónia, que são dois irmãos e uma menina vinda da Rússia.

Os dois meninos da Polónia mostraram ser mais acanhados e não quiseram participar numa determinada atividade proposta em que o objetivo era o de contar uma história. Aqui, apesar de comunicarem em português, pensámos ser algo dentro do normal, devido à sua origem e possíveis barreiras linguísticas que pudessem existir (uma vez que podem não dominar a língua portuguesa) mas as outras crianças não se importaram e não discriminaram, até continuaram com o exercício, aceitando as diferenças culturais dos colegas visto que “É claro que somos diferentes de todos os outros. Temos um ADN único. Tivemos uma experiência de vida diferente da de qualquer outra pessoa. Somos o resultado de todas estas influências e isso faz de nós seres únicos.” (Lima, 2018, p.9).

Isto ajuda a entender o que é mencionado nas páginas 43 e 44: de que o conjunto das características individuais e que distinguem um indivíduo de outro e que o definem como pessoa, fazendo-o ser distinto do Outro, e ainda que durante a infância, o indivíduo começa a se relacionar mais com os outros e, assim, começa a construir valores e crenças ao longo do seu crescimento e aprendizagem/formação pessoal e profissional em torno do que ele é e será num futuro a médio e longo prazo, de quem são os outros e de como funciona o mundo

à sua volta. Desde a primeira sessão notámos que tem um menino mais envergonhado, ligeiramente mais tímido que os demais, porque fica mais isolado, e aqui não sabemos se isto acontece por ter feito uma pausa do atelier, relativamente grande, devido à fase pandémica que vivemos nos últimos tempos.

Um dos pontos a referir é o de que as crianças acabaram por formar os seus grupos, dentro do grupo principal do atelier, como podemos verificar na imagem 3, onde a artista divide os materiais desta forma. Escolhem os colegas que têm mais afinidade para essa partilha, mas nunca desprezam os outros grupos, visto que mesmo estando em grupos falam uns com os outros. Apesar de estarem muito unidos, visto não existir muito espaço, não copiam os colegas, não olham para o lado, não dizem mal e aceitam as diferenças uns dos outros que até chegam a elogiar os trabalhos dos colegas, dizendo até “Uau, está bonito!”, assim como “as identidades pessoais podem ser vistas como as histórias que construímos e contamos acerca de nós e que definem quem somos para nós e para os outros.” (Lima, 2018, p. 19).



*Imagem 3 – Crianças a desenharem a pastel de óleo*

Na segunda sessão de observação, presenciámos um episódio no qual uma menina disse que a Luísa ficará para sempre no coração dela, o que mostra uma certa cumplicidade entre a artista e as crianças, porque como constatámos na página 23, vimos que é através da interculturalidade que se consolida uma clara intenção de alimentar o diálogo e a relação entre múltiplas culturas e aqui, não existe caminho melhor do que a Arte para podermos desvendar realmente uma cultura dado que esta se assume como um meio bastante eficaz para estimular a consciência dos próprios indivíduos.

Uma das coisas que notámos no atelier é que as meninas queriam imenso comunicar connosco, devido ao seu olhar, onde de vez em quando fixavam o olhar em nós para ver o que estávamos a fazer, sorriam timidamente e até acenavam, na esperança de um retorno na sua tentativa de comunicação. Apesar disto, ficaram à vontade com a situação porque estão constantemente com companhia nas sessões, sendo que até por vezes os pais ficam, e por outras têm a presença da Carolina Vieira e da Cecília Vieira de Freitas, que faz parte da direção da PORTA33.

Cada um tem uma capa com o seu nome, onde guardam os seus trabalhos, sendo que cada capa é personalizada por cada criança. Observámos também que a menina mais nova não fala muito, talvez por ser a mais nova e sentir algumas dificuldades em comunicar com os mais velhos. Por outro lado, notámos que no geral as crianças gostam umas das outras e até trocam impressões sobre as suas vidas pessoais. Uma das frases da artista que ouvimos no atelier que vale a pena transcrever é: “Liberdade para dentro da cabeça” porque demonstra claramente que aqui há liberdade para as crianças serem elas próprias! Notamos que quando aconteceu de algumas crianças dizerem que o desenho não correu muito bem, a Luísa sempre disse que o desenho ficou maravilhoso e sempre incentivou a não desistirem, dando o conselho de que deveriam pensar mais no sim, em vez do não, ensinando as crianças a pensarem de uma forma mais otimista, para as coisas correrem melhor diariamente, não só no atelier. Esta forma de pensar e agir levamos a constatar que:

“Assim, as artes devem ser consideradas como caminho a (re)olhar, numa perspectiva de conhecimento do mundo, compreendendo e refletindo sobre os fenómenos sociais e culturais que emergem dentro e fora da escola, estimulando a construção de identidades e consequentes transformações sociais.” (Gonçalves, 2015, p. 13).

Uma das presenças frequentes do atelier são a de dois gatinhos, notando que um deles fica muitas vezes deitado nas mesas, como demonstrado na imagem 4. Notámos que as crianças gostam desta presença porque estão constantemente a dar carinhos ao gato. Notámos igualmente que ambas gostam de animais e falam sobre os animais de estimação que têm em casa ou que já tiveram também. Achámos estas sessões importantes para o futuro deles porque não há dúvidas que crescem mais confiantes porque aqui ninguém dá relevância ao ato de falhar ou errar, tanto a Luísa, como os próprios colegas. Aliás, cada um deles assume desde o início onde tiveram mais dificuldades e um dos conselhos da Luísa para eles, é que deveriam ler, escrever, pesquisar e até fazer mais jogos, porque ajuda a ganharmos mais imaginação.



*Imagem 4 – as crianças do atelier, com o gato residente da PORTA33*

Devemos terminar este ponto voltando a falar do que mencionámos na página 53, onde é colocado o nosso olhar na Região Autónoma da Madeira. Observamos que se apresenta como um arquipélago recheado de tradições culturais e costumes, que são o resultado de todas as vivências, usos e ainda dos costumes do povo madeirense que se foram construindo

e mantendo vivos ao longo de gerações e que perduram até hoje. Sendo que aqui, no atelier, nunca perderam estes costumes e os mesmos são transmitidos através da convivência entre todas as crianças, momento fulcral para socializarem e criarem a sua própria identidade.

Segundo Giddens (1997), de uma forma virtual, toda a experiência humana é determinada pela socialização e mais particularmente através da aquisição da linguagem. Podemos dizer que linguagem e memória estão intimamente ligadas quer ao nível da memória individual, quer ao da institucionalização da experiência colectiva, uma vez que “a identidade colectiva impregna a nossa identidade pessoal e as memórias que a constituem.” (Sobral, 2012, p. 22).

## **5.2.2 – Atividades**

Aqui pretendemos efetuar um registo sobre as atividades existentes; saber quantas crianças participam nas aulas do atelier; as suas diferentes etnias, idades e contextos culturais; também achamos fundamental aqui observar a quantidade de atividades propostas e descrevê-las, a fim de perceber os diferentes exercícios propostos nas sessões do atelier e qual a sua duração.

### **5.2.2.1 – Perfil das crianças**

Neste ponto tentámos obter informações sobre quantas crianças existem por sessão, perguntando à artista plástica Luísa Spínola se seria a primeira vez que lá estão, ou mesmo há quanto tempo frequentam o atelier e ainda sobre qual a faixa etária do grupo.

Na primeira sessão, compareceram oito crianças, uma delas que já está a frequentar o atelier há cerca de dois anos – um rapaz. As restantes sete crianças são raparigas, dos cinco aos 10 anos, sendo que uma delas tem cinco anos e está a experimentar o atelier pela primeira vez, tendo um ano a menos do que é permitido por sessão mas que mesmo assim apareceu para vivenciar esta experiência, já que, como pudemos constatar na página 49, consoante as crianças vão crescendo e têm a capacidade de começar a conviver com outras pessoas com diferentes culturas e com diferentes bagagens de vida ou *backgrounds*, indo um pouco além do que estão habituadas, a sua identidade será enriquecida e a sua cultura também. Nesta sessão tem uma menina que já frequenta o atelier há mais tempo e onde conseguimos ver a

diferença em relação aos restantes porque gosta muito mais de comunicar e falar do que os outros, mostrando que está claramente mais à vontade com tudo e todos.

Na segunda sessão, compareceram 11 crianças, sendo uma das crianças um rapaz que não comparecia no atelier há mais de um mês. Isto perfaz uma equipa de oito meninas e três meninos dos seis aos 12 anos. Nesta sessão a rapariga de cinco anos, já não compareceu porque era muito nova e não se sentia pronta para estar sozinha, sem a mãe por perto, que na sessão anterior ficou com ela o tempo todo para que ela se sentisse confortável. Começámos por ver uma evolução no atelier no sentido em que ficou mais composto, devido a ter mais crianças a frequentá-lo.

Na terceira e última sessão de observação, notámos cada vez mais uma evolução do atelier, no sentido em que mais crianças compareceram a esta sessão. Um ponto negativo nisto que pudemos constatar é a falta de espaço dentro do atelier porque de resto reparámos que é muito enriquecedor e satisfatório ver tantos progenitores a apostar na educação extracurricular dos seus filhos, dando importância à educação não formal, que como proferimos na página 63, tanto a educação no âmbito formal, como não formal, é um caminho válido pelo qual as crianças absorvem, descobrem, transmitem e aprendem conhecimentos, que também ajudam na criação e fomentação da sua própria identidade, acabando por adquirir um leque amplo de conhecimentos e vivências ao longo da vida. Assim sendo, os jovens que estejam circundados por um qualquer contexto educacional na área da educação artística, irão ter sempre, à partida, uma experiência estética e uma maior consciência crítica e também estarão melhor preparados para compreender e apreciar a arte. Nesta sessão, o tal menino que falámos na página 80, o que fez uma pausa devido à fase pandémica que nos assolou, acabou por regressar, o que gerou uma felicidade enorme mostrada pelos restantes colegas e pela própria Luísa. Voltamos a salientar que notámos um progresso nas crianças que frequentam o atelier, onde cresceram sessão após sessão. Nesta sessão compareceram, 15 crianças, sendo que são nove meninas e seis meninos, com idades compreendidas entre os seis e os 12 anos de idade.

### 5.2.2.2 – Atividades propostas

Neste ponto mostramos a quantidade das atividades propostas, onde tentámos perceber se as crianças fazem uma atividade por sessão, ou várias, enquanto ocorreu, no mesmo espaço temporal, o trabalho de observação. Ao mesmo tempo, tentámos ver a duração média das atividades, se fazem atividades curtas ou longas e ainda que materiais e suportes utilizam, se são utilizados vários materiais, suportes e técnicas, visto que “Toda a actividade artística é uma actividade de cultura (artística).” (Ferreira, 2007, p. 89), e segundo a página 40, podemos observar que ao contactarem desde muito cedo com as obras de arte, as crianças desenvolvem um leque de competências tais como a imaginação e o seu senso crítico.

Aqui iremos falar de cada sessão em separado, para ser de mais fácil perceção, não esquecendo que este processo de aprendizagem é gradual, onde aprendem sessão após sessão, sendo que:

“A educação destina-se a melhorar a sociedade beneficiando os conhecimentos e as capacidades das pessoas, mas os efeitos da sua atuação não se fazem sentir de um momento para o outro. Ela atua de forma gradual e incremental, ao longo dos tempos.” (Ferreira et al., 2016, p. 11).

Na primeira sessão, intitulada “Cabeça nas Nuvens”, a Artista Plástica Luísa Spínola começa por falar com as crianças sobre assuntos que as deixam confortáveis para ficarem familiarizadas com ela e com o grupo, sendo que “A compreensão da diversidade cultural é outro objectivo comum à maioria dos currículos no domínio artístico e cultural.” (AEEAC e EURYDICE EIECP, 2010, p. 20). Aproveita também estas conversas para ter momentos de ensinamento para com as crianças. E por falar em estimular o pensamento, a primeira atividade proposta foi um exercício de descoberta, onde puderam comparar nuvens, com formas, como podemos verificar nas imagens 5 e 6. A Luísa deu folhas com borrões azuis de aguarela, a fazerem de nuvens, com o intuito das crianças contornarem o que está a branco, até perfazerem formas. Elas tiveram a liberdade de imaginarem qualquer forma, imaginária ou não. A título de curiosidade, quem é que não se lembra de fazer mentalmente este exercício em criança, onde olhava para as nuvens e imaginava animais, ou pessoas, como elas fizeram no papel, sabendo que “Tanto a criatividade como o conhecimento estão

presentes em toda a experiência estética e têm raízes e finalidades antropológicas, pois falamos de nós mesmos” (Ferreira, 2016, p. 112).



*Imagem 5 – desenhos efetuados na primeira sessão de observação, a aguarela e marcador*

Após este exercício, é lhes dado outro, agora com um cariz mais de ensinamento, onde aprendem as técnicas da aguarela, falando também da teoria da cor. Começam por usar as cores primárias e mostram algum conhecimento prévio sobre este assunto. Notámos que já conhecem perfeitamente quais são as cores primárias, e sabem que a sua mistura origina as cores secundárias. Neste exercício todos têm um pincel, folhas e dividem as cores primárias, que são a base de todas as outras cores. A artista ensina-os a usarem aguarela, não exagerando na água e limpando sempre o pincel com água. Começam por misturar as cores em linhas retas, evoluindo para linhas grossas, curvilíneas, finas, entre outras. Enquanto os desenhos secam, como tinham excesso de água, eles aproveitaram para pedir para ouvir uma história, porque como é habitual, segundo eles, adoram ouvir a Luísa contar histórias.

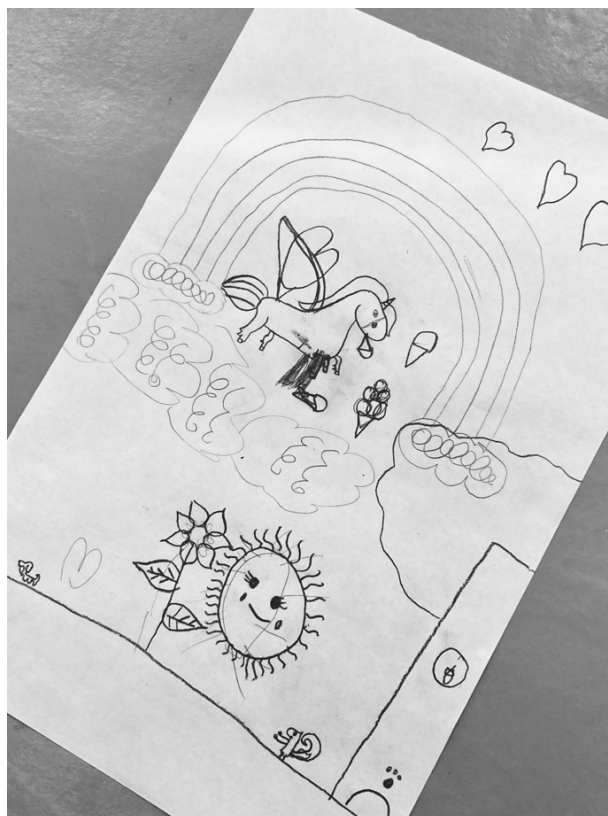
A última atividade desta sessão, consistiu num desenho coletivo, fazendo uso do lápis, onde cada um desenhou um pouco e o desenho foi passando por todos. Este exercício teve a duração de aproximadamente 10 minutos. Neste desenho desenharam o que conhecem, de memória e de forma rápida, porque têm apenas uns minutos para passarem para o desenho seguinte. Como podemos comprovar na imagem 7, cada um desenhou o que quis, para preencher e enriquecer o trabalho do outro.



*Imagem 6 – desenho efetuado na primeira sessão de observação, a aguarela e marcador*

Na segunda sessão de observação, intitulada por “Raízes”, como é habitual a artista a começa por falar com as crianças sobre assuntos que elas gostam e que se sentem bem em falar deles. Desta vez os exercícios começaram de trás para a frente, onde começaram primeiramente com a história, que é habitual ser no fim da sessão, isto porque a história foi o tema dos trabalhos desenvolvidos. Tal aconteceu porque as crianças de hoje em dia estão cada vez mais afastadas dos livros, daí o terem feito exercícios com os mesmos suportes, para

sentirem, tocarem e olharem para as folhas dos livros, como se de objetos de comunicação se tratasse, mas também como um objeto artístico.



*Imagem 7 – desenho coletivo criado por todas as crianças do Atelier Gatafunhos*

As crianças demonstraram interesse imediato na atividade, e aqui a artista questionou se eles faziam ideia da razão pela qual estavam à volta dos livros. Conforme foram tocando nos livros, ficaram a conhecer várias técnicas de ilustração, falaram das texturas, das ilustrações com colagens, das ilustrações digitais, das ilustrações feitas a lápis de cera, e aprenderam que todos os materiais têm diferentes formas de expressar.

A Luísa aproveita esta sessão para ensinar o significado de algumas palavras, como por exemplo, a palavra ‘nómadas’, fazendo com que estas perguntas e significados estimulem pela cabeça e pensamento deles. Neste exercício, uma vez mais, a artista mostra a sua preocupação para com o crescimento e desenvolvimento das crianças e faz com que todos falem e que se façam sentir em casa, ao mesmo tempo que eles puxam pela sua imaginação. É deveras interessante ver como as crianças falam e imaginam alguns episódios um pouco fora dos normais, ao verem simples livros. Numa dessas “viagens”, imaginaram o que

estariam a fazer daqui a 10 anos e falam do futuro ou da possível ida para a universidade, sendo que falam de possíveis profissões. Quem nunca pensou no que queria ser quando crescesse? Faz parte do nosso crescimento e é engraçado pensarmos que já quisemos ser tanta coisa e mais alguma.



*Imagem 8 – menina a construir um desenho a partir da sua raiz*

Após todas estas questões, começam por estudar o livro que originou os desenhos desta sessão, que se intitula por “A Árvore Generosa”, do autor Shel SilverStein, fundamental para o exercício prático que se segue. Este livro retrata uma história um pouco triste e as crianças chegam a afirmar “Que triste!”. Isto vem demonstrar que se importam com os sentimentos dos outros, porque nada melhor para percebermos esta história que a frase “Quanto mais damos, mais querem”, pois a árvore deu tudo o que tinha e ficou sem nada. Ao mostrarem tristeza, a sua voz mudou, ficaram com um tom mais entristecido, onde ficaram com pena da árvore. No exercício prático, a Luísa deu a cada um uma folha com uma raiz desenhada, para eles construírem algo de positivo no desenho, ao contrário do livro, onde tiraram tudo e a árvore acabou desolada. As crianças aqui, aprenderam o que significa egoísmo, ou seja,

que não devem pensar só neles, sendo que isto só ajuda no seu crescimento pessoal e afirmação das suas identidades.



*Imagem 9 – desenho de um menino, onde retrata um hambúrguer a nascer da sua raiz*

O exercício foi feito a lápis de cor, como podemos ver na imagem 8, e ambos desenharam o que bem entenderam porque a artista plástica deu a liberdade de desenharem tudo o que quisessem. O engraçado deste exercício, é que todos desenharam troncos a partir da raiz, sendo que uns desenharam casas e barcos, alguns dos conteúdos que ouviram na história. Um dos meninos desenhou um hambúrguer, como podemos ver na imagem 9, onde pensamos que terá sido devido à hora da sessão do atelier, quase na hora de almoço, e também por não ser a primeira vez que o mesmo menino desenha comida. A Luísa aproveita para ensinar técnicas de desenho consoante o que cada um fez, porque é vantajoso fazerem todos trabalhos diferentes consoante o que conhecem e o que gostam de desenhar.

Aqui, essencialmente partilharam experiências e conhecimentos, como por exemplo, quando usaram um dragoeiro para simular sangue, através da sua casca, um exercício que a Carolina ensinou e eles ficaram muito empolgados, ao ponto de até usarem o “sangue” como

impressão digital, no desenho. Este exercício consiste em deitarem álcool na casca do dragoeiro, passar o dedo e aí nasce o sangue, assim dizendo. Uma das meninas aproveitou para retratar um dragoeiro no seu desenho, a sangrar, como podemos verificar na página VII, referente às fotografias existentes nos anexos da presente dissertação.

Uma das crianças colocou uma questão pertinente à Luísa, onde pediu o lápis da cor da pele. Esta questão, apesar de ser comum e simples na teoria, na prática dá muito que pensar, uma vez que alguém convencionou que existiria uma cor definida como ‘cor da pele’ que nos faz pensar e ao mesmo tempo é um momento e poder ensinar algo às crianças que as mais formar como seres conscientes da igualdade que deve existir na sociedade. Desta forma, a artista perguntou se existirá mesmo uma cor da pele definida, pois sabemos hoje em dia que isso é relativo, ou seja, como bem sabemos ou deveríamos saber, nem todos nós somos iguais e não temos a mesma cor da pele, o que torna uma simples questão inofensiva por parte de uma criança, em algo muito profundo e sensível acerca de um tema muito delicado na nossa sociedade.

Excepcionalmente, nesta sessão não houve o desenho coletivo, uma vez que os exercícios demoraram mais do que o normal e onde, como se diz na gíria, conversa puxou conversa, mas também onde as crianças estavam satisfeitas, felizes e mais confiantes das suas capacidades, pois este exercício ensinou tanto em tão pouco tempo, ou seja, foi muito eficaz.

Na terceira e última sessão de observação, intitulada por “A manta de retalhos”, continuam a usar a mesma técnica que fizeram na semana passada, sessão que infelizmente não observámos, mas onde usaram pastel de óleo como técnica. Na sessão de hoje, usaram papel de alumínio, sendo que uma das meninas se lembrou de uma experiência com papel de alumínio e teve vontade de contar a todos. Enquanto isto, referiu “Eu adoro pastel de óleo”, e todos os outros concordaram dizendo que fizeram experiências em casa, com o que aprenderam na semana passada. Isto também mostra que as crianças saem motivadas das sessões e tentam reproduzir o que aprenderam em casa, local onde se sentirão mais confiantes, certamente, para continuar a dar asas à sua imaginação e criatividade, continuando uma evolução sustentada.



*Imagem 10 – desenho a pastel de óleo*

Para começar o exercício desta sessão, a Luísa deu um minuto a cada um, para contar uma história, mas deu a liberdade de cada um contar uma história apenas se o quisesse fazer. Como referimos na página 79, os dois meninos da Polónia mostraram ser mais envergonhados e preferiram não participar na atividade que tinha sido proposta pela artista, sendo que os restantes participaram todos. Nas histórias contadas, notámos que as crianças contam histórias com muita ficção e realidade, onde mostram que a sua criatividade é enorme. Aprenderam a fazer um *monoprinting*, fazendo uma história como se fosse a manta<sup>9</sup> deles, onde vão preencher o bocado de papel de alumínio fornecido pela artista, com o pastel de óleo e depois passar com palitos, no lado oposto (nos locais onde não tem tinta), desenhando para passarem para uma folha, como podemos verificar na imagem 10. Após verificarem que o desenho realmente “passa” para o papel, mostram espanto e aproveitam a técnica para fazerem sempre histórias diferentes em cada pedaço de papel de alumínio, misturando cores, como na imagem 11.

---

<sup>9</sup> Aqui, neste contexto, a manta significa história aos quadradinhos, como se tratasse de tecido, onde cada retalho é uma história.

Visto estarem a fazer misturas de cores, linhas e diferentes formas, a Luísa aproveita este momento para ensinar a diferença entre: linhas, formas e texturas, dando sempre exemplos práticos dos mesmos, como podemos conferir na imagem 12.



*Imagem 11 – exercício prático*

Infelizmente, a maioria das crianças fizeram muita força com o palito e a artista aqui ensina a terem mais calma para a atividade correr bem e troca o palito por lápis, a ver se resulta melhor. Ainda bem que o fez, já que com esta pequena alteração no suporte, as crianças conseguiram usufruir melhor do exercício e aprenderam a não estragar o material e a não desistir, como consequência. Após passarem a sua manta, têm a liberdade de continuar o desenho, de forma a poderem acabar a sua história livremente. No início não acharam boa ideia desenhar a partir do que já têm, mas a Luísa é muito otimista, característica que também a define como pessoa e profissional, e dá sempre força a melhorarem e a não desistirem, mostrando que eles são capazes de fazer desenhos muito bonitos e criativos. Voltamos a referir que estas sessões são muito importantes para o futuro deles, pois com este animo e positivismo, crescem mais confiantes e o retorno de felicidade deles é tão gratificante para a própria artista, ao ver os olhares das crianças, tímidas, mas sempre felizes.

Após o término deste exercício, ficaram com meia hora, que foi aproveitada para um outro exercício coletivo. Este consistiu no desenho numa cartolina preta, com lápis de cor, onde cada um contou uma história, antes de desenharem e todos tiveram que desenhar a história – Dando como exemplo: “Era uma vez uma folha ...” e um disse “... que da folha nasceu uma planta”.



*Imagem 12 – fotografia do quadro*

### **5.2.3 – Comportamento**

Como falámos nos pontos anteriores, quisemos observar o comportamento das crianças, sendo que “Os sujeitos não reagem da mesma forma perante o mesmo estímulo, ou conjunto de estímulos, uma vez que uma situação desencadeia ou motiva os sujeitos de vários modos, levando-os a reagirem diversamente.” (Gonçalves, 2018, p. 29). Com isto, quisemos verificar se após as atividades existe alguma dificuldade. Aqui, se a resposta for positiva, queremos ver de que forma a ultrapassam. Ou pelo contrário, o de entender se o grupo de

crianças, no geral, mostra algum nível de criatividade durante as atividades propostas. Porém, indo um pouco ao encontro do que falamos no ponto anterior, de querer registrar as diferentes etnias e idades existentes, “O comportamento humano também depende de fatores orgânicos, ou intrínsecos ao sujeito, como a idade, a etnia, o gênero e, mais genericamente, do seu funcionamento mental. Como é sabido, a idade dos indivíduos convoca comportamentos diferentes.” (Gonçalves, 2018, p. 23), o que será interessante verificar o comportamento das várias crianças, uma vez que poderão ser tão diferentes fisicamente e tão iguais na sua forma de ser. Continuando ainda no tema sobre comportamentos, pretendemos observar se existe alguma etnia que se destaca em relação a outras, se há inibição devido a situações tais como a guerra, no caso de haver crianças ucranianas ou russas, ou ainda se o *background* cultural de cada criança afeta o seu desempenho nos exercícios propostos no atelier.

### 5.2.3.1 – Interação e criatividade

Neste ponto tentámos saber se todas as crianças reagiram da mesma forma às atividades propostas, observando o comportamento das crianças, após as atividades desenvolvidas, percebendo através das suas atitudes corporais e do que comentam, se receberam a atividade com entusiasmo, visto que:

“O mundo em que nascemos e vivemos é um universo de sentido constituído através da ação humana e aprendido na vida quotidiana e na interação com os outros. Como essa aprendizagem tem lugar a partir de uma certa posição no espaço social, não temos todos o mesmo conhecimento do mundo, não vemos todos o mesmo mundo da mesma maneira e não conhecemos da mesma forma todos os aspetos do mesmo mundo – o conhecimento é socialmente distribuído.” (Brandão, 2014, p. 62).

Aqui verificámos, também, se o grupo mostrou algum nível de criatividade, desenhando sem pedir ajuda; olhando para o trabalho do colega do lado; se têm ideias novas e/ou; se demoram muito a desenvolver uma tarefa. Tentámos ainda saber de que forma o *background* cultural de cada criança afetou a sua criatividade e desempenho, verificando se a cultura de cada criança mudou a maneira como ela interagiu, se mostrou sabedoria sobre o que estiveram a aprender, porque como referimos na página 35, a arte assume-se aqui como um elemento

pedagógico muito poderoso e deveras fundamental como um fator de metamorfose no comportamento humano, onde faz acordar a sensibilidade do Ser.

Assim, notamos que:

“A criatividade enquanto faculdade humana, no sentido lato do termo, é utilizada em todas as operações vitais: o termo tem no seu étimo a palavra “criar”. Assim, a criatividade é utilizada nas mais diversificadas tarefas do dia-a-dia: desde a forma como apertamos os cordões dos sapatos até ao modo como abrimos uma porta, surgem problemas que pedem soluções criativas de que não temos consciência.” (Matos, 2015, p. 41).

Seguindo a citação supramencionada de Matos (2015), não podemos deixar de referir o quão a criatividade é e foi importante para o atelier. Durante as sessões do atelier, vimos que as crianças mostraram uma enorme criatividade, visto não terem pedido praticamente nenhum tipo de ajuda para dar início aos seus desenhos desenvolvidos nas sessões. Não sentiram a necessidade de olhar para o colega do lado e copiar, logo os desenhos que realizaram foram sempre únicos. Este apresenta-se como um fator que demonstra que ambas as crianças estão num patamar em que a criatividade está mais avançada e não necessitam de olhar para o lado para a estimular.

Como já referimos, não foi de onde a criança é, nem nasceu, que fez com que a mesma deixasse de sentir curiosidade sobre os exercícios, visto que todos acabaram por mostrar interesse nas atividades, criatividade e principalmente, gosto por tudo o que fizeram. E a interação das crianças do Atelier Gatafunhos, ao nível das Artes Visuais, aporta questões catalogadas ao próprio sujeito, como por exemplo, os seus costumes, valores e crenças porque como mencionámos nas páginas 49 e 50, durante o período da sua infância, o indivíduo dá os primeiros passos no que toca a se relacionar mais com os outros e, assim, inicia o processo de construção de valores e crenças, em volta do que ele é, de quem são os outros e de como o mundo ao seu redor funciona, sendo que assim também podemos abordar questões de cariz social e coletivo. Aqui, devemos reforçar o que referimos na página 32, que as artes desde muito cedo desempenham parte fundamental no que toca ao desenvolvimento e formação das crianças e jovens e observamos que quando as pessoas estão envolvidas com as artes acabam por desenvolver de uma forma muito mais eficaz as

suas competências sociais, artísticas e culturais. Assim, desta forma, o leque abrangente que as Artes Visuais causam é vasto.

Com isto, temos no atelier uma forma gigantesca de interação entre todas as crianças, onde a Artista Plástica Luísa Spínola, aproveita toda a sua bagagem para proporcionar uma rica e vasta experiência, mostrando as mais distintas formas de expressão artística, fazendo com que as mesmas se iniciem desde muito cedo na vida das crianças. Aqui, elas são apresentadas a um vasto universo, recheado de possibilidades, onde interagem com os mais variados materiais artísticos, onde aprendem que sujar as mãos pode ser divertido e que poderá ajudar na nossa criatividade e desenvolvimento pessoal, onde experimentam todo o tipo de desenhos e pinturas e até têm uma enorme interação com a famosa contagem de histórias da Luísa, como o exemplo de que o contacto das crianças com as artes não atua apenas no âmbito da diversão, mas também do ensino.

Um aspecto que importa salientar é o de que as crianças existentes no atelier interagem sempre de uma forma animadora nestas atividades, demonstrando enorme felicidade ao sorrir, pular e/ou até ao contar um pouco da sua vida pessoal à artista e aos colegas, visto que “A situação de interação, as suas características e os traços definidores dos indivíduos que nela intervêm são os aspetos fundamentais que permitem compreender a relação que estabelece entre eles.” (Brandão, 2014, p. 34).

Notámos, de igual forma, que dentro do atelier temos umas crianças mais tímidas, que demoram mais algum tempo a desenvolver as suas atividades e não falam tanto com os outros mas acabam, ao mesmo tempo, por nunca deixarem de lado o seu interesse e vontade em tentar, algo que a Luísa sempre ensinou e insistiu durante as sessões que observámos, para que eles possam sempre acreditar de forma plena no seu valor, como pessoas mais positivas e felizes. Assim, vemos que as crianças ao serem apresentadas a este universo de grandes e estimulantes atividades artísticas, aprendem a apreciar verdadeiramente a arte mas também aprendem a estar com os outros e a aceitá-los tal e qual como são, sem olhar para raças e outros aspetos perturbadores que criam barreiras na nossa sociedade, permitindo que conheçam distintas formas de expressão criadas e produzidas por diferentes culturas, existentes no atelier, visto que “O pluralismo, a liberdade, a abertura, a compreensão do

outro e do diferente são peças fundamentais numa «sociedade de cultura», onde a dignidade humana seja situada no centro da organização humana.” (Martins, 2020a, p. 43). Vemos de igual forma, que temos crianças mais singulares, onde mostram mais proatividade nas atividades e que tentam ser e estar sempre em contacto com as restantes. Tanto as mais envergonhadas ou tímidas, como as mais extrovertidas, receberam sempre com muito otimismo os exercícios e nunca colocaram de lado nenhum colega, apenas por ser e pensar de forma diferente que ela própria.

Além disso, a junção de tanta criança diferente com os demais exercícios, favorece o olhar estético e sensível das crianças, permitindo também que estas conheçam e lidem com as mais variadas interpretações e maneiras de compreender a representar o mundo, seja o mundo real ou não, visto que ao longo das nossas sessões de observação notámos que as crianças têm uma capacidade enorme para imaginar além do imaginário, irem onde nunca ninguém foi, criarem peças únicas e singulares, onde apesar de desenharem o que conhecem, acabam por desenhar também o “impossível”, algo que, obviamente, dentro da cabeça delas faz sentido, fatores que são importantes para a sua formação.

Como já foi referido anteriormente, na página 29, é completamente alcançável juntar a estética à formação do indivíduo e isto auxilia a criar significados, ideias, conceitos e interpretações dos objetos e do mundo que está à sua volta. Conviver com as artes desta forma, ajuda a contribuir de forma clara para um desenvolvimento da criatividade das crianças, que, como meta final, acaba por torna-las mais sensíveis e com um olhar bem mais atento e focado em tudo o que se passa à volta delas:

“(…) tanto em estética, como em filosofia podem fazer-se equivaler, não só porque a arte é a ocasião extrema da tematização do problema da regra, mas também porque tanto em estética, como em filosofia, o mais importante são as reacções, os comportamentos, as expressões e porque em ambos os casos a única coisa a fazer é descrever a utilização das palavras, as expressões e os comportamentos e a partir daí retirar/inferir as regras do modo correcto de fazer, dizer ou expressar.” (Crespo, 2011, pp. 20-21).

Faz, nesta fase, todo o sentido referir que estas aprendizagens existentes mexem com o campo cognitivo e emocional das crianças, uma vez que todas as formas de arte visam agitar com os nossos sentidos e emoções, porque tal como referimos na página 67, essas

capacidades aumentadas também contribuem de igual forma para o desenvolvimento de aspetos cognitivos como um todo. Noutra ponta, vemos que as artes também têm em si um papel fundamental de contribuir para a melhoria da psicomotricidade e ainda dar uma preciosa ajuda na manifestação e transmissão dos sentimentos.

Tudo isto que falámos ao longo deste ponto é válido e importante se for vivido desde a infância, sendo que é fundamental mantermos esta interação com as Artes Visuais e, aqui, o atelier mostrou-se e continua a mostrar-se fundamental para a educação não formal das nossas crianças e jovens, sendo que as artes tornam-se assim deveras importantes para a criatividade e imaginação das crianças, fazendo com que se tornem cada vez mais capazes de viajar pelos mais distintos “mundos” enquanto frequentam as sessões do atelier.

Reforçando o que já tivemos a oportunidade de escrever na página 63, todos estes fatores contribuem para que as crianças acelerem o seu crescimento de uma maneira mais rápida, porque nesta fase elas já começam a aceitar os diferentes meios culturais desde muito cedo e a se enriquecerem culturalmente, pontos que são de demasiada importância nos dias atuais. Assim, é imprescindível salientar que é claramente pela interação com as artes e com pessoas de *backgrounds* diferentes, que as crianças podem ampliar os seus entendimentos sobre elas e sobre os outros, porque “O que procuramos mostrar numa situação de interação é a personagem à cena, ou seja, um eu idealizado que os outros tendem a fazer equivaler a nós, mas que na realidade, não se confunde connosco.” (Brandão, 2014, pp. 41-42).

Se formos a refletir acerca da relevância de tudo isto e em como contribui para o desenvolvimento infantil, no seio de tantas possibilidades e demandas, importa não deixar de lado a apreciação, já que apreciar também é uma forma de educação, uma vez que vale a pena voltar a referir o que citamos nas páginas 68 e 69, que como Jardim (2014) defende, o propósito de uma ocupação criativa dos tempos de ócio, acaba por proporcionar aprendizagens segundo uma abordagem mais lúdica e mais informal do que aquela que é verificada no contexto das salas de Aula, sendo que tudo presta um grande auxílio no desenvolvimento da criatividade das crianças, sendo que “(...) o desenvolvimento do pensamento criativo está conectado com o desenvolvimento do pensamento crítico, ou seja,

para criar, é fundamental ter capacidade crítica, competência que pode ser desenvolvida ao longo de toda a vida.” (Gouveia et. al., 2020, p. 97).

Voltando uma página atrás, entenda-se, à página 67, voltamos a reforçar a ideia de que a arte visa proporcionar o processo de criação no indivíduo, levando-o a desenvolver a sua criatividade e raciocínio, melhorar o seu potencial de pensamento e a realização de atividades, de exposição e solução de problemas em situações sociais e quotidianas, e segundo Housen (2011), para redescobrirmos um novo olhar em relação às coisas, o aluno tem de iniciar o trajeto baseando-se na sua experiência pessoal, ao invés de tentar apropriar-se da maneira de observar dos especialistas.

Findemos este ponto agora com outra questão importante sobre a interação e criatividade – a Luísa Spínola. Aqui, tem enorme relevância para o atelier contar com uma pessoa como esta artista, tão paciente, focada e inspirada na educação deles, sendo que transmite confiança a todos as crianças e isto tornou-se numa das questões mais importantes deste ponto, que diz respeito aos modelos que as crianças seguem e convivem, que não passam de nós, adultos. A artista, aqui, tornou-se claramente a referência de todas estas crianças porque vemos a maneira calorosa com que as mesmas falam com ela, onde mostram imensa felicidade, podendo ver até no olhar, dando a ideia que se tornou alguém que elas apreciam e conversam sobre tudo, ou seja, uma figura importante nas suas vidas por tudo o que representa para elas. Sejam crianças mais ou menos faladoras, ou mais ou menos participativas, notámos terem sempre um carinho especial pela artista, como se estas sessões fizessem parte de uma pausa importante das suas semanas, visto que “Esta *experiência* ou *vivência* acontece no vasto terreno da vida humana a qual, tal como as palavras, só faz sentido *no fluxo da vida* e é neste fluxo que é necessário compreender os comportamentos e as expressões que se designam com o conceito de estética.” (Crespo, 2011, p. 26).

Devemos referir ainda que é através das artes que se torna possível desenvolver de forma plena a perceção e a nossa imaginação, apreender as realidades do meio ambiente, desenvolver um sentido e uma capacidade crítica que permite analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade analisada, como já haveria sido anteriormente mencionado na página 29. Depois disto tudo acima referido, importa salientar

que para além das artes terem este papel, importa, como pudemos observar, ter alguém como esta artista, que põe a descoberto todas as qualidades das crianças, dá um enorme apoio na busca pela identidade deles e tenta extrair todo o seu potencial, deixando simplesmente darem aso à sua imaginação e criatividade e cimentando a sua identidade como futuros adultos, permitindo que este desbloqueio da veia artística e criativa permita ultrapassar com distinção desafios futuros que lhes vão ser colocados ao longo da sua vida profissional e pessoal.

### **5.3 – Considerações finais sobre o Atelier Gatafunhos**

Como corolário deste trabalho de observação, e em modo de conclusão, não poderíamos deixar de falar sobre a importância que a Artista Plástica Luísa Spínola tem para o atelier e também, num sentido mais amplo, para o desenvolvimento das artes plásticas na Região Autónoma da Madeira, na fomentação da criatividade nas crianças que frequentam este atelier.

Se há algo que podemos afirmar com toda a certeza e que ficou na retina durante tudo o que observámos, é ver que a artista implementa práticas completamente inovadoras que ajudam a estimular a criatividade das crianças no sentido em que faz com que elas tenham o direito em pensar livremente no que desenhar, podendo ter a liberdade de errar e falhar sem julgamentos alheios, não nos esquecendo que “A educação estética não se pode reduzir exclusivamente ao conhecimento nem à informação.” (Leontiev, 2011, p. 130). Assim, as crianças conseguem aprender livremente como fazer, sem grandes medos de voltar a fazer e errando, se for necessário, até acertarem, não esquecendo que o atelier tem um intuito artístico, porém estético e “(...) aquilo que devemos ensinar na Educação Estética é a capacidade de perceber e entender a arte e a beleza em geral.” (Leontiev, 2011, p. 130). Tal afirmação leva-nos à questão previamente abordada na página 50, onde colocámos o foco na necessidade de uma educação estética, na qual fazer uso da arte começa por ser o caminho metodológico para a realização educacional de um indivíduo e fundamental para a formação da sua Identidade Cultural e Estética, dada que todos nós temos várias e únicas referências estéticas e éticas; somos todos de diferentes religiões e culturas; advimos de diversas classes sociais; passamos todos pelas mãos de gerações diferentes; expressamo-nos de formas

distintas e únicas, e manifestamo-nos através de inúmeras formas artísticas, uma vez que tudo isto culmina em visões distintas entre nós todos acerca do nosso mundo.

Isto tudo faz com que o ambiente existente se torne num ambiente mais seguro para as crianças, onde elas se sentem confortáveis e com muita vontade de aprender, onde têm consciência que o medo não prevalece mas sim a vontade de aprender coisas novas e de desenhar, mexendo e experimentando com os mais variados materiais artísticos que são estimulantes para o seu pensamento porque, “Assim, se para compreender a arte é preciso uma educação para a arte, esta tem de ser antecedida de uma educação de sensibilidade humana.” (Manso, 2008, p. 10). Segundo Carvalho (2004), a maneira como nos expressamos é própria da Vida, sendo que se esta expressão acontece por vezes até de forma involuntária, sem nos darmos conta. Todos nós temos o instinto que conduz aos estados psíquicos, seja do medo, de coragem, de tristeza, de alegria, entre outros. Porém, aqui, ninguém viu o erro como uma “falha” e as crianças não tiveram medo de errar, sendo que muitas delas admitiram em voz alta quando o pensaram ter feito, algo também positivo, o terem consciência que conseguiram ultrapassar esse medo, que ajuda a construir a sua autoconfiança. O efeito prático desta situação foi que as crianças repetiram, e algumas até melhoraram, os trabalhos propostos pela artista, acabando por ficar deveras satisfeitas com o resultado final porque para criar algo verdadeiramente inovador e único é preciso testar e experimentar diversas vezes e, sobretudo, nunca desistir. Isto pode servir como exemplo para nós, de outras gerações, já que nos ensina que, sempre que possível deveríamos testar ideias novas, arriscando sem medos e é este risco que a Luísa ensina às crianças a encararem de frente, medo esse que vai possibilitar um resultado artístico único e inovador, porque, assim:

“Na tentativa de traçar a fisionomia da expressão estética é importante esclarecer que a expressão estética não indica nem uma essência do artístico, nem um processo mental que ocorre no homem quando este experimenta arte, mas é na esfera pública da comunicação, descrição ou expressão de uma percepção, experiência ou aspecto, que deve ser procurada a resposta.” (Crespo, 2011, p. 282).

As crianças sabem, assim que podem confiar na artista, desde o início, porque a comunicação entre todos é uma comunicação transparente e eficaz e sobretudo genuína, o que torna as coisas mais fáceis para todos, a criação destes laços de confiança e de um certo à vontade.

A Luísa criou assim, um ambiente onde todos se sentem confortáveis e seguros. Sendo assim, com este à vontade entre todos, as crianças estão estimuladas no que toca ao seu pensamento e comunicação porque têm o direito de discordar e de fazer críticas criativas e isto é sem dúvida alguma, uma brilhante forma de fomentação da criatividade porque faz com que eles sejam mentalmente estimulados e aprendam a pensar por eles próprios com bastante segurança e conforto.

Com esta comunicação transparente e honesta, onde se promove uma cultura que olha para a falha como uma parte muito importante do processo de aprendizagem, as crianças vão se sentir mais seguras e encorajadas a explorar novas ideias e procurar novos caminhos e possibilidades, sendo que foram criadas todas as condições necessárias no ambiente do atelier para a artista incentivar as crianças, sendo que tem disponível todas as ferramentas apropriadas para o desenvolvimento da criatividade. Vemos que:

“A principal finalidade educativa das artes é o desenvolvimento artístico. Seja no ensino genérico, seja no ensino vocacional, as artes almejam desenvolver “o artístico” nas crianças, jovens e adultos e, com eles, garantir o desenvolvimento continuado das artes nas nossas vidas.” (Godinho, 2020, p. 24).

A Luísa, ao mesmo tempo que aposta na fomentação e disseminação da criatividade, também mantém a mesma aposta na experimentação artística, onde tem exercícios completamente inovadores neste contexto de atelier infantil, possuindo trabalhos que podemos apelidar como trabalhos ‘fora da caixa’, onde estes se tornam num meio de reflexão sobre as artes e a cultura, onde incentiva à criação de trabalhos artísticos originais a partir de técnicas inovadoras. Vemos que:

“Não se espera unicamente o desenvolvimento científico e técnico, nem tão pouco o conhecimento histórico do percurso das artes. A educação artística tem de acrescentar a isso o desenvolvimento de uma capacidade criadora que seja, ao mesmo tempo, visionária e inspiradora de significados, maleável e transformadora de mentalidades.” (Godinho, 2020, p. 24).

Assim, temos a visão de que o atelier é um lugar onde as crianças conseguem inovar e replicar o que lá aprendem ou até melhorar o que aprenderam na sua escola, através das disciplinas artísticas, não esquecendo que “Sendo a missão do artista a de produzir, ou a de

ser, com efeito, existe sempre uma função cultural, porque dela depende, e para ela flui, e existe sempre uma função social, porque para o homem se destina, e dela provém.” (Ferreira, 2007, p. 89).

Com base em todos estes fatores mencionados, importa ainda falar na construção e cimentação da sua identidade através do atelier, onde faz um uso bastante positivo e pertinente de toda a sua bagagem tanto de formação, como de experiência profissional ou até mesmo de vivências pessoais para transmitir todo este conjunto de valores, vivências e práticas às crianças, num contexto que permite conceber um elo de ligação e identificação entre todos, transmitindo toda a sua herança cultural, sendo que:

“A herança cultural é portanto o conjunto de elementos que permitem a um determinado grupo reconhecer-se como portador de uma identidade própria e comunicar ao longo do tempo, quer no interior desse grupo quer, pela marcação de uma diferença, para fora dele.” (Moura, 2013, p. 38).

Com todos estes aspetos a artista fez e faz com que a base do atelier seja coberta de uniformidade, onde a identidade e a cultura sejam identificadas através dos valores, das práticas, dos ideais e das expectativas criadas mutuamente e que todos partilham entre si, ao mesmo tempo que fazem e desenvolvem os exercícios propostos, onde como resultado vemos que este atelier é único e se distingue dos demais, apesar de serem praticamente inexistentes na nossa região. Afirmamos ainda que este atelier deve muito à Luísa Spínola, naquilo que a torna única, onde mostra ter grande capacidade de expressão, através de todas as suas ações, da sua linguagem, da sua identidade, da sua forma de ser de estar, onde foca-se essencialmente naquilo em que as crianças precisam, sendo que “Na verdade, é (quase sempre) a vida e a condição humana que a Arte traduz através da sua linguagem.” (Gonçalves, 2018, p. 196).

Mas, posto isto, o que será que as crianças realmente precisam?

Além de aprenderem tudo isto a nível artístico e levarem consigo todos estes ensinamentos no espaço de tempo que passam no atelier, as crianças por norma estão habituadas a que os adultos façam as tarefas por elas, e aqui, neste caso concreto do atelier a artista plástica esforça-se muito em gerar uma certa autonomia nas crianças, sem fazer tudo por elas: assim,

ela faz com que as crianças façam os seus próprios desenhos, ensina-os que precisam de limpar o seu espaço de trabalho após os exercícios e que vão elas próprias buscar e guardar o seu material, para aprenderem o verdadeiro sentido de trabalho em equipa, ao mesmo tempo que não lhes “corta as pernas” (expressão muito utilizada no seio de trabalhos que envolvem criatividade) dando liberdade para as crianças serem livres no meio das suas tarefas, apesar de seguirem as suas dicas e técnicas, são completamente autónomos na madeira como os interpretam porque “A educação artística é, sem dúvida, um forte instrumento para a formação holística das nossas crianças e jovens. As implicações motivacionais que dela advêm para a aquisição de novos saberes, das mais diversas áreas são uma realidade.” (Gonçalves, 2015, p. 12), porque como já vimos na página 25, as Artes Visuais transmitem significados cuja comunicação não pode ser feita por meio de nenhum outro tipo de linguagem. Isto sucede porque estas recorrem à imagem e fazem uso de códigos parcialmente universais, ainda que estes estejam condicionados por algumas características específicas e onde é possível iniciar de forma mais fácil a comunicação com qualquer outra pessoa, seja ela de qualquer e determinada sociedade ou grupo.

Posto tudo o que foi mencionado neste ponto, para que caminho deverá seguir o ensino das Artes Visuais? O caminho da educação formal, algo muito robótico e preso a programas por vezes desatualizados onde por vezes não se privilegia a criatividade em prol “da nota” final, ou seguir este caminho tão bem delineado pela Artista Plástica Luísa Spínola, que realmente tenta potenciar a criatividade e a construção da identidade cultural e social das gerações vindouras?

## Conclusão

Tendo em consideração as múltiplas vertentes do nosso trabalho, e antes de ensaiarmos as conclusões finais, propriamente ditas, desta dissertação, impõe-se rever a justificação do motivo pelo qual a escrevemos e reconsiderar a convicção de que todas as questões abordadas foram, e continuam a ser, um importante campo de investigação em vários domínios e, particularmente, no contexto da Gestão Cultural.

Uma das conclusões é simples e direta: cabe-nos a nós, atuais e futuros gestores culturais, ter um papel atuante na sociedade, na medida em que estudamos de forma de conhecer e integrar todas as vertentes da nossa cultura e, conseqüentemente, da nossa história, contribuindo para a formação de um tecido cultural que é único e diversificado, distinguindo-se das outras culturas não por competição, mas positivamente e abrindo-se ao diálogo e miscigenação. Este *melting pot* de culturas e de povos, passa, por sua vez, a ser um elemento identificador na nossa história. Posto isto, conhecer outras culturas em toda a sua complexidade também nos faz querer conhecer mais a nossa, entendendo melhor o nosso próprio contexto e a trajetória histórica que nos ajudou a criar a nossa Identidade Regional, ou seja, o que nós somos hoje. Cabe ao gestor cultural a valorização, preservação e o desenvolvimento da nossa cultura, seja por meio do desenvolvimento de projetos, seja por meio de atividades que poderão incidir sobre as mais variadas áreas, nomeadamente artísticas, como é o caso das Artes Visuais e da Educação Artística, que tivemos a oportunidade de abordar ao longo da nossa dissertação. Assim, algumas dessas atividades, poderão integrar-se nos eventos culturais cíclicos, na criação de programas educativos, na preservação do património cultural, e até na própria produção e difusão de conteúdos culturais, como por exemplo, através de brochuras ou cartazes.

Abordando agora a Arte propriamente dita, esta sempre nos contou histórias e aqui podemos voltar aos primórdios da Humanidade, onde damos o exemplo das pinturas rupestres encontradas em cavernas a que fizemos alusão nas páginas iniciais do nosso trabalho, e onde foi referido que a arte se encontra presente desde os primórdios da Humanidade, como uma ferramenta auxiliar à sua sobrevivência no seu meio natural, contexto no qual se constituía uma ferramenta de comunicação para conseguir ultrapassar as dificuldades que iam surgindo

ao longo desse período da História, tal como nos períodos seguintes, e onde se destacavam a caça e a alimentação. Também utilizavam estas formas de comunicação para se expressar através das hoje icónicas pinturas em cavernas que podemos encontrar um pouco por todo o mundo, sendo que tudo isto apresenta-se como informação necessária para o nosso conhecimento e para construirmos uma identidade ao conhecer a nossa história de um passado longínquo, mas que ajudou a formar o ser humano como o conhecemos hoje. Mantemos a crença que investir na cultura é também investir na educação, pois só assim é que temos a oportunidade de apreciá-la e de obter conhecimentos que não seriam possíveis adquirir de outras formas. O gestor cultural, ao garantir que mais pessoas conseguem ter acesso à cultura, acaba por estimular a educação de cada uma destas pessoas, aumentando a sua bagagem cultural e social, que poderá ajudar em futuras decisões, seja de carácter pessoal ou profissional, onde a longo prazo, poderá incentivar que mais jovens concluam o ensino obrigatório ou que vão para a universidade, por exemplo, candidatando-se a diversas áreas de estudo, seja em áreas artísticas, ou não. Desta forma, temos a certeza que os gestores culturais são essenciais a qualquer organização cultural que deseja ser ativa, estruturada e com sucesso a médio e longo prazo. Assim, este estar dotado de uma sensibilidade artística, enquanto estabelece o diálogo entre o universo artístico e cultural, o poder público, o meio organizacional e a sociedade em geral. O gestor cultural deve ter a competência para saber identificar a importância do sector cultural, assim como possuir uma boa criatividade e ter estratégias que fomentem o desenvolvimento económico e social; aprofundar os conhecimentos que se impõem como necessários para que possam exercer a profissão de gestores no plano cultural sendo que o mestrado em Gestão Cultural dá-nos as ferramentas para desenvolver e aprofundar os conceitos teóricos fundamentais para o crescimento e gestão das organizações culturais nas mais diversas áreas de atuação, sejam elas do património, das atividades artísticas e das indústrias culturais, que passa “a ser utilizada para dar conta das progressivas formas e processos de integração entre a cultura e a economia, seja na dimensão da existência de múltiplas estruturas empresariais e profissionais, geradoras de importantes fluxos de emprego e riqueza” (Mateus, 2010, p. 13). Sendo que, segundo a ENEI (2014), as Indústrias Criativas apresentam-se como todas as atividades que têm as suas bases assentes na criatividade individual, na habilidade e no talento e que possuem um potencial de fomento da criação e de geração de riqueza, através da criação e exploração da propriedade intelectual.

Com base na reafirmação destes pressupostos, podemos então afirmar que fomos capazes de identificar um meio deveras interessante e que é muito importante quando falamos no panorama cultural da Região Autónoma da Madeira, que foi o Atelier Gatafunhos, cujo papel foi o de justificar toda a parte teórica que abordámos ao longo de toda a nossa dissertação de mestrado, onde conseguimos analisar o papel importante da educação visual, estética e artística na construção de uma Identidade Cultural, através de todo o nosso trabalho de observação realizado. Saliéntamos que, ao realizar este trabalho de observação do atelier, tivemos a certeza que estas áreas nas suas múltiplas vertentes, vêm até nós como uma importante ferramenta que ajuda de forma clara e precisa a melhorar o pensamento crítico e criativo dos jovens, neste caso em partida que observámos, ajudando-os a se desenvolverem como seres culturais, seja através da criação de novos valores pessoais, ou ainda por meio do conhecimento que vão ter acerca de outras culturas existentes no mundo diferentes entre si, mas não menos ricas que a nossa; seja através da valorização das próprias diferenças culturais existentes; ou seja ainda construindo ligações ao passado que são importantes para formar um futuro sustentável culturalmente; ou ainda, se quisermos, conhecendo, aprofundando e desenvolvendo a sua própria cultura, ampliando, nesse processo as capacidades de compreensão e criatividade, isto porque a Artista Plástica Luísa Spínola possui um papel central onde incentiva as crianças a interagir com as demais, ajudando a criar e aprimorar as suas identidades, ao mesmo tempo que começam a conhecer um pouco da nossa história cultural ou da dos outros à sua volta, onde, como pudemos observar, dentro do atelier as crianças contactavam com colegas de diversos contextos culturais e países diferentes, tornando a experiência ainda mais rica. Podemos voltar a salientar que tudo isto estimulou o pensamento das crianças, tornando-os mais criativos, porque como refere Read (2016), a arte deveria se apresentar como sendo a base de toda a criação, sendo fundamental a criação de novos modelos educativos que permitam o desenvolvimento das expressões estéticas da descoberta do mundo em nosso redor. É precisamente esta descoberta que estimula as potencialidades do indivíduo e o desenvolvimento da criatividade e que os faz criarem uma identidade cultural e social que os vai acompanhar para o futuro, tornando-os cidadãos culturais e ricos cognitivamente.

Deve-se, assim, dar um maior destaque às Artes Visuais dentro do sistema educativo, através da experiência estética e artística, que por forma das suas variadas manifestações e modos

de intervenção acabam por criar um ambiente favorável à criação e a formas de expressão, reconhecendo toda a sua importância como valor que não pode faltar ao desenvolvimento do ser humano. Só desta forma é que o estudante consegue reconhecer e valorizar formas artísticas de contextos culturais diferentes e criar a sua própria identidade, e isto acontece porque o desenvolvimento cognitivo de um indivíduo só se encontra completo quando consegue absorver todo este enriquecimento estético-artístico e cultural. Posto isto, não poderíamos deixar de falar sobre a importância que tem para o atelier, e também, num sentido mais amplo, para o desenvolvimento das artes plásticas na Região Autónoma da Madeira, a Artista Plástica Luísa Spínola, na fomentação da criatividade nas crianças que frequentam este atelier. Como já foi referido, de modo a conseguirmos tirar conclusões concretas realizamos uma observação direta participante, com o objetivo de conseguir avaliar o comportamento das crianças. Desta forma, pudemos demonstrar que o ensino das Artes Visuais é um caminho imprescindível para a construção de uma Identidade Cultural, mais coesa, individualizada e genuína, salientando que o atelier permitiu que as crianças tivessem uma atividade extracurricular essencial para a sua formação, tornando-se assim um complemento importante à educação formal. Com base nisto, futuramente, acreditamos que o atelier, sendo de grande importância e relevância no plano da educação não formal, deveria candidatar-se a apoios financeiros e se alvo de apoio por parte do Governo da Região Autónoma da Madeira, a quem compete a responsabilidade educativa na Região. Este apoio pode assumir diferentes contornos, nomeadamente através da formação de profissionais de qualidade, e através de pacotes de medidas atempadas e exequíveis que apoiassem direta ou indiretamente estas atividades extracurriculares, sendo estas tão importantes no desenvolvimento da cidadania ativa e no desenvolvimento das carreiras profissionais, a longo prazo.

Atualmente, o atelier é gerido pela Artista Plástica Luísa Spínola, como já foi dito anteriormente, e a mesma acarreta com todas as despesas do mesmo, pedindo uma quantia simbólica, que poderá ser paga, por sessão ou mensalmente. Isto leva-nos a crer no panorama económico atual, nem todas as crianças da nossa região poderão ter acesso a algo que deveria ser para todos e algo que notámos também é que por vezes a artista não consegue remar contra a corrente sozinha, sem apoios, para conseguir manter ativo este espaço, uma vez que não usufrui destes tais apoios, nem possui um espaço físico que seja só dela, onde pudesse

estabelecer o atelier, tendo assim de depender sempre da PORTA33. Não seria aqui pertinente que este projeto fosse merecedor de mais ajuda por parte do Governo Regional? Não seria extremamente essencial, as nossas crianças, conseguirem ter esta experiência sem serem discriminadas financeiramente, uma vez que não podem pagar uma simples mensalidade? Porque verdade seja dita, hoje em dia nós ganhamos tão pouco e gastamos muito e os pais nem sempre podem pagar para os filhos terem estas atividades e se a artista tivesse algum apoio, conseguiria ir mais além e ajudar mais crianças a ter esta experiência. Estas questões são pertinentes e podem-se aplicar a diversos casos onde se existissem estratégias e outro tipo de apoios a situação poderia ser diferente. Assim, cabe-nos a nós, gestores culturais, ajudar pessoas como a Luísa Spínola e outras, que têm projetos importantes para o desenvolvimento sustentável e ativo da cultura dentro da nossa Região, e transportar estas ideias do papel para a realidade, pela cultura e pela criação de profissionais no futuro que possam dar continuidade a todos os esforços que são feitos diariamente para que as artes e a cultura, não sobrevivam apenas, mas cresçam de forma sustentada e com a qualidade e atenção que elas merecem.

Cabe também aos profissionais responsáveis pelo ensino das artes, seja na ótica do ensino formal, seja dentro do ensino não formal, tentar chamar a si mais pessoas e mais apoios para conseguir estabelecer locais próprios ao ensino das mesmas, criando rotinas na sociedade que demonstrem que o acesso à cultura e às artes deve ser acessível a todos. Por vezes é necessário se juntar a gestores culturais e a outros profissionais com ideias, mas também conciliar estas ideias com os apoios necessários para que estas ideias passem do papel para a realidade. Muito se pode fazer com uma sala, uma folha em branco e um lápis. A arte começa assim, falta haver vontade e medidas para que tornem isto possível. O ensino não formal das artes pode ser um complemento bastante importante e útil na carreira profissional de quem quiser seguir este caminho e se há coisa que esta dissertação, como também o trabalho de observação por nós efetuado ao longo deste caminho nos ensinou, é que as artes visuais, a criatividade e todo o potencial que esta tem para desenvolver o cérebro humano, ajudam as crianças de hoje a formarem a sua identidade cultural e social, que as levará a serem seres humanos e profissionais com grande valor, ainda que decidam optar por outra via profissional e usar a arte como *hobby*: basta que haja vontade, meios para concretizar e pessoas que consigam extrair o potencial das crianças de hoje.

## Referências bibliográficas

Acaso, M. (2014). *La educación artística no son manualidades. Nuevas prácticas em la enseñanza de las artes y la cultura visual* (3ª ed.). Catarata.

Adorno, T. (2018). *Teoria Estética* (2ª ed.). Edições 70.

Agência de Execução relativa à Educação, ao Audiovisual e à cultura, P9 Eurydice, & EURYDICE, Unidade Portuguesa. (2010). *Educação artística e cultural nas escolas da Europa*. Gabinete de Estatística e Planeamento da Educação, Ministério da Educação.

Aires, L. (2018). *Paradigma Qualitativo e Práticas de Investigação Educacional*. Universidade Aberta.

Alencar, E. (2007). Criatividade no Contexto Educacional: Três Décadas de Pesquisa. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. Vol. 23 (n. especial), 045-049.

Altet, X. (2021). *História da Arte*. Edições 70.

André, T. (2010), A Educação Artística na Escola do Século XXI. Em M. Oliveira & S. Milhano (Org.), *As Artes na Educação: Contextos de Aprendizagem promotores de Criatividade* (pp. 53-60). Folheto Edições & Design.

Arnheim, R. (1997). *Para uma psicologia da arte & Arte e entropia*. Dinalivro.

Bahia, S. (2020), O que as artes nos podem ensinar. Em A. Duarte & C. Nóbrega (Org.), *Educação, Artes e Cultura: Discursos e Práticas* (pp. 15-21). CIE-Uma.

Brandão, A. (2014). *Uma introdução à abordagem sociológica das identidades*. Edições Húmus.

Brüninghays-Knubel, C. (2004), A Educação do Museu no Contexto das Funções Museológicas. Em P. Boylan, *Como Gerir um Museu – Manual Prático*. ICOM.

Buren, D. (1976), A função do ateliê. Em U. Loock (Ed.), *Anarquitectura de Andre e Zittel*, 2005, ( pp. 48-53). Fundação de Serralves.

Carvalho, A. (2004). *Estética e Teoria da Arte*. Estratégias Criativas.

Carvalho, A. (2016). Museus e Diversidade Cultural: da Representação aos Públicos. Caleidoscópico.

Collingwood, R. (2009). A arte autêntica como expressão. Em V. Moura (Coord.), *Arte em Teoria – Uma Antologia de Estética* (pp. 39-58). Húmus.

Costa, D. (2015). *Atelier*. Fundação Francisco Manuel dos Santos.

Crespo, N. (2011). *Wittgenstein e a Estética*. Assírio & Alvim.

Dickie, G. (2009), A teoria institucional da arte. Em V. Moura (Coord.), *Arte em Teoria – Uma Antologia de Estética* (pp. 111-156). Húmus.

Direção-Geral das Atividades Económicas. (2018). *Sinopse. Indústrias Culturais e Criativas*. DGAE. [https://www.dgae.gov.pt/gestao-de-ficheiros-externos-dgae-ano-2019/sinopse-industrias-culturais-e-criativas\\_2018.aspx](https://www.dgae.gov.pt/gestao-de-ficheiros-externos-dgae-ano-2019/sinopse-industrias-culturais-e-criativas_2018.aspx)

Eça, T. (2010), Que Desenhas, Que Designas, que Desígnios? Interpretando as Opiniões e Visões dos Jovens a partir dos Seus Desenhos. Em M. Oliveira & S. Milhano (Org.), *As Artes na Educação: Contextos de Aprendizagem promotores de Criatividade* (pp. 93-108). Folheto Edições & Design.

ENEI (2014), *Diagnóstico de Apoio às Jornadas de Reflexão Estratégica – ICC – Indústrias Culturais e Criativas*. Estratégia Nacional de Investigação e Inovação para uma Especialização Inteligente.

Ferreira, Â., Silva, A., Wong, B., Justino, D., Rodrigues, D., Hanushek, E., Azevedo, J., Rosa, M., Seabra, M., Sousa, M., Vieira, M., Carvalho, M., Aubyn, M., & Teixeira, P. (2016). *Educação e desenvolvimento – Escola e Sociedade*. Fundação Calouste Gulbenkian.

Ferreira, A. (2007). *Pensar a Arte, Pensar a Escola*. Edições Afrontamento.

Ferreira, I. (2016). *Criatividade nos Museus – Espaços Entre e Elementos de Mediação*. Caleidoscópico.

Ferin, I. (2002). *Comunicação e Culturas do Quotidiano*. Quimera.

Fróis, J. (2012). Educação Estética. Em A. Barreto, P. Reis, M. Viana, M. Vasconcelos, M. Patrício, P. Bugalho, J. Fróis, E. Veiguiha, A. Lúcio, L. Jacob, A. Vangeli, F. Leal, M. Mendes, P. Teixeira, D. Cardoso & D. Infante, *portefólio*, (7, pp. 62-65). Revista da Fundação Eugénio de Almeida.

Fróis, J., Marques, E., & Gonçalves, R. (2011). A Educação Estética e Artística na Formação ao Longo da Vida. Em J. Fróis (Coord.), *Educação Estética e Artística – Abordagens Transdisciplinares* (2ª ed., pp. 203-224). Fundação Calouste Gulbenkian.

Fróis, J., White, B., & Silva, C. (2013). *Diálogos com a arte. Experiência estética e criação de sentido*. Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa.

Funch, B. (2011). Tipos de Apreciação Artística e a sua Aplicação na Educação de Museu. Em J. Fróis (Coord.), *Educação Estética e Artística – Abordagens Transdisciplinares* (2ª ed., pp. 111-127). Fundação Calouste Gulbenkian.

Fukuyama, F. (2021). *Identidades: A Exigência de Dignidade e a Política do Ressentimento* (2.ª ed.). D.Quixote.

Giddens, A. (1997). *Modernidade e Identidade Pessoal* (2.ª ed.). Celta Editora.

Godinho, J. (2020). Rumo ao desenvolvimento artístico: teorias e práticas. Em A. Duarte & C. Nóbrega (Org.), *Educação, Artes e Cultura: Discursos e Práticas* (pp. 24-40). CIE-Uma.

Gomes, P. (2021). *O design inclusivo e cultura – Cultura, inclusão e acessibilidade na Região Autónoma da Madeira* [Dissertação de Mestrado]. Universidade da Madeira.

Gonçalves, C. (2018). *Para uma introdução à Psicologia da Arte. As formas e os sujeitos*. Edições 70.

Gonçalves, C. (2015). *Educação, Artes e Valores*. Associação Regional de Educação Artística.

Gouveia, F., Pereira, G., Gouveia, I., & Fraga, N. (2020). Currículo, pensamento crítico e criatividade. Em A. Duarte & C. Nóbrega (Org.), *Educação, Artes e Cultura: Discursos e Práticas* (pp. 93-113). CIE-Uma.

Haro, F., Costa, R., Faria, L., Carvalho, P., Roque, M., & Serafim, J. (2016). Construção de Instrumentos de Recolha de Dados. Em *Investigação em Ciências Sociais* (pp. 69-107). Pactor.

Hall, S. (2006). *A identidade cultural na pós-modernidade* (11.ª ed.). DP&A editora.

Höge, H. (2011). Estética Experimental: Origens, Experiências e Aplicações. Em J. Fróis (Coord.), *Educação Estética e Artística – Abordagens Transdisciplinares* (2ª ed., pp. 31-68). Fundação Calouste Gulbenkian.

Huisman, D. (1981). *A Estética*. Edições 70.

Jardim, J. (2014). Educação e Formação na Madeira: Presente e Futuro. Em J. Franco & C. Trindade (Coord.), *Que Saber(es) para o Século XXI) História, Cultura e Ciência na Madeira* (pp. 445-451). Esfera do Caos Editores.

Lessard-Hébert, M., Goyette, G., & Boutin, G. (2008). *Investigação Qualitativa*. (3.<sup>a</sup> ed.). Instituto Piaget.

Levinson, J. (2020). *Investigações Estéticas. Ensaios de Filosofia da Arte*. Edições Afrontamento.

Lima, M. (2018). *Nós e os outros: o poder dos laços sociais*. Fundação Francisco Manuel dos Santos.

Lima, M. (2000). *Inquérito Sociológico* (5.<sup>a</sup> ed.). Editorial Presença.

Martindale, C. (2011). Estética e Cognição. Em J. Fróis (Coord.), *Educação Estética e Artística – Abordagens Transdisciplinares* (2.<sup>a</sup> ed., pp. 69-109). Fundação Calouste Gulbenkian.

Mateus, Augusto & Associados. (2010). *O setor cultural e criativo em Portugal – Relatório Final*.

Manso, A. (2008). *Para uma educação estética*. Marânus.

Mendes, A. (2012). *O que é Património Cultural*. Gente Singular.

Miguens, S. (2022). *Arte descomposta: Stanley Cavell, a estética e o futuro da filosofia*. Edições 70.

Moura, V. (2013). *A Identidade Cultural Europeia*. Fundação Francisco Manuel dos Santos.

Oliveira, G. (2015). A interculturalidade: Um paradigma Sociocultural e educativo a construir. *Errâncias do imaginário*. Universidade do Porto, Faculdade de Letras, 218-236.

Oliveira, M., & Milhano, S. (2010). *As Artes na Educação: Contextos de Aprendizagem promotores de Criatividade*. Folheto Edições & Design.

Pereira, C. (2016a). Diversidade Cultural como um direito humano: desafio para a contemporaneidade. *Bauru*. Vol. 4 (1), 97-114.

Pereira, J. (2016b). *O Valor da Arte*. Fundação Francisco Manuel dos Santos.

Pinto, I. (2016). Fronteiras e desafios da interculturalidade. *E-Revista de Estudos Interculturais do Centro de Estudos Interculturais – Instituto de Contabilidade e Administração do Porto*. Vol. 4, 1-10.

Pinto, M., Martins, T. & Silva, A. (2021) *Um observatório das Indústrias Criativas em Portugal*: O Obcrei.pt. FLUP – Artigo em Livro de Atas de Conferência Nacional, 98-111.

Pires, M. (2006). *Teorias da Cultura*. Universidade Católica Editora.

Rato, J. (2023). *Mente, Cérebro e Educação*. Fundação Francisco Manuel dos Santos.

Read, H. (2016). *Educação pela Arte*. Edições 70.

Rodrigues, D. (2002). *A infância da Arte, a arte da Infância*. Edições ASA.

Sobral, J. (2012). *Portugal, Portugueses: Uma Identidade Nacional*. Fundação Francisco Manuel dos Santos.

Sousa, J. (2020). Artes no Currículo: Expressão ou Educação?. Em A. Duarte & C. Nóbrega (Org.), *Educação, Artes e Cultura: Discursos e Práticas* (pp. 83-92). CIE-Uma.

Sousa, V. (2021). Identidade e Cultura. As identidades culturais num mundo globalizado. A lusofonia enquanto possibilidade intercultural. In M. Martins & R. Silva (Eds.), *Culturas e turismo: Reflexões sobre o património, as artes e a comunicação intercultural* (pp. 92-104). UMinho Editora/Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade.  
<http://doi.org/10.21814/uminho.ed.48.10>

Talon-Hugon, C. (2015). *A estética. História e Teorias*. Edições Texto & Grafia.

Tavares, C. (2018), O ensino das humanidades e as artes do que sentimos e o que podemos fazer. Em J. Queiroz & R. Oliveira (Org.), *Os Riscos da Arte: Formação e Mediação* (pp. 115-122). Centro de Investigação e Estudos em Belas-Artes (CIEBA).

UNESCO. (2001). *Declaração Universal Sobre a Diversidade Cultural*. UNESCO.

Valente, C. (2019). Educação Estética e Ensino da Estética: distâncias e cruzamentos. *Revista Matéria-Prima*. Vol. 7 (3), 199-207.

Valente, C. (2018). Narrativas da educação estética: num algures global. *Revista Portuguesa de Educação Artística*. Vol. 8 (2), 27-42.

Vasconcelos, L. (2006). Interculturalidade. *Mais definições em trânsito*. <http://www.cult.ufba.br/maisdefinicoes/INTERCULTURALIDADE.pdf>

Yenawine, P. (2011). Da teoria à prática: estratégias do pensamento visual. Em J. P. Fróis (Coord.), *Educação Estética e Artística – Abordagens Transdisciplinares* (2ª ed., pp. 193-202). Fundação Calouste Gulbenkian.

Vygotsky, L. (2009). *A Imaginação e a Arte na Infância*. Relógio D'Água Editores.

## **Legislação consultada**

Lei n.º 47/2004, de 19 de agosto. Diário da República, 1.ª série – A – N.º 195

Lei n.º 107/2001, de 8 de setembro. Diário da República, 1.ª série – A – N.º 209

Resolução da Assembleia da República n.º 10-A/2007, de 16 de março. Diário da República, 1.ª série – N.º 54

## **Anexos**

## A.1 – Fotografias das sessões de observação

### A.1.1 – “Cabeça nas Nuvens”





LUNA





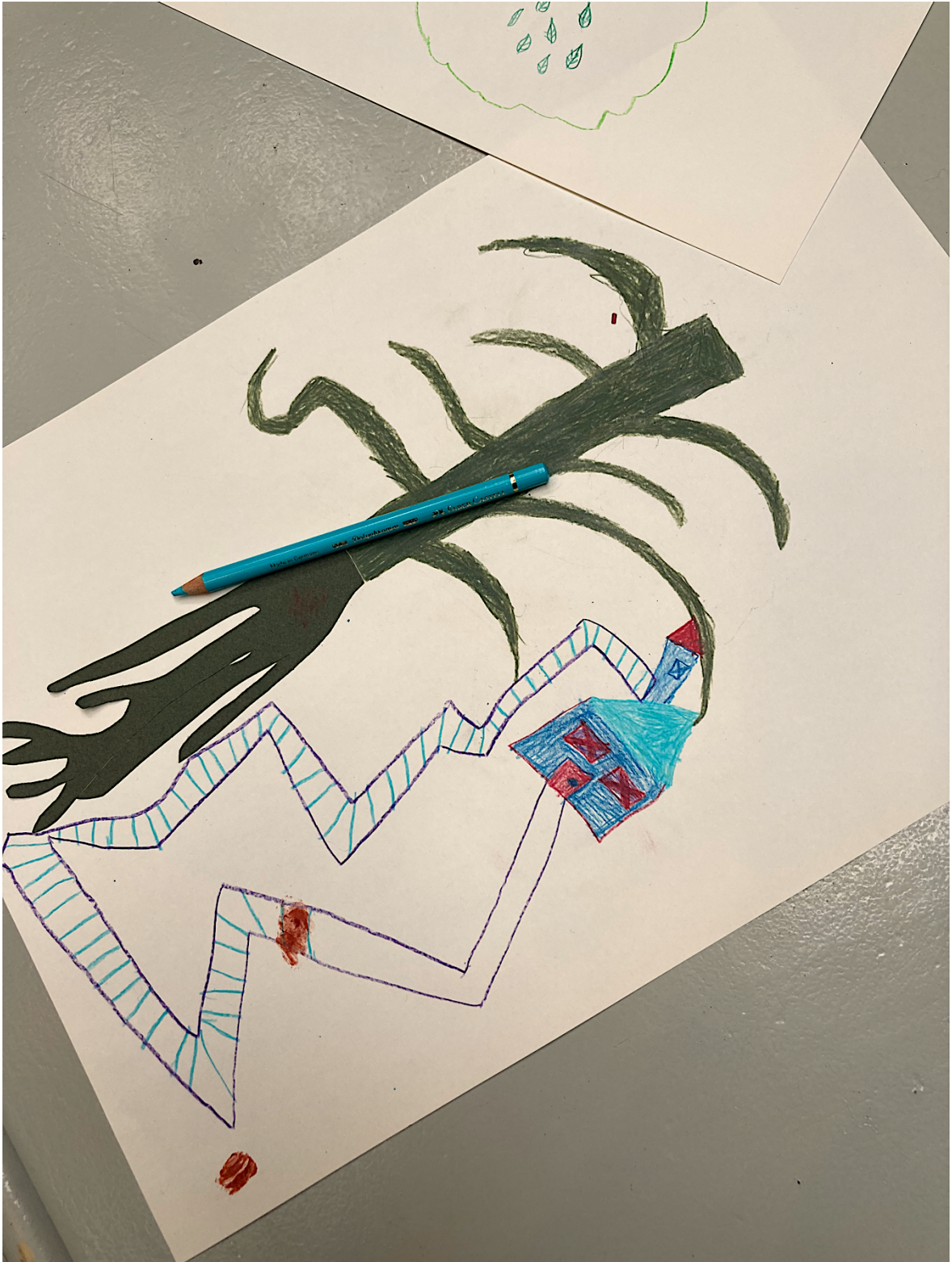




A.1.2 – “Raíces”









### A.1.3 – “A manta de retalhos”











